

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**Paisagem, Cultura e Identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul,
Mallet - PR**

Dissertação de Mestrado

ALCIMARA APARECIDA FOETSCH

**CURITIBA
2006**

ALCIMARA APARECIDA FOETSCH

**Paisagem, Cultura e Identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul,
Mallet - PR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Geografia, Curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientação: Prof^a Dr^a Cicilian Luiza Löwen Sahr.

**CURITIBA
2006**

Foetsch, Alcimara Aparecida
Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro
do Sul – Mallet – PR / Alcimara Aparecida Foetsch. - Curitiba, 2007.
110 f.: il., tabs, grafs.

Orientadora: Profa. Dra. Cicilian Luiza Lowen Sahr
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor
de Ciências da Terra, Curso de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui Bibliografia.

1. Poloneses – Mallet (PR). 2. Paisagens – Mallet (PR). 3.
Identidade etnica. 4. Identidade cultural. 5. Imigrantes
poloneses. I. Sahr, Cicilian Luiza Lowen II. Título. III.
Universidade Federal do Paraná.

CDD 918



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia, reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pela candidata **ALCIMARA APARECIDA FÖETSCH**, intitulada: "**PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE: OS POLONESES EM RIO CLARO DO SUL, MALLETT/PR**", para obtenção do grau de **Mestre** em Geografia/Turma Minter/FAFIUV/União da Vitória - Pr, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Dissertação com Menção **DISTINÇÃO**.

Curitiba, 18 de dezembro de 2006.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:

Dra. Cicilian Luiza Löwen Sahr
(Orientadora e Presidente da Banca)

Dra. Saete Kozel Teixeira - UFPR

Márcia Siqueira de Carvalho - UEL

Dedicatória...

Dedico essa pesquisa a: **Ana Levandowski Foetsch**, minha mãe.
Obrigada minha mãe polaca, por nunca me dizer que a vida era fácil,
mas por sempre me ensinar a encarar, com Deus, de frente os meus problemas.
Por me fazer entender (tantas e tantas vezes) que os meus valores são o que de
mais especial eu tenho...

Agradecimentos...

*Agradeço a Deus... pela vida, pelas possibilidades, pelos horizontes;

Agradeço a FAFI/UFPR... pela oportunidade;

*Agradeço a professora Cicilian... pela atenção sem limites, pela valiosa
contribuição e pelo grande carinho com o
qual sempre me atendeu;

*Agradeço ao meu pai e ao meu irmão... por serem meu
alicerce, minha sustentação;

*Agradeço a querida amiga Kelly... pelo ombro
amigo e pelas sábias palavras;

*Obrigada Dallan... pelo carinho, companheirismo e presença, adoro você...;

*Obrigada aos amigos e companheiros do curso de Mestrado, em
especial à você Mello;

*Agradeço a toda comunidade de Rio Claro do Sul... poloneses ou não,
não importa, acredito sim,
que este "lugar" será para sempre um pedacinho da Polônia,
um pedacinho abençoado pela *Czenstochowa*...

*“Em geral quando termino um livro encontro-me numa confusão de sentimentos, um misto **de alegria, alívio e vaga tristeza**. Relendo a obra mais tarde, quase sempre penso: ‘Não era bem isto o que queria dizer’”.*

Erico Veríssimo: **“O escritor diante do espelho”** (1966).

LISTA DE IMAGENS.....	vii
LISTA DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	viii
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE ESQUEMAS.....	viii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo I – PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE: REFLEXÕES TEÓRICO- CONCEITUAIS.....	12
1.1 A ABORDAGEM HUMANISTA E FENOMENOLÓGICA NA GEOGRAFIA	13
1.2 REFLETINDO SOBRE AS IDENTIDADES CULTURAIS, A “RAÇA” E A ETNICIDADE.....	18
1.3 A INFLUÊNCIA DOS FATORES CULTURAIS LOCAIS NA IDENTIDADE E NO IMAGINÁRIO.....	28
Capítulo II – EM BUSCA DA APREENSÃO DO LUGAR.....	34
2.1 RIO CLARO DO SUL, MALLETT/PARANÁ: BREVE CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR.....	35
2.2 A ETNICIDADE POLONESA EM RIO CLARO DO SUL.....	41
2.3 UMA METODOLOGIA PARA A PESQUISA DE CAMPO.....	45
2.3.1 Definindo a metodologia para estudo da dinâmica da paisagem cultural.....	46
2.3.2 Sociedade, Tempo e Contexto: elementos para a análise da relação dos habitantes com seu lugar.....	47
Capítulo III – RIO CLARO DO SUL: ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL E SUA DINÂMICA.....	53
3.1 A DINÂMICA DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA PAISAGEM	54
3.2 A DINÂMICA DOS ELEMENTOS SOCIAIS NA PAISAGEM	62
3.3 A INTEGRAÇÃO DOS NOVOS ELEMENTOS NA PAISAGEM	67
Capítulo IV – RIO CLARO DO SUL: A PERCEPÇÃO LOCAL DA DINÂMICA DA PAISAGEM.....	72
4.1 OS POLONESES DO LUGAR.....	74

4.2 A PERCEÇÃO DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA PAISAGEM.....	78
4.3 A PERCEÇÃO DOS ELEMENTOS SOCIAIS NA PAISAGEM.....	82
4.4 A PERCEÇÃO DOS NOVOS ELEMENTOS NA PAISAGEM.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	100
ANEXOS.....	107

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01 – Nossa Senhora de Monte Claro.....	56
IMAGEM 02 – Altar principal da Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	56
IMAGEM 03 – Igreja Nossa Senhora do Rosário na década de 1930.....	57
IMAGEM 04 – Igreja Nossa Senhora do Rosário em 2006.....	57
IMAGEM 05 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes.....	58
IMAGEM 06 – Primeiro hospital de Rio Claro do Sul.....	60
IMAGEM 07 – Imagem do local onde existia o primeiro hospital.....	60
IMAGEM 08 – Atual Colégio das Irmãs.....	60
IMAGEM 09 – Fundos do Colégio, ao lado da Igreja.....	60
IMAGEM 10 – Sede de Encontros da Igreja Assembléia de Deus.....	61
IMAGEM 11 – Antiga residência que atualmente serve de sede de Encontros de uma instituição não católica, na Avenida João Pessoa, S/N.....	61
IMAGEM 12 – Inauguração do Grupo Escolar de Rio Claro do Sul, em 1952.....	62
IMAGEM 13 – Atual Escola Estadual Adão Sobocinski.....	62
IMAGEM 14 – Atual escola Municipal Nossa Senhora de Monte Claro - E.I.E.F.....	63
IMAGEM 15 – Inauguração da Casa do Povo (21 de junho de 1958).....	64
IMAGEM 16 – Sociedade “Casa do Povo” atualmente.....	64
IMAGEM 17 – Abertura do Natal na “Casa do Povo” em Rio Claro do Sul. O brasão da Polônia, as bandeiras do Brasil, da Polônia e do Paraná, a Nossa Senhora Negra de Czenstochowa e a Nossa Senhora Aparecida.....	65
IMAGEM 17.1 – Abertura do Natal, no Clube Casa do Povo, em Rio Claro do Sul.....	65
IMAGEM 18 – Selaria: indústria doméstica para curtir o couro e confecção de arreios para cavalos.....	66
IMAGEM 19 – Bar e lanchonete “Charrete’s lanches”, na rua Adolfo Rehbein, S/N.....	68
IMAGEM 20 – Conjunto Habitacional “Vila Feliz”, também conhecido como Padre Zigmund, na Rua Adolfo Rehbein, S/N.....	68
IMAGEM 21 – Moradia comum que por algum tempo serviu também de Cartório de Registro Civil e que hoje inexistente, em seu lugar foi construído o Posto de Gasolina.....	69
IMAGEM 21.1 – Posto de Gasolina construído no lugar do antigo Cartório de Registro Civil.....	69
IMAGEM 22 – Imagem de um bar, na Rua Adolfo Rehbein, S/N. Uma construção que serve de moradia e bar conjugados.....	70
IMAGEM 23 – Antigo comércio, na Rua Adolfo Rehbein, S/N.....	70
IMAGEM 24 – Antiga construção, datada de 1928.....	71

IMAGEM 25 – Ampliação da construção anterior datada de 1928.....71

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Localização da região mais atingida pela Febre Brasileira em 1890.....37

FIGURA 02 – Localização de Rio Claro do Sul, no Município de Mallet/PR.....39

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Sobre o poder simbólico – Instrumentos Simbólicos.....19

QUADRO 02 – Sociedades pré modernas e as sociedades modernas.....24

QUADRO 03 – Entrada de imigrantes poloneses no Brasil.....36

QUADRO 04 – Habitantes e domicílios no distrito de Rio Claro do Sul.....40

QUADRO 05 – Primeiras famílias a chegarem em Rio Claro do Sul.....75

QUADRO 06 – Relação atual das famílias moradoras de Rio Claro do Sul.....76

QUADRO 07 – Trecho do Hino Nacional da Polônia.....84

QUADRO 08 – Letra do canto “Parabéns a você” (*Sto lat*).....84

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Características físicas das três “raças” principais da espécie humana.....21

TABELA 02 – Principais comemorações e celebrações polonesas em Rio Claro do Sul.....79

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 01 – Metodologia adotada para análise empírica em Rio Claro do Sul.....51

Paisagem, Cultura e Identidade: Os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet - PR

RESUMO

A presente pesquisa parte de uma abordagem humanístico-cultural - a fenomenologia, com contribuições específicas da arquitetura e da sociologia para analisar as ações, as relações, os significados e decodificar as simbologias que transformam os “espaços” em “lugares”. Apresenta-se uma discussão sobre paisagem, identidade cultural, “raça” e etnicidade tendo como pano de fundo a comunidade do distrito de Rio Claro do Sul, Mallet – PR, de onde inicialmente foram destacados elementos arquitetônicos intimamente relacionados com a identidade étnica dos que habitam o lugar, marcadamente os poloneses, para em seguida traçar considerações sobre as imagens como portadoras de simbolismo e como fonte de dados para o despertar do imaginário, partindo finalmente para uma proposta de caracterização do que vem a ser a identidade étnica polonesa no distrito. Percebeu-se inicialmente uma perda e alteração de elementos arquitetônicos na paisagem, além da inserção de novos, de onde se procurou demonstrar as relações entre a imagem ambiental (dado) e sua contribuição para o imaginário (processo). Utilizou-se da história oral, de entrevistas, depoimentos e de metodologias adequadas para o estudo da etnografia, o que permitiu acreditar que a identidade étnica polonesa no distrito é formada por três elementos principais: as marcas arquitetônicas na paisagem cultural e dois elementos estruturantes básicos de uma sociedade homogênea: a língua e a religião. Concluiu-se assim, que a população pioneira, a polonesa, não sofreu uma descaracterização de identidade, apenas se inseriu em uma dinâmica cultural. Notou-se também, ao contrário do que se pensava num primeiro momento, que os poloneses ao passo que vêm buscando manter suas características próprias (língua, ritos religiosos, hábitos, costumes, tradições, patriotismo) têm abandonando seu conservadorismo tradicional e buscado construir boas relações com os novos moradores que chegam ao local, isso para que estes últimos contribuam para uma reafirmação da identidade étnica polonesa em Rio Claro do Sul e não contribuam para sua descaracterização.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade cultural; paisagem; poloneses; Rio Claro do Sul.

Landscape, culture and identity: The Polish in Rio Claro do Sul, Mallet-PR

ABSTRACT

The present research comes from a humanistic-cultural approach – the phenomenology, with specific contributions of the architecture and sociology to analyze the actions, the relations, the meanings and decode the symbolism that change the “spaces” into “places”. There is a discussion about the landscape, cultural identity, “race” and ethnicity with the community of the district of Rio Claro do Sul, Mallet as the setting, from where firstly architectonic elements intimately related with the ethnic identity from the ones who live there were pointed out, mainly the Polish, and then to trace the final considerations about the images as beares of symbolism and as data source to the arousing of the imagination, straight finally to a proposal of characterization of what is the Polish ethnic identity in the district. It could be firstly realized a loss and alteration of the architectonic elements in the landscape, as well as the insertion of new ones, from where it was demonstrated by the relations between the environmental image (data) and its contribution to the imagination (process). Many elements were used such as oral history, interviews, statements and right methodologies to the study of the ethnography, what allowed to believe that the Polish ethnic identity in the district is formed by three main elements: the architectonic points in the cultural landscape and two other basic structuring elements of a homogeneous society: the language and the religion. It could be concluded that the pioneering population, the Polish, did not suffer any mischaracterization of the identity, it has only been inserted in a cultural dynamics. It was also realized that, in opposition of what was thought in a first moment, that the Polish are trying to maintain their own characteristics (language, religious rites, habits, traditions, patriotism) as well as abandoning their traditional conservatism and searching for good relations with the new residents that arrive there, this is to have their contribution to the reaffirmation of the Polish ethnic identity in Rio Claro do Sul and that they do not contribute for its mischaracterization.

KEY-WORDS: cultural identity, landscape, Polish, Rio Claro do Sul.

INTRODUÇÃO

Ao lançar um olhar sobre a constituição de uma sociedade e as características que esta imprime no lugar em que habita, percebe-se que o espaço, visto como algo abstrato, passa gradativamente a tomar uma conotação de lugar. Isso se deve principalmente ao fato de que são nas relações banais do cotidiano que se constroem laços afetivos e vastas associações com os mais variados pontos do lugar vivido.

Admitem-se inicialmente as controvérsias existentes na adoção e utilização dos conceitos de identidade cultural, “raça” e etnicidade, bem como o estabelecer de períodos modernos e pós-modernos; no entanto, sua utilização corriqueira sugere justamente uma rica e contemporânea discussão, sobretudo se há a possibilidade de situá-lo em uma porção do espaço transformada em lugar para uma comunidade que sugere as particularidades para tal abordagem.

Assim sendo, acreditando que cada grupo social, ou melhor, cada grupo étnico, busca manter incólume seu tradicional e cotidiano modo de vida, se torna interessante observar como determinados povos, no decorrer da história, após se depararem com a necessidade de uma mudança de nacionalidade passam a encarar um novo espaço e de que maneira tentam transformar esse novo espaço novamente em lugar. Enfocam-se nesta perspectiva, os imigrantes provindos da Polônia que se instalaram no distrito de Rio Claro do Sul, Mallet/PR.

Partindo da fenomenologia como aporte metodológico e do balizamento oferecido pela história, pela arquitetura e pela sociologia é que se pode, no âmbito da ciência geográfica, valorizar os estudos de ordem cultural sob a óptica do lugar.

A arquitetura contribui fornecendo os subsídios necessários para um entendimento da dinâmica espacial dos elementos materiais e móveis na paisagem cultural do ponto de vista da forma e da função. A sociologia permite o construir de um alicerce conceitual de cunho científico referente às sociedades, à nação, ao povo e à identidade. A história torna viável o estabelecer de uma cronologia espaço-temporal e o desvendar de acontecimentos fundamentais para o trabalho em questão. A geografia, por sua vez, através da vertente humanista e fenomenológica, abarca estas considerações e sugere uma aplicação prática nas relações construídas entre os moradores e sua “porção do espaço” transformada em lugar.

Nesta valorização dos estudos culturais, as marcas identitárias se apresentam como fontes promissoras para análises. Assim sendo, tendo como pano de fundo o núcleo central do distrito de Rio Claro do Sul, Mallet/PR, cujas características étnicas polonesas são relevantes, discute-se a paisagem como portadora de simbolismo e sua contribuição para o

despertar do imaginário – evidenciado no trabalho empírico; a identidade cultural, tomada como identidade étnico-cultural, sua descaracterização ou retomada; e, as relações dos moradores para com seu espaço vivido.

Ressalta-se que as comunidades polonesas que se formaram no Brasil durante todo o período de imigração certamente trouxeram consigo um profundo sentimento de patriotismo, fortes laços de religiosidade e uma necessidade constante de preservar sua identidade. Destes núcleos, alguns assimilaram os modos de vida da nova nação e “despolonizaram-se”, sobretudo devido à dispersão populacional, o que contribuiu para a limitação dos laços comuns, para estas a Polônia passou a ser um país distante não só geograficamente.

Outras, vivendo mais no interior, no meio rural, como estavam acostumadas em seu próprio país, longe da correria urbana, em condições de certo isolamento, conseguiram manter as peculiaridades que as caracterizam como um grupo étnico distinto. Acredita-se que isto tenha acontecido com a colônia de poloneses em Rio Claro do Sul.

Nesta localidade os poloneses foram os primeiros a fixar residência, num sistema considerado rural em virtude da própria característica camponesa. Objetivando observar as relações com o espaço vivido, apreendido e incorporado, valorizando os aspectos culturais étnicos abordou-se inicialmente alguns elementos que compõe a paisagem cultural, partindo num segundo momento para o discutir as associações entre os moradores, estes elementos delimitados e o despertar do imaginário. Isto para que se tornasse finalmente possível, uma discussão acerca do que vem a ser a identidade étnica polonesa no distrito e se esta foi sendo descaracterizada ou retomada, enfim, discutindo sua inserção na dinâmica cultural.

Capítulo I – PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE: REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

No transcorrer da febre brasileira, o nome do Paraná foi envolvido numa lenda criada pelas aldeias polonesas: Diz a lenda que o Paraná até então estava coberto por névoas e que ninguém sabia de sua existência. Era a terra em que corria leite e mel. Então a Virgem Maria, madrinha e protetora da Polônia, ouvindo os apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigia, dispersou o nevoeiro e predestinou-lhe o Paraná. (WACHOWICZ, 1971, p.45).



Imagem da atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul.
Fonte: FOETSCH, 2006.

Capítulo I – PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE: REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

Neste primeiro momento realizam-se algumas reflexões teórico conceituais acerca da geografia humanista e dos aspectos de ordem cultural, valendo-se da fenomenologia com o intuito de destacar o papel da abordagem humanista na geografia, bem como de que maneira o aporte fenomenológico fornece os subsídios necessários para um estudo operacional dos valores afetivos e culturais numa dada porção do espaço.

Em seguida, discute-se a paisagem como portadora de simbolismos culturais, atribuindo ao homem o papel de agente transformador da natureza e valorizando a interação entre elementos naturais e culturais. Para tanto, se faz também necessário refletir sobre as identidades no tempo, nos lugares, na história, analisando os processos de desvincular, afirmar, descaracterizar ou até desalojar estas identidades frente à dinâmica cultural, questionando também alguns conceitos de raça e etnicidade.

Busca-se, portanto, tecer considerações acerca das imagens ambientais e de como estas contribuem para a construção do imaginário, através do que se convencionou chamar “imagens públicas”. Estas permitem o avaliar do que mais se destaca topofílica e topofóbicamente na paisagem e no imaginário dos habitantes do lugar.

1.1 A ABORDAGEM HUMANISTA E FENOMENOLÓGICA NA GEOGRAFIA

Na evolução do pensamento geográfico, inúmeras foram as vertentes que surgiram e nortearam análises e pesquisas, algumas encontraram seu lugar e deram frutos, outras acabaram perdendo seu espaço. A incorporação da filosofia humanista em seu paradigma cultural pela geografia viabilizou o estudo das subjetividades, do simbolismo e das significações, onde a fenomenologia, ao abarcar o conceito de "mundo vivido", tornou possível estudos acerca da alma dos lugares.

Ao contrário do que se pensa, a geografia humanista possui raízes antigas de onde se pode destacar as contribuições dos princípios orientadores da chamada Escola Francesa Tradicional por sua ênfase na necessidade e importância de contatos prolongados e até de vivência do geógrafo com os lugares e as paisagens.

Esse horizonte humanista, considerado como um movimento integrado e coerente ao buscar estabelecer uma ponte entre o passado clássico e as novas tendências, encontrou no arcabouço da geografia um alicerce. A redescoberta da obra de Eric Dardel emergiu como "libertadora", uma manifestação claramente humanista nos tempos modernos, uma “*pièce de resistance*” ao cientificismo racionalista, rebatendo as visões tecnocráticas e

quantitativas ao procurar analisar também as relações empáticas do ser (GOMES, 2000, p. 313).

Geógrafo, Dardel destacou-se pelas pesquisas realizadas acerca dos lugares. Era um professor de Liceu que em 1952 publicou uma obra intitulada "*L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*", na qual as interpretações variam de acordo com o gênero do humanismo que se pretende valorizar, uma vez que certos geógrafos encontram raízes de uma perspectiva semilógica na proposição de Dardel ao decifrar a terra com uma escrita; ao passo que outros sublinham a influência de Heidegger e da fenomenologia; outros ainda indicam uma "geopoética" em sua obra, um encontro entre geografia e arte. Indiscutivelmente, tais diferenças de interpretação destacam cada vez mais a diversidade de ópticas do humanismo na geografia (ibid., p. 314).

Somente em 1976, Yi-Fu Tuan propõe falar claramente de uma abordagem humanista na geografia. Esta corrente surge como um componente indispensável de toda a "démarche" geográfica já que a proposta insiste sobre a importância do vivido, sobre o sentido dos lugares, o peso das representações religiosas; enfim, é necessário conhecer a lógica profunda das idéias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como influem sobre a sua ação e percepção (CLAVAL, 1999, p.52). Neste sentido, Merleau-Ponty (1999) acrescenta que "a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles" (p.6).

Em um livro intitulado "Fenomenologia da Percepção", Maurice Merleau-Ponty discute o que é a fenomenologia. É uma ciência, mas é também uma filosofia que repõe as essências na existência, é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vivididos", onde:

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem - primeiramente nós apreendemos o que é uma floresta, um Prado ou um riacho. Esse movimento é absolutamente distinto do retorno idealista à consciência, e a existência de uma descrição pura exclui tanto o procedimento da análise reflexiva quanto o da explicação científica (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4).

Descartes e, sobretudo, Kant desligaram o sujeito da consciência, demonstrando que não se pode aprender coisa alguma como existente, se primeiro não se experimentasse existente no ato de aprendê-la, fazendo assim aparecer a consciência.

Entrikin (1980) entende e classifica a fenomenologia como um termo freqüentemente utilizado pelos geógrafos humanistas em sua abordagem e que começou a se destacar em dois artigos na revista *The Canadian Geographer*, sendo um de Edward Relph e outro de Yi-Fu Tuan e a partir daí tantos outros geógrafos sugeriram e aplicaram esta perspectiva

fenomenológica para os estudos na geografia. Teixeira (2001, p.35) também destaca que a grande ênfase gerada pelos efeitos da vertente fenomenológica ocorreu inicialmente nos Estados Unidos e Canadá com Yi-Fu Tuan e também com Edward Relph, uma vez que os trabalhos destes salientavam a importância dos lugares, dos significados e das representações, ressaltando as relações entre fenomenologia e geografia.

Anne Buttimer (1985) em um artigo intitulado “Aprendendo o dinamismo do mundo vivido” dirige a atenção do geógrafo para o conceito de mundo vivido onde o positivismo é rejeitado como método porque separa o observador daquilo que ele está estudando, gerando uma falha ao apreciar a experiência humana; da mesma forma o idealismo é rejeitado porque aceita a existência de um mundo real fora da consciência individual.

No entanto, a fenomenologia consiste em um caminho para a compreensão em uma análise do mundo vivido, uma vez que ajuda a elucidar como os significados em experiências pretéritas podem influenciar e modelar o presente, resultando numa compreensão das ações do homem tais como ele as entende e não através de modelos e teorias abstratos. Neste sentido, conhecer o mundo é conhecer a si mesmo, e o estudo das paisagens é o estudo das essências das sociedades que a modelaram (BUTTIMER, 1985).

Oliveira e Del Rio (1999, p.125) ressaltam a importância das considerações de Collot (1986)¹ para os estudos do mundo vivido, onde o referido autor acredita que não se pode falar em paisagem a não ser a partir de sua percepção. Collot acredita que a paisagem se define como espaço percebido onde o sujeito não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza e confere-lhes sentido. Sugere uma interligação entre três elementos essenciais para uma definição de paisagem percebida: o ponto de vista, a parte e, a unidade ou conjunto.

Essas interligações sugerem o fato de que na paisagem o sujeito e o objeto são inseparáveis, portanto, a paisagem deve ser considerada não somente em função de onde ela é observada, pois se chegaria a uma definição simplista de que é “tudo o que se vê”, seria incompleta e falha por se limitar ao espaço que “os olhos podem perceber”, mas deve ser visualizada como um “conjunto” onde as lacunas são preenchidas pela percepção que ultrapassa o simples dado sensorial. A noção de escala é, portanto, para Collot, inseparável da noção de paisagem.

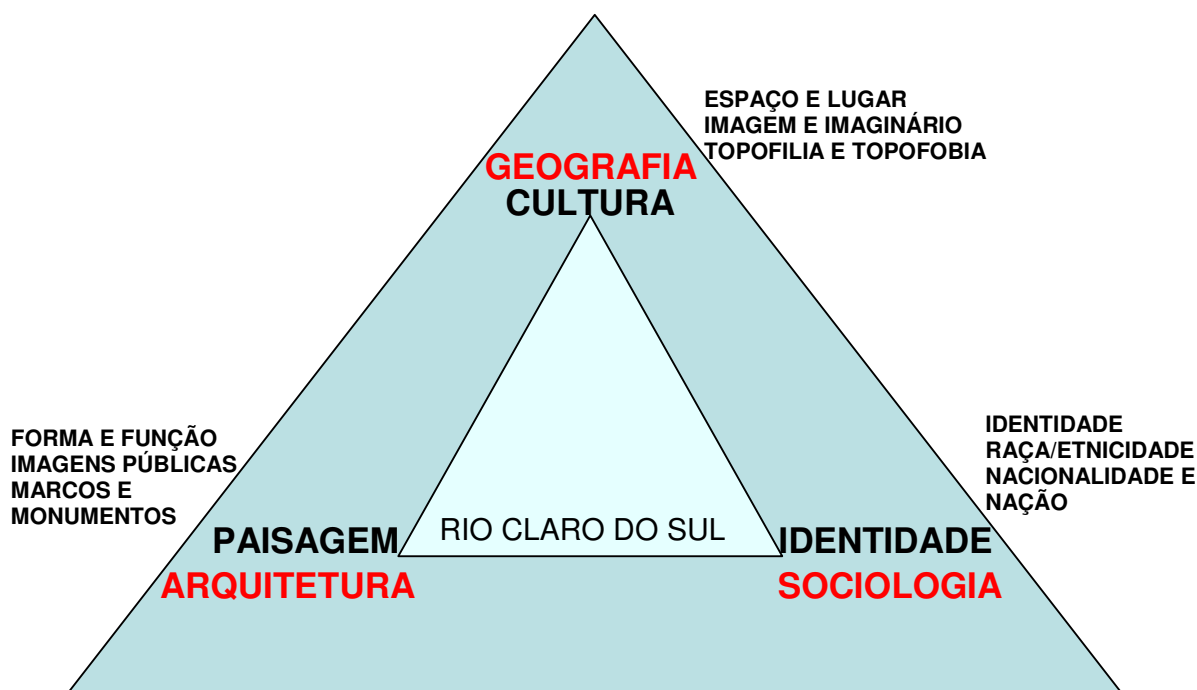
Com notória importância atribuída à cultura, Paul Claval (1999) acredita que “não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais” (p.420), isto porque estes explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e a conservação das paisagens. Ele atribui ao homem o papel de agente transformador da

¹ Referência completa e original da obra: COLLOT, M. *Points de vue sur la representation des paysages*. In: *L'Espace Géographique*, n.3. Doin, 8, plce de l'Odéon, Paris-VI^e, 1986.

paisagem, pois diferentes grupos culturais provocam transformações diferenciadas, criando assim, uma preocupação maior com os sistemas culturais do que com os próprios elementos físicos da paisagem.

Assim sendo, na presente pesquisa se utiliza de uma abordagem de integração entre a Geografia, a Arquitetura e a Sociologia por acreditar que estas ciências abarcam os conceitos fundamentais para a realização da mesma:

ESQUEMA 1 – PROPOSTA DE ABORDAGEM: INTEGRAÇÃO



Org: FOETSCH, 2006.

Com relação aos estudos acerca da paisagem, sabe-se que apesar deste conceito estar bastante assimilado pela geografia, os significados do termo se diversificam e se tornam mais complexos conforme a necessidade de quem o elabora e aplica. No entanto, há certos parâmetros comuns, como a afirmação de que a existência humana deve ser considerada, mantidos nas definições. Porém, muito embora o paradigma cultural seja admitido como consenso, alguns estudos sobre paisagem, em ênfases diferenciadas, nem sempre consideram as sociedades humanas no mesmo nível que as outras variáveis.

Georges Bertrand (1971), geógrafo francês, apesar de apresentar uma perspectiva física, não privilegia nem a esfera natural nem a humana, acredita que sociedade e natureza estão relacionadas entre elas formando uma só "entidade" de um mesmo espaço geográfico.

Ele traz que:

[...] a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 1971, p. 02).

Para este autor, as diferenças de abordagem podem ser questão de método, envolvendo a análise e a classificação das paisagens, onde o interesse definirá o assunto, e o método os objetivos, sendo que a escala utilizada permitirá detalhes ou imporá os limites de mapeamento e análise.

Roberto Lobato Correa (1997) ao retratar as trajetórias geográficas propõe alguns temas para a análise da dimensão cultural do espaço. Nesta temática apresenta a paisagem cultural como sendo “um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si tanto no espaço como nos campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza” (p.289). Nesta perspectiva, a paisagem emerge como resultado de uma dada cultura que a modelou, expressando-a em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos.

No que concerne à percepção ambiental e cultura, o citado autor contribui ao acrescentar que “a percepção do ambiente tem uma base eminentemente cultural” (ibid., p.292), sendo que esse ambiente geográfico é constituído pela natureza e pelo espaço socialmente produzido, do qual o homem é parte integrante. No entanto, o ambiente geográfico não é percebido e vivenciado pelos diferentes grupos sociais de uma maneira igualitária, abrindo assim um leque viável de estudos locais diferenciados e também possibilitando o estabelecer de comparações.

Dessa forma, valendo-se das contribuições oferecidas pelo humanismo e pela fenomenologia ao abarcar os estudos sobre o mundo vivido é que se pode discutir as questões de ordem cultural valorizando a intervenção humana na paisagem de modo a construir um reflexo material e imaginário de quem a modelou. Abre-se um parênteses para ressaltar que os grupos étnicos, os quais exaltam seu simbolismo característico buscam expressar visual e cotidianamente suas peculiaridades transformando uma porção do espaço em “lugar”.

No entanto, para decodificar tais simbologias e retratar um lugar fruto da cultura de um povo, torna-se necessário uma discussão teórica acerca dos conceitos de identidade cultural, raça, etnicidade, povo e nação, para que estes não acabem por serem tomados como sinônimos. Assim, somente após o entendimento destas conceituações é que se pode buscar entender de que maneira a paisagem vista como algo construído culturalmente pode despertar o imaginário e aprofundar as relações dos moradores para com seu lugar.

1.2 REFLETINDO SOBRE AS IDENTIDADES CULTURAIS, A “RAÇA” E A ETNICIDADE

Com vistas nas peculiaridades que os diferentes povos buscam manter em seu lugar, percebe-se que os sistemas de comunicação globalmente interligados, as imagens e influências da mídia, a busca pela inserção no mercado mundial de estilos e a velocidade das informações contribuem para desvincular, descaracterizar e até desalojar as identidades culturais no tempo e nos lugares. Esta compressão de distâncias e das escalas temporais possibilita a exposição das culturas locais a influências externas, tornando difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir seu enfraquecimento em virtude do bombardeamento e infiltração de outras culturas.

Frente a estas considerações, torna-se difícil conceber a existência de sociedades auto-suficientes, ou seja, fechadas ao mundo exterior. No entanto, percebe-se que algumas comunidades tendem a se retrair até o instante em que se torne impossível o afastamento das outras sociedades. É neste sentido que o capitalismo e a globalização contribuem para a mitigação das fronteiras culturais e a homogeneização das relações sociais, fazendo com que as crenças e hábitos, ou seja, o professor de simbolismos seja descaracterizado no tempo e no espaço por algumas comunidades, ao passo que, outras, podem vir a retomar tais características, consideradas por estas como seus símbolos.

Pierre Bordieu (2003) ao se referir ao poder simbólico (Quadro 01), o caracteriza como sendo invisível, só podendo ser exercido “com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p.07). Nesta óptica, apresenta algumas classificações, dentre elas: os sistemas simbólicos considerando a arte, a religião, a língua, como estruturas *estruturantes*; e por outro lado, os sistemas simbólicos como estruturas *estruturadas*, ou seja, passíveis de uma análise estrutural.

como estruturas estruturantes	como estruturas estruturadas
Instrumentos de conhecimento e da construção do mundo subjetivo	Meios de comunicação (língua ou culturas, vs. discurso ou conduta)
Formas simbólicas	Objetos simbólicos
Estruturas subjectivas (modus operandi)	Estruturas objectivas (opus operatum)
Kant-Cassirer	Hegel-Seassure
Significação: objectividade como concordância dos sujeitos (consenso).	Significação: sentido objectivo como produto da comunicação.

QUADRO 01: SOBRE O PODER SIMBÓLICO – Instrumentos Simbólicos.
 Fonte: BORDIEU (2003, p.16) adaptado por FOETSCH (2006).

Os sistemas simbólicos, entendidos como estruturas *estruturantes* (mito, língua, arte, ciência) provindos da tradição neo-kantiana, são vistos como instrumentos do conhecimento e da construção do mundo dos objetos, como “formas simbólicas” que na inscrição de Durkheim tomam os fundamentos de uma sociologia das formas simbólicas para se tornarem “formas sociais, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas” (ibid., p.08).

Nesta abertura e considerando os sistemas simbólicos, entendidos como *estruturas*, percebe-se que se tratam de particularidades que distinguem o grupo dos demais e fazem parte de um sistema particular e característico socialmente. Sabe-se que, natural, biológica e culturalmente, cada comunidade busca manter suas características, seus hábitos e costumes, enfim o que se poderia chamar de sua “identidade”, com a intenção de evitar a exposição e a descaracterização do que se poderia chamar de sua “cultura”.

Tais estruturas estruturadas são passíveis de uma análise, o que se constitui num instrumento metodológico que torna possível apreender a lógica específica de cada uma das formas simbólicas, uma análise que tem em vista isolar a estrutura imanente a cada produção simbólica. Dessa forma, acredita-se que os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados.

O poder simbólico, visto como uma estrutura estruturante, vale-se das formas simbólicas e das estruturas subjetivas, valorizando assim a significação, neste caso a objetividade como um consenso entre os sujeitos, ao passo que a estrutura estruturada pressupõe a significação como produto da comunicação em uma estrutura objetiva.

Nessa discussão sobre simbolismo, Bordieu (2003) ao trabalhar a questão da identidade e da representação, acredita que a procura de critérios objetivos tanto para identidade regional, quanto étnica deve estar pautada no fato de que na prática social esses critérios são objetos de representações “mentais” (como língua, sotaque), e de representações “objectuais” (como emblemas, bandeiras, construções), ou seja, estruturantes e estruturadas, onde “por outras palavras, as características que os etnólogos e os sociólogos objectivistas arrolam funcionam como sinais, emblemas ou estigmas, logo que são percebidas e apreciadas como o são na prática” (p. 112).

Giddens (2005) acrescenta que “o conceito de raça é um dos mais complexos da Sociologia, principalmente devido à contradição entre seu uso cotidiano e sua base científica (ou inexistência desta)” (p.205) o que ocorre é que as pessoas passam a acreditar que os seres humanos podem ser separados em diferentes raças biologicamente, isso se prova nos estudos de alguns autores que distinguem quatro ou cinco raças principais ao passo que outros chegam a reconhecer três dúzias.

O início dos estudos sobre a raça se deu no final do século XVIII e início do século XIX com o intuito de justificar a ordem social emergente à medida que a Inglaterra e outras nações da Europa tornavam-se potências imperiais e submetiam outros territórios e povos a seu domínio. Nesta época, o conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) propôs a existência de três raças, sendo os brancos, negros e amarelos (que mais tarde influenciariam Adolf Hitler e sua ideologia nazista).

Nos estudos sobre “raça”, a cor da pele se mantém como a diferença mais óbvia na qual pode se basear uma classificação. Anderson e Parker (1971) apresentam em destaque algumas das características das três raças mais reconhecidas:

TABELA 01: CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DAS TRÊS RAÇAS PRINCIPAIS DA ESPÉCIE HUMANA

Traço	Caucasóide	Mongolóide	Negróide
Cor da pele	Do branco ligeiramente avermelhado ao moreno claro; às vezes, moreno escuro.	Do amarelo claro ao amarelo tendendo para o moreno; às vezes, moreno avermelhado.	Do moreno ao preto; às vezes, moreno amarelado.
Estatura	Média para alta	Média-alta a média-baixa	Alta a muito baixa
Formato do crânio	Longo a largo e baixo: meio alto a muito alto.	Predominantemente largo; altura mediana.	Predominantemente longo; altura baixa a média.
Rosto	Estreito a meio largo; maxilar não é saliente.	Meio largo a muito largo; maçãs do rosto salientes e achatadas.	Meio largo a estreito; maxilar frequentemente saliente.
Cabelo	Da cabeça: cor, louro claro a castanho escuro; textura média a boa; forma, lisos a ondulados. Do corpo: moderado a confuso.	Da cabeça: cor, castanho a castanho-preto; textura, comum; forma, lisos. Do corpo: esparso.	Da cabeça: cor, castanho-preto; textura, comum; forma, ligeiramente encaracolado ou encarapinhado. Do corpo: tênue.
Olhos	Cor: azuis claros a castanhos escuros; vez por outra do tipo rasgado.	Cor: castanhos a castanhos escuros; muito comum a tipo rasgado com o canto interno volumoso.	Cor: castanhos a castanho-pretos; comum o tipo vertical.
Nariz	Corpo geralmente pronunciado; forma de estreita a meia larga.	Corpo geralmente achatado a médio; forma meio larga.	Corpo geralmente achatado; forma de meio larga a meio larga.
Compleição	Franzino o corpulento; esbelto a brutalhado.	Tende para ser corpulento; ocasionalmente para franzino.	Tende para ser corpulento e musculoso, mas ocasionalmente é franzino.

Fonte: ANDERSON e PARKER (1971, p.577). Adaptado por FOETSCH (2006)

Para uma análise do ponto de vista da Sociologia, os cientistas sociais sustentam a raça como um conceito vital, ainda que altamente contestado, a ser utilizando entre aspas para refletir seu uso enganoso, mas corriqueiro. Então, a raça pode ser entendida “como um conjunto de relações sociais que permitem situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos ou competências com base em aspectos biologicamente fundamentados” (GIDDENS, 2005, p.205).

Ao clarificar a noção de raça, cuja idéia implica a noção de algo definitivo e biológico, Giddens (2005) apresenta também o conceito de etnicidade, com um significado puramente social, onde “a etnicidade refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas e que as distingue das outras” (p.206). Ou seja, diferentes características podem servir para distinguir um grupo étnico de outro, dentre eles a língua, história ou linhagem, religião, os estilos de roupas, adornos e hábitos.

No entanto, os mais modernos antropologistas físicos levantam sérias dúvidas a respeito da validade dos conceitos tradicionais, aferições e classificações sobre raça. Anderson e Parker (1971) acrescentam que “já foi até mesmo sugerido que o termo ‘raça’ seja definitivamente abandonado” (p.584), ainda para eles “raça, como conceito científico, aplica-se unicamente aos agrupamentos biológicos de tipos humanos” (ibid., p.576), isto se refere aos grupamentos de pessoas que tem em comum certo conjunto de características físicas inatas e uma origem geográfica dentro de uma determinada área.

Portanto, ao passo que o conceito de raça implica a noção de algo definitivo e biológico, sendo baseado nos atributos biologicamente fundamentados, o conceito de etnicidade não pressupõe nada inato, trata-se de um fenômeno puramente social, produzido e reproduzido ao longo do tempo, onde através da socialização o indivíduo assimila os estilos de vida, normas e crenças de suas comunidades. Ressalta-se que a etnicidade pode ser central para a identidade do indivíduo e do grupo oferecendo uma linha de continuidade com o passado, mantida viva através das práticas das tradições culturais, não sendo estática nem imutável, mas variável e adaptável.

Mas o que vem a ser identidade cultural? Talvez deva-se falar de identidade “étnico-cultural”, pois, ao se retratar de identidade de uma cultura, deve-se localizá-la num determinado tempo e espaço e no interior de um grupo. Por sua vez, essa identidade estaria articulada a uma identidade nacional, determinada também historicamente.

Essa discussão sobre identidade étnica ou regional, no que diz respeito a propriedades ligadas à origem ou ao lugar de origem, Bordieu (2003) classifica como um caso popular das lutas de classificações, de dar e se fazer conhecer, de fazer ou desfazer grupos, ou “a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objectivas e intencionais) da identidade social” (p.124).

Essa questão simbólica envolve também certa dominação, ou melhor, a intimidação quando o que está em jogo não é a conquista nem a re-conquista de uma identidade, mas a “reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação de sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou nega-se” (p.125).

Nestas concepções de construção, avaliação, descaracterização ou retomada de identidades, insere-se o lugar, que focado sob objeto de análise pode ser trabalhado por variados ângulos: como um conjunto de imagens, como unidade espacial, ou ainda na relação íntima com seus habitantes, uma relação de identidade. Nesta discussão sobre identidade, Mela (1999) aponta que para o indivíduo que opera num sistema social a identidade se apresenta como resultado de um confronto com os outros, o que o leva a construir uma representação de si próprio, de sua unidade pessoal, do papel desempenhado na sociedade. E como esse processo se desenrola através da relação com os outros, existe uma interação contínua entre a construção de sua própria identidade, conseguida pelo indivíduo na primeira pessoa e o reconhecimento dela por parte dos outros.

Em um capítulo intitulado “Identidades culturais: Uma discussão em andamento”, Escosteguy (2001) acredita que esse debate tornou-se um problema teórico a partir da modernidade, que foi quando a identidade passou a ser encarada como algo sujeito a mudanças e inovações, tema esse relacionado a sua inserção no mundo, sobre os indivíduos e suas identidades pessoais.

A mesma autora acredita que antes de adentrar no debate da constituição, retomada ou descaracterização das identidades culturais é preciso fazer referência ao contexto desta temática: modernidade ou pós-modernidade? Para Escosteguy (2001) “a primeira condição é reconhecer a desestabilização gerada pela modernidade nessa discussão, assim como as implicações da problemática da pós-modernidade e seu interesse na (re)construção das identidades” (p. 141); no entanto, acredita que não há a necessidade de discutir, mesmo que de forma genérica, as definições propriamente ditas de modernidade e pós-modernidade. Muitos teóricos já tratam do assunto do ponto de vista da filosofia, sociologia, arquitetura e outros ramos da ciência, e diante da polêmica instaurada em torno do rumo destas relações, qualquer definição apresentada neste momento poderia ser contraditória.

Para Giddens (2002) a modernidade rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, “substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais” (p.38), ao passo que a “pós-modernidade se refere a algo diferente, uma trajetória de desenvolvimento social rumo a um novo e diferente tipo de ordem social” (id., 1991, p. 52); no entanto, acha que pós-modernidade é mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos na literatura, artes

plásticas e arquitetura, dizendo respeito à aspectos da reflexão estética sobre a natureza da modernidade. E acrescenta: “Não vivemos ainda num universo pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas” (id., 2002, p.58).

Ele coloca um ponto final na discussão entre modernidade e pós-modernidade ao afirmar:

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, 1991, p.12)

Assim sendo, pode-se considerar o período atual como moderno e não como pós-moderno. Giddens (1991) ainda contribui estabelecendo um paralelo entre a antiga sociedade pré moderna e a atual sociedade moderna, onde acredita que modernidade solapa a confiança fundada nos valores tradicionais e pressupõe um novo ambiente em que possa se desenvolver a “segurança ontológica²” (ser no mundo). Essa segurança é o sentimento que se vincula à rotina e à influência do hábito produzindo um novo ambiente de confiança, como se pode observar no Quadro 2.

	PRÉ-MODERNAS	MODERNAS
AMBIENTE de CONFIANÇA	Contexto geral: importância excessiva na confiança localizada	Contexto geral: relações de confiança em sistemas abstratos
	1. <i>Relações de parentesco</i> : como um dispositivo de organização para estabilizar laços sociais através do tempo-espaço. 2. <i>A comunidade local</i> como um <i>lugar</i> , fornecendo um meio familiar. 3. <i>Cosmologias religiosas</i> como modos de crenças e práticas rituais fornecendo uma interpretação providencial da vida e humana e da natureza. 4. <i>Tradição</i> como um meio de conectar presente e futuro; orientada para o passado em tempo reversível.	1. <i>Relações pessoais</i> de amizade ou intimidade sexual como meios de estabilizar laços sociais. 2. <i>Sistemas abstratos</i> como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo-espaço. 3. <i>Pensamento orientado para o futuro</i> como um modo de conectar passado e presente.

² A segurança ontológica “se refere à crença que a maioria das pessoas têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes”. (GIDDENS, 1991, p. 95).

AMBIENTE de RISCO	<p>1. Ameaças e perigos emanando da <i>natureza</i>, como a prevalência de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações ou outros desastres naturais.</p> <p>2. A ameaça de <i>violência humana</i> por parte de exércitos pilhadores, senhores de guerras locais, bandidos ou salteadores.</p> <p>3. Risco de uma <i>perda da graça religiosa</i> ou de influência mágica maligna.</p>	<p>1. Ameaças e perigos emanado da <i>reflexividade</i> da modernidade.</p> <p>2. A ameaça de <i>violência humana</i> a partir da industrialização da guerra.</p> <p>3. A ameaça de <i>falta de sentido pessoal</i> derivada da reflexividade da modernidade enquanto aplicada ao eu.</p>
--------------------------	---	---

QUADRO 02: SOCIEDADES PRÉ MODERNAS E SOCIEDADES MODERNAS.
 Fonte: GIDDENS (1991, p. 104). Adaptado por FOETSCH (2006).

Como se pode perceber, tanto nas sociedades pré-modernas como nas sociedades modernas existiam os ambientes de confiança e os ambientes de risco. Os primeiros estabeleciam condições sociais básicas para a sobrevivência como relações de parentesco, meio familiar, orientação de pensamento e tradições. Os segundos relatam e explicam as condicionantes impostas à sobrevivência como os perigos emanados da natureza, a violência, a perda da religiosidade e a falta de sentido pessoal.

Convém ressaltar as preocupações de Stuart Hall (2005) ao analisar a questão da identidade cultural na pós-modernidade. Este acredita que o final do século XX introduz uma discussão acerca de uma possível crise de identidade do sujeito em face de uma mudança estrutural que fragmenta e desloca as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Ao abordar este tema, Hall (2005) acredita que as velhas identidades, “que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (p.07), partindo do pressuposto que as identidades estão sendo descentradas, deslocadas e fragmentadas gerando identidades híbridas e impuras.

Tratar-se-á nesta pesquisa do reconhecimento da diversidade cultural na “contemporaneidade”, termo enunciado por Stuart Hall e adotado por Escosteguy (2001, p. 148) e escolhido justamente pelo impasse encontrado ao se definir critérios para estabelecimento do fim da modernidade ou do início da pós-modernidade e até das contradições existentes nesta última. Assim, o termo contemporaneidade sugere a **atualidade** dispensando o estabelecer de períodos modernos e/ou pós-modernos.

Hall (2005) ressalta a dificuldade de conceituar identidade, uma vez que se trata de um termo “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (p.08). Com vistas a suprir essa necessidade conceitual, apresenta três concepções de identidade de uma forma simplificada, mas fundamental para o desenrolar do discurso.

Em primeiro, o sujeito do *Iluminismo*, sujeito totalmente centrado, unificado, de concepções individualistas e masculinas; em segundo, a noção de sujeito *Sociológico*, que remete ao fato do sujeito não ser mais autônomo e auto-suficiente, e sim formando na sua relação com outras pessoas, que significavam para estes valores e simbologias no mundo no qual habitava, prevalecia uma concepção interativa; e por terceiro e último, o sujeito *Pós-moderno*, conceptualizado por não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente, é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p.13).

Nestas concepções, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Portanto, a identidade é definida histórica e não biologicamente. A modernidade faz surgir uma forma nova e decisiva de “individualismo” com certa ruptura com o passado, onde até então se acreditava que as tradições e estruturas eram estabelecidas divinamente e, portanto não estavam sujeitas a mudanças e/ou contradições.

A identidade é, assim, “[...] realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade” (HALL, 2005, p.38), ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. O autor sugere, desta forma, em vez de falar em identidade acabada, falar em identificação, e vê-la como um processo em andamento.

Definir-se como sendo português, inglês ou indiano é falar metaforicamente, uma vez que essas “identidades” não estão literalmente impressas em nossos genes. No entanto, as culturas nacionais representam uma das principais fontes de identidade cultural. Nesta óptica, a nação não é apenas a entidade política, mas sim algo que produz sentidos, como um sistema de representação cultural.

Para Hall (2005), “uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade’” (p.49). Percebe-se então, que se criou um teto-político onde as diferenças regionais e étnicas foram sendo colocadas, se tornando uma fonte poderosa de significados para uma cultura diversificada, pois ao produzir sentidos, constroem identidades heterogêneas, de forma que “os sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (ibid., p.51).

Na mesma óptica, Anderson e Parker (1971) apresenta a nacionalidade como “um conjunto de pessoas geralmente vivendo em um território comum e unidas por traços culturais comuns: língua, religião, tradições e costumes” (p.599). Além disso, vigoram padrões institucionais comuns e um forte sentimento de unidade conseqüente do tipo comum de vida, onde os indivíduos se esforçam para manter sua herança cultural, sua identidade.

Ressaltando também que:

As nacionalidades estranhas tendem a segregar-se em áreas residenciais comuns para preservar, com maior facilidade, sua forma de vida. Assim, podem-se defender melhor das intrusões externas. Foi assim que “Pequenas Itálias”, “Pequenas Polônias”, “Pequenas Alemanhas” e outros enclaves surgiram (ANDERSON e PARKER, 1971, p.600)

Ao retratar o poder da identidade, Castells (2000) destaca que esta é a fonte de significado e experiência de um povo, baseados em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes, no entanto não deve ser confundida como papéis, pois estes determinam funções e a identidade organiza significados. Assim, a construção da identidade depende da matéria prima proveniente da cultura, processada e organizada de acordo com a sociedade.

Castells (2000) apresenta três formas e origens de construção de identidades, sendo as *identidades legitimadoras* introduzidas pelos dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; as *identidades de resistência* criadas por atores contrários a dominação atual, criando resistências com princípios diferentes ou opostos a sociedade; e as *identidades de projeto* quando os atores, usando a comunicação, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade.

O que é fundamental acrescentar, é que as identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Este exercendo fundamental papel na consolidação destas identidades que constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individualização, uma organização que se mantém ao longo do tempo, em um determinado espaço e contexto social e político fortemente marcado por relações de poder.

Na Sociologia, Giddens acredita que o conceito de identidade é multifacetado, podendo ser abordado de inúmeras formas, no entanto, de um modo geral, “a identidade se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas” (2005, p.43), sendo que algumas principais fontes de identidade incluem gênero, nacionalidade ou etnicidade.

Para os sociólogos há dois tipos de identidade freqüentemente mencionados: a identidade social e a auto-identidade (identidade pessoal). A primeira refere-se às características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros, indicam basicamente quem essa pessoa é socialmente, envolve uma dimensão coletiva; em contrapartida, a auto-identidade refere-se a um processo de auto-desenvolvimento, separa os indivíduos de uma forma distinta, própria e particular.

O norte americano Jeffrey Lesser (2001) ao discutir a negociação da identidade nacional - focalizando os imigrantes, as minorias e a luta pela etnicidade no Brasil - levanta uma indagação sobre o que vem a significar ser hoje um brasileiro. Embasado em uma

pesquisa realizada no Brasil, Lesser amplia as possibilidades de interpretação das questões da etnicidade e da identidade abrindo discussões acerca do surgimento de uma nova identidade nacional brasileira que concilia todas aquelas que a formaram.

Apesar de focalizar seus estudos nos imigrantes vindos da Ásia e do Oriente Médio, o autor demonstra como foi se dando a construção desta identidade entre os diferentes grupos étnicos que no Brasil se instalaram, discutindo a miscigenação no Brasil a ponto de afirmar que uma “identidade nacional única ou estática jamais existiu: a própria fluidez do conceito fez com que ele se abrisse à pressões” (ibid., p.20).

No atual contexto social e político, marcado tão fortemente por relações de poder, Escosteguy (2001, p.149) acredita que duas questões passam a ser cruciais: a disposição de viver com a diferença e por outro lado, a etnicidade. O primeiro termo evoca a multiplicidade de diferenças que operam na representação da identidade em um lugar, ao passo que etnicidade admite o entendimento de que um espaço pode ser “um lugar”, é o reconhecimento a partir de uma história, de uma experiência, de uma cultura particular. Sendo assim, a etnicidade pode ser situada e esta é fundamental para o senso subjetivo do que se é realmente. Nesta perspectiva, acrescenta-se que...

identidade é um espaço onde um conjunto de novos discursos teóricos se interseccionam e onde um novo grupo de práticas culturais emerge. Trata-se de uma categoria política e culturalmente construída em que a diferença e a etnicidade são seus elementos constituintes [...] e a fluidez da identidade torna-se ainda mais complexa pelo entrelaçamento de outras categorias socialmente construídas, além das de classe, raça, nação e gênero (ESCOSTEGUY, 2001, p. 150).

Quanto à etnicidade, Castells (2000) acredita que a etnia e a raça são questões fulcrais e sua forma de manifestação é alterada pela tendência social, sendo também uma forma de identidade.

Frente a estas considerações, percebe-se que a identidade cultural pode ser entendida como um processo de incorporação de conhecimentos e da cultura do local de onde se vive. A raça, por sua vez, é algo definitivo e biológico. A etnicidade, com um significado puramente social, refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas e que as distingue das outras como a língua, história ou linhagem, religião, estilos de roupas, adornos e hábitos.

Neste sentido, tomam-se novamente os hábitos culturais como pontos centrais na definição de tais conceitos, se fazendo necessária uma reflexão acerca destes fatores tão influentes no cotidiano dos indivíduos a ponto de orientar suas ações e despertar sentimentos.

1.3 A INFLUÊNCIA DOS FATORES CULTURAIS LOCAIS NA IDENTIDADE E NO IMAGINÁRIO

A identidade de um lugar pressupõe a relação das características físicas com a sua história, uma vez que as pessoas fazem uso dele como recurso e como memória do passado. Nesta dimensão cultural as relações pessoais com o espaço vivido vão para além do teto político que as envolve permeando as relações banais do cotidiano, relações estas que geram apego a uma porção do espaço, um sentimento de pertença e compromisso, onde a paisagem, por refletir em seus elementos as marcas culturais dos que a vêm modelando, é fonte rica de informações e significâncias pelas quais o imaginário é construído e pode ser analisado.

Nesta discussão Richard Johnson (2000) destaca que existem importantes pressões para que se defina realmente o que vêm a ser os **Estudos Culturais**. Para ele, há diversos e diferentes pontos de partida, eles podem ser definidos como “uma tradição intelectual e política; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas, ou em termos de paradigmas teóricos; ou ainda, por seus objetos característicos de estudo” (p.20); no entanto, um parâmetro comum encontra-se no fato de que “os Estudos Culturais devem ser interdisciplinares (e algumas vezes antidisciplinares) em sua tendência” (p.22).

Escosteguy (2000) ao ressaltar que os Estudos Culturais preocupam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e enfatizar o uso de paradigmas teórico-metodológicos, acrescenta que “deixou-se de lado o funcionalismo estrutural norte-americano, pois este não dava conta de compreender as temáticas propostas [...] foram sendo recuperadas [...] as perspectivas da fenomenologia, da etnometodologia e do interacionismo simbólico” (p.143). Mais tarde, do ponto de vista metodológico a ênfase recaiu sobre os estudos etnográficos, onde o interesse incide nos valores e sentidos vividos, ou seja, “acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem” (p.143).

Frente a toda miscelânea de conceituações e enfoques, uma grande divisão teórica e metodológica percorre todo o campo dos Estudos Culturais. No entanto, acredita-se que as culturas devem ser estudadas como um todo, *in situ*, localizadas, também em seu contexto material, onde se enfatizam as recriações socio-históricas de culturas ou de movimentos culturais por descrições etnográficas que sejam capazes de recriar “experiências” socialmente localizadas.

Roberto Lobato Corrêa (1997) ao analisar as "Trajetórias Geográficas" considera a cultura como sendo "o conjunto daquilo que é transmitido e inventado", enfatizando que se conheça a dinâmica da inovação e da difusão das técnicas, atitudes, idéias, valores, bem como as condições de transmissão. Para ele a cultura é caracterizada por “componentes

materiais, sociais, intelectuais e simbólicos”, não sendo constituída pela “justaposição de traços independentes”. Seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes, jamais estando “presente da mesma maneira entre todos os representantes da sociedade”. Aponta ainda que a cultura é “vívda individualmente” (CORRÊA, 1997, p.288-289).

Anderson e Parker (1971) consideram a cultura como modo característico de vida de um povo numa sociedade, “é construída por intervenção e descoberta, acumulação, seleção e difusão. As culturas variam de sociedade para sociedade por causa das diferenças” (p.61), essas diferenças dizem respeito aos seus respectivos ambientes, seu isolamento, sua base cultural e posição tecnológica, seus temas dominantes e etnocentrismo. Portanto, para eles, a cultura de uma sociedade é o conjunto total dos universos psicossociais, biossociais e físico-sociais³ que o homem produziu e dos mecanismos socialmente criados através dos quais esses produtos sociais operam.

Considerando estas questões, tem-se que a construção da identidade depende dos fatores de ordem cultural que os atores cultivaram e que vêm sendo constantemente colocados à prova em todos os lugares.

Quanto aos sentimentos e idéias frente aos espaços e aos lugares, Anthony Giddens (1991) ressalta que é importante distinguir as noções entre espaço e lugar uma vez que são freqüentemente utilizados como sinônimos. Para ele “lugar é melhor conceituado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente” (p.26), destacando que nas sociedades pós-modernas – entender contemporâneas – espaço e lugar coincidem na medida em que a dimensão da vida social é definida pela presença, isto é:

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991, p.27).

Dessa forma, o lugar depende da ação da sociedade que produz e utiliza esta porção do espaço configurando nele uma espécie de retrato, um espelho no qual a própria sociedade é refletida, onde a dimensão simbólica surge não como um fato estranho à vida social e à experiência cotidiana de seus habitantes, mas como ponto de referência, como algo que define identidade singular e/ou coletiva, mas também por outro lado como algo que

³ Os ajustamentos de homens em grupos aos ambientes naturais resultam na criação por eles de ambientes físico-sociais, biossociais, psicossociais ou institucionais. (ANDERSON e PARKER, 1971, p.61) onde os objetos que o homem cria a partir de materiais inanimados constituem a divisão físico-social; os que ele cria a partir de matérias vivas formam a divisão biossocial do meio social e as relações entre ambiente e sociedade constituem o meio físico-social (ibid., p. 69).

face às heterogeneidades próprias busca impor seus valores, uma dualidade simultânea. Neste sentido, para Anderson e Parker (1971) qualquer sociedade está vinculada à sua herança cultural e a “organização e dinâmica de uma determinada sociedade podem, portanto, ser melhor compreendidas se conhecermos, pelo menos, as linhas gerais de seus antecedentes culturais” (p.35).

Nesta perspectiva e por ser uma referência a valores e sentimentos, o lugar lembra as experiências e aspirações dos seres humanos, sendo assim fundamental para a sua identidade. Giddens (1989, p.96) refere-se também ao conceito de “local” (do inglês *locale* que significa localidade) entendendo-o como cenários de interação construídos e constituídos por funções sociais e propriedades específicas, podendo abranger desde pequenos pontos no espaço até grandes extensões. Podendo este local ou lugar ser a casa, o bairro, a cidade, enfim, qualquer ponto de referência, carregado de valores simbólicos.

Então, o lugar assume a forma de um ponto no espaço onde todas as significações culturais e individuais se concentram, ou seja, é recortado nas experiências cotidianas emocionalmente, ao contrário do espaço, que é amplo, desconhecido, temido e rejeitado.

Para Ferrara (2000) o lugar se faz representar e se dá a conhecer concretamente pelas suas imagens, que são seus signos e atuam como mediadoras do conhecimento, uma inteligibilidade da imagem abarcando seus significados e possibilidades de se manifestar.

Na relação que se estabelece entre imagem e imaginário, a autora atenta para uma questão valiosa: “a postura descritiva de registro da imagem nos leva, freqüentemente, a confundir imagem e imaginário, tomando-os como termos sinônimos, indistintos nas suas manifestações e significados” (ibid., p.118); no entanto, certa parcimônia deve ser adotada nesta distinção quando objetiva-se o estudo da imagem como categoria de análise em uma porção do espaço.

Neste sentido, imagem e imaginário se distinguem: “A imagem é um dado e corresponde a uma concreta intervenção construída na cidade, o imaginário é um processo que acumula imagens e é estimulado ou desencadeado por um elemento construído ou não” (ibid., p.118 – grifo nosso), porém, claramente identificado com o meio e o cotidiano.

Portanto acredita-se que a imagem decorre de um referencial contextualizado, o imaginário refere-se à capacidade associativa de produzir imagens a partir de uma imagem concreta, corresponde a um jogo relacional entre significados despertados a partir de uma imagem base, ressaltando que o caráter apelativo da imagem dirige-se ao próprio imaginário porque, se de um lado ela tende a “permanecer diluída no cotidiano e no hábito de ver a cidade, de outro ela depende do imaginário para revelar a identidade dos lugares e superar o hábito na leitura da cidade, um exercício do imaginário” (ibid., p.123).

A imagem é, portanto um dado; o imaginário, um processo. Ambos contribuem para a decodificação da paisagem e o traçar de considerações acerca da identidade cultural dos

moradores, isso porque ao se visualizar uma imagem se desperta para o imaginário, e este sendo um processo, é cumulativo e considera também as relações pessoais para com esta porção do espaço vivenciada cotidianamente.

Sob esta perspectiva Kevin Lynch (1997) trabalha a construção da imagem como resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente, sendo que este sugere especificidades e aquele seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. Desta forma, uma imagem pode ser esmiuçada em três componentes: identidade, estrutura e significado, podendo ser tanto individual quanto pública – a imagem individual é única e a pública é a sobreposição de muitas imagens individuais.

Lamas (2000) referencia o trabalho de Lynch (1997) no que tange às imagens públicas, afirmando que o grande interesse neste repousa no regresso à leitura ou experiência coletiva, a imagem coletiva como média das imagens apercebidas por cada indivíduo, e ainda na importância do ambiente visual para o bem estar do cidadão, onde a visão é que determina a orientação e as seqüências visuais que são essenciais para o conhecimento da forma do lugar, “[...] Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional” (LYNCH, 1997, p.05), e neste sentido as idéias se relacionam ao passo que emerge uma categoria denominada imagem coletiva ou imagens públicas para agrupar as imagens comuns a um grande contingente de habitantes.

Portanto, a imagem – como resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente – pode variar significativamente entre observadores diferentes, uma vez que cada indivíduo cria e assume sua própria imagem. É no sentido agrupado que Lynch (1997) propõe que se chame de “imagens públicas” as imagens comuns a contingentes de habitantes.

O autor ressalta que imagens de grupo são necessárias sempre que se espera que um indivíduo atue com sucesso em seu ambiente e coopere com seus concidadãos. Oliveira e Del Rio (1999) referenciam as obras de Kevin Lynch e também de Gordon Cullen como sendo as pioneiras a desenvolver metodologias projetuais baseando-se em estudos de percepção ambiental, uma vez que admitiam que os atributos do meio ambiente influenciam no processo perceptivo da população, sobretudo o visual, contribuindo para a formação de imagens compartilhadas pela população.

Nesta discussão sobre a construção das imagens públicas, a consciência do passado emerge como um elemento importante no apego pelo lugar. Bachelard (1957, apud BETTANINI, 1982, p. 120) já trabalhava com o conceito de espaço como “topo-análise” ao buscar examinar as imagens do chamado *espaço feliz*. Ele propõe o termo topofilia que visava determinar o valor dos espaços possuídos, amados, somando-se também os valores

imaginados, o espaço vivido não sem sua positividade, mas em todas as parcialidades da imaginação.

Mais tarde, Tuan (1980) se utiliza deste neologismo definido como “topofilia” que pressupõe o sentimento de lugar valorizado afetivamente para o sujeito, incluindo as experiências deleitáveis de lugares; e também de “topofobia” que conduz à noção de paisagem do medo, representa experiências negativas, amargas, desagradáveis. Para Relph (1979) “a completa feiúra da paisagem e a depressão de seus habitantes presumivelmente reforçam um ao outro num ciclo vicioso” (p.20), evidencia-se a topofobia (AMORIM FILHO, 1999).

Percebe-se nestas considerações que a imagem contribui para a geração de sentimentos de apego quando agradável, podendo, por outro lado, fazer aflorar sentimentos negativos quando se apresenta de uma maneira desagradável aos olhos humanos. A “topofilia” – a qual exprime os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural – entende que: “a retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo” (TUAN, 1980, p. 114).

Assim, a afeição ao lugar e a lealdade para com ele é também explicada pelos laços criados com a natureza estabelecidos no decorrer da história e que se evidenciam na apreciação da imagem e nas significâncias traçadas. Este lugar, fruto de contextos sociais diferenciados, porta em sua paisagem um grande simbolismo evidenciado em elementos remanescentes de um passado mais ou menos remoto, convivendo com elementos contemporâneos.

Neste sentido, Giddens (1989) afirma que “nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade” (p.44), desse modo, ela não é inteiramente estática, uma vez que naturalmente é reinventada a cada nova geração conforme essa assume sua herança cultural dos precedentes, emergindo como reveladora das práticas sociais dos grupos que a vêm modelando.

Ponto relevante nos estudos de ordem cultural repousa na consideração de Anderson e Parker (1971) ao afirmar que “deve ficar claro que as culturas também se constroem por empréstimo” (p.98), ou seja, pela incorporação de traços de outra cultura, onde uma análise do conteúdo cultural de uma sociedade em uma determinada época pode revelar que parte deste conteúdo não teve origem nessa sociedade, mas foi trazido de outras por difusão, como no caso dos imigrantes.

Enfim, a fenomenologia como aporte metodológico - através do estudo dos lugares por estes evidenciarem uma multiplicidade de relações explícitas - fornece subsídios para um operacional estudo dos valores afetivos e culturais, uma vez que o homem se apresenta como sujeito ativo e criador de uma linguagem simbólica, a qual decodificada contribui para o desvendar e/ou estabelecer de relações entre as identidades culturais e a paisagem.

Acredita-se, portanto, que desmistificar as imagens é indispensável para reconhecer os lugares e suas histórias, pois estas permitem identificar as percepções acionadas pelo lugar e os significados que ele é capaz de sugerir uma vez que se tratam de signos, representações e mediações de formas de relação do homem com o espaço. Da mesma maneira, considerar o imaginário dos habitantes permite avaliar, pela definição de imagens públicas o que mais se destaca – topofílica e topofóbicamente – na paisagem e a própria relação desta com a identidade cultural.

Capítulo II – EM BUSCA DA APREENSÃO DO LUGAR

[...] “qualquer sociedade está vinculada à sua herança cultural. A organização e dinâmica de uma determinada sociedade podem, portanto, ser melhor compreendidas se conhecermos, pelo menos, as linhas gerais de seus antecedentes culturais” (JOHNSON, 1971, p.35).



Artesanato polonês.
Fonte: Inventário Turístico Municipal de Mallet, 2002.

Capítulo II – EM BUSCA DA APREENSÃO DO LUGAR

Partindo do interesse de avaliar o processo pelo qual a paisagem explicita em seus elementos a dinâmica cultural e como se pode proceder numa porção do espaço a descaracterização ou retomada de uma identidade, discutindo noções de “raça”, etnia e povo, delimitou-se como foco de estudo o distrito político-administrativo de Rio Claro do Sul, no Município de Mallet/PR, por acreditar que este pode apresentar os subsídios necessários para a referida discussão.

Este distrito foi escolhido por apresentar, tanto moradores descendentes dos primeiros imigrantes de origem polonesa, como outros não poloneses que foram sendo gradativamente incorporados, e também por apresentar em sua paisagem elementos remanescentes de outros tempos convivendo concomitantemente com elementos atuais. A paisagem peculiar, com características materiais polonesas ainda fortemente preservadas, proporciona também possibilidades de um estudo acerca da relação dos moradores do local e sua porção do espaço.

Para tanto, parte-se de uma caracterização do lugar destacando os marcos principais da colonização e também apresentando a configuração social contemporânea: os agentes econômicos, sociais, técnicos e culturais. Na seqüência, busca-se resgatar e definir elementos para análise, com vistas a valorizar a relação sociedade, tempo e contexto. Por fim, delinea-se uma metodologia para a pesquisa de campo.

2.1 RIO CLARO DO SUL, MALLET/PARANÁ: BREVE CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

Como afirmam Anderson e Parker (1971) “a história do homem está delineada por suas migrações por este planeta e por seu cruzamento com populações já estabelecidas em áreas habitáveis” (p.583), gerando assim uma miscigenação, um cruzamento de culturas. Porém, qual a conseqüência destes cruzamentos?

Sob uma ordem biológica, acredita-se que não são gerados efeitos desfavoráveis, nem física, nem mentalmente. No entanto, do ponto de vista cultural, esse cruzamento de características distintas pode ser tanto naturalmente assimilado ocorrendo de uma maneira fluente como também pode gerar uma série de conflitos entre as sociedades envolvidas.

Nesta perspectiva, se torna relevante uma análise de como veio a ocorrer a inserção de uma cultura imigrante em um determinado local como ocorreu em Rio Claro do Sul, Mallet/PR.

Entretanto, não se pode examinar as questões da emigração polonesa para o Brasil e a configuração dos meios brasileiros de descendência polonesa em separado do contexto

mais amplo das relações polono-brasileiras. Essas podem ser divididas nos seguinte períodos, de acordo com Andrzej Dembicz⁴:

- até 1820 – contatos esporádicos e ínfimo conhecimento mútuo;
- 1820-1870 – imigração pouco numerosa da inteligência e de profissionais, bem como início do interesse científico da parte dos pesquisadores poloneses;
- 1870-1914 – primeira fase da imigração maciça, de caráter econômico, principalmente rural; o início do interesse pelo Brasil por parte dos intelectuais, políticos e empresários;
- 1914-1918 – período de retenção da imigração em função do resultado da I Guerra Mundial; mobilização patriótica entre os imigrantes poloneses e seus descendentes, em favor do apoio à pátria em renascimento;
- 1918-1939 – encetamento das relações diplomáticas e econômicas; período da política emigracional estatal da Polônia independente; emigração permanente, emigração temporal por motivos econômicos e criação das estruturas polônicas sob o patrocínio do governo polonês;
- 1939-1945 – período da II Guerra Mundial: detenção da imigração maciça; movimento patriótico em favor da cooperação com o país ocupado e o governo polonês na emigração; imigração seletiva, sobretudo dos intelectuais e artistas;
- 1945-1989 – período dos governos comunistas na Polônia; a primeira afluência do pós-guerra de uma pequena massa de imigrantes políticos, principalmente oriundos do desmobilizado Exército Polonês no Ocidente, e de suas famílias; tentativas da utilização instrumental e ideológica dos meios polônicos para fins da política estatal polonesa;
- 1989 – nova fase das relações entre a Polônia e o Brasil, bem como entre a Polônia e a Comunidade Polônica brasileira.

Acredita-se que, a maior onda da imigração polonesa para o Brasil ocorreu no período de 1870 a 1914. Segundo as estimativas do início dos anos vinte, chegaram então ao Brasil 102.196 poloneses, distribuídos pela seguinte estrutura temporal:

ANOS	1871-1889	1890-1894	1895-1900	1901-1914
NÚMERO DE IMIGRANTES	8.080	62.786	6.600	24.730

Total: 102.196

QUADRO 03: ENTRADA DE IMIGRANTES POLONESES NO BRASIL. Fonte: DEMBICZ, A. Disponível em: www.tchr.org/braz/socctba/br/histempo.htm, acesso em 09/10/2006. Adaptado por: FOETSCH (2006).

⁴ Disponível em <http://www.tchr.org/braz/socctba/br/histempo.htm>, acesso em 09/10/2006 e também na referência: DEMBICZ, A.; KIENIEWICZ, J. Polônia e Polono-Brasileiros: História e Identidades. Tradução Ademir Gonçalves Warszawa: Centro de Estudos Latino Americanos: Universidade de Varsóvia:CESLA, 2001.

Wachowicz (1981) destaca que a imigração polonesa no Brasil caracterizou-se por ser constituída de agricultores (daí os poloneses passarem a se vistos e nomeados como camponeses) retirados de condições semi-feudais de vida, cultivavam a terra e criavam animais em um sistema rural.

Não satisfeitos com as condições que a Polônia se encontrava, dividida entre as grandes potências européias, e seduzidos pelas propagandas que o governo brasileiro empreendia na tentativa de atrair imigrantes, os poloneses decidiram imigrar para o Brasil.

Na Polônia, não estavam acostumados ao comércio, o colono polonês trouxe, de sua terra de origem, estereótipos medievais contrários a esse tipo de atividade, onde o comércio no entendimento do colono “era considerado como uma atividade não muito recomendável. Seus preconceitos anti-mercantilistas provinham do fato de o comércio, em suas aldeias de origem, estar quase todo ele nas mãos dos judeus e alemães” (p.125), esse fato explica a opção dos imigrantes poloneses em continuarem sendo camponeses.

O número de imigrantes poloneses para o Brasil foi tão significativo no período de 1890 a 1891 que chegou a ser nomeado de “febre brasileira”, como se pode perceber:

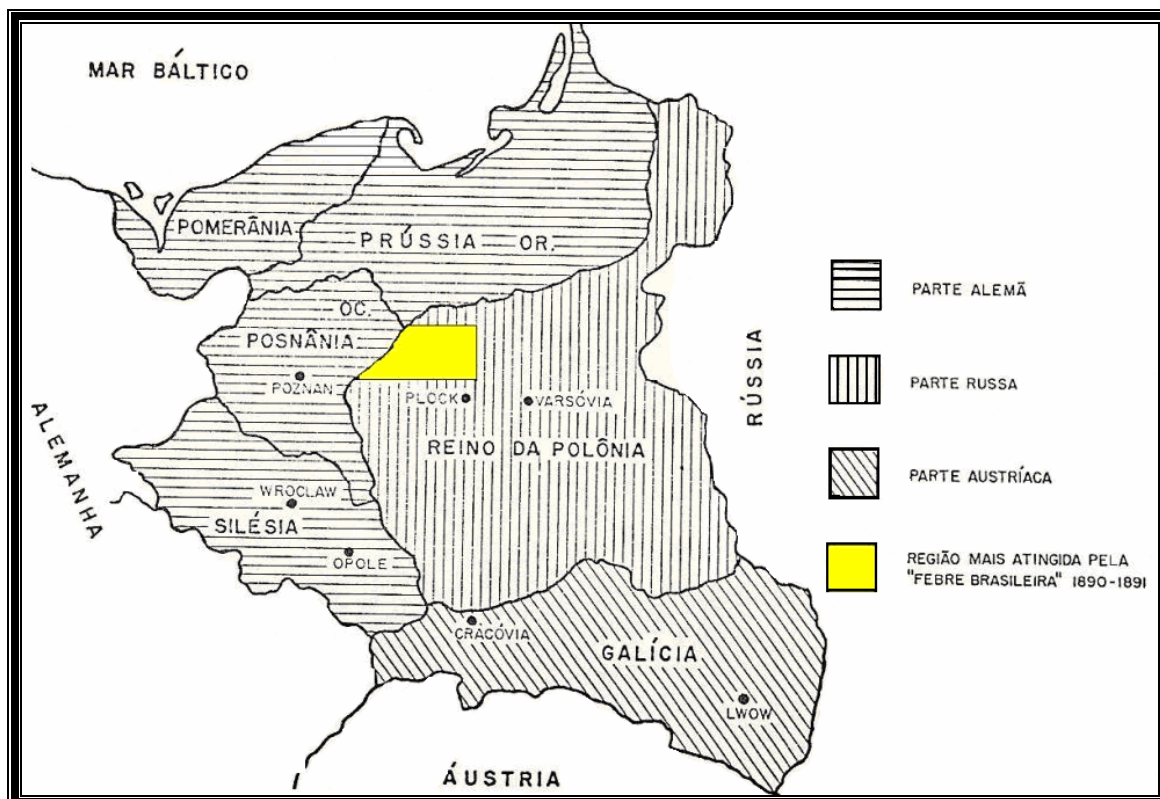


FIGURA 01: Polônia ocupada em 1890 e localização da região mais atingida pela “Febre Brasileira”. Fonte: WACHOWICZ (1981, p.18). Adaptado por FOETSCH (2006).

Neste processo migratório da Polônia para o Brasil, muitos sobrenomes foram alterados, Wachowicz (1997, p.12) complementa afirmando que “sabe-se que no período

chamado ‘*Goroncka Imigracy*’ (febre migratória) para o Brasil, a Polônia não existia como país livre, daí a dificuldade de documentação”.

Além disso, os poloneses e também alguns ucranianos tinham que se deslocar até a Áustria para embarcar no navio a vapor com destino ao Brasil e depois de mais ou menos três meses de viagem, ao desembarcar nos portos brasileiros e relatar que provinham de navio da Áustria, assim foram registrados – como Austríacos –, desconsiderando a nacionalidade de origem, ou seja, polonesa ou ucraniana.

Ainda nesse período, o nome do Paraná foi envolvido numa lenda criada pelas aldeias polonesas:

Diz a lenda que o Paraná até então estava coberto por névoas e que ninguém sabia de sua existência. Era a terra em que corria leite e mel. Então a Virgem Maria, madrinha e protetora da Polônia, ouvindo os apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigia, dispersou o nevoeiro e predestinou-lhe o Paraná. Tal decisão da Virgem Maria havia sido comunicada ao Papa, o qual, sensibilizado pelo destino da cristandade polonesa, convocou todos os reis e imperadores da terra, para sortear a posse de tal território. Por três vezes consecutivas foi tirada a sorte, e sempre o Papa era o contemplado. Então o Papa solicitou ao Imperador brasileiro que distribuísse essas terras aos poloneses, para que a tivessem à fartura e ali pudessem viver felizes, expandindo seu cristianismo (WACHOWICZ, 1981, p.45).

A sociedade brasileira, na época da imigração vivia a abolição da escravidão africana em 1888, o que “veio tornar crucial a problemática da mão de obra agrária no país [...] a solução encontrada foi promover a importação de mão de obra agrícola européia” (ibid., p.42), sobretudo para atender as fazendas de café, uma vez que era o principal produto de exportação, e ainda a imigração auxiliaria na criação de dezenas de núcleos coloniais nos Estados meridionais do Brasil com o objetivo de garantir o fornecimento de produtos de subsistência.

Portanto o contexto social da “chegada dos primeiros grupos de imigrantes poloneses ao Paraná, a partir de 1871, o sistema de trabalho existente ainda era o da escravidão africana” (ibid., p.85).

A colonização do Distrito de Rio Claro do Sul, por sua vez, deu-se a partir de 1884, quando se iniciavam as medições de terras para formações de núcleos coloniais da região sul do Paraná. Um grupo de famílias providas de Campo Largo da Piedade (PR) ao passar por Palmeira (PR) encontrou-se com lavradores procedentes de Ponta Grossa (PR) se agruparam e formaram assim quinze famílias que seguindo antigos caminhos de tropeiros fundaram um povoado que denominaram Rio Claro em virtude da limpidez das águas do rio que circundava o local.

Estes primeiros moradores das terras da futura Colônia de Mallet não faziam parte do plano de colonização da província, mas dedicaram-se a agricultura e a pecuária. Tinham um elevado espírito de religiosidade e construíram no topo da colina uma capela feita de bambus dedicada a Nossa Senhora do Rosário (SIEKLICKI e GRENTESKI, 2002, p.07).

Construíram inicialmente moradias provisórias para fixar residência. Entre os chefes de famílias estavam: Frederico Carlos Franco de Souza, João Teixeira de Lima e Antônio Rodrigues de Lima. Estas famílias não eram de origem polonesa e os mesmos se autodenominam brasileiros de origem, desconhecendo suas raízes genealógicas (ibid., p.07). Apesar de fundarem uma pequena vila às margens do Rio Claro, não fixaram residência no local, poucos anos mais tarde se transferiram para onde hoje se encontra a localidade de “Bairro dos Lima”, distante seis quilômetros da atual sede do distrito, ficando em Rio Claro somente os poloneses.

Em 1891 foi criada legalmente a Colônia de Rio Claro, juntamente com outras três no Vale do Iguaçu: Palmira, Água Branca e Eufrosina. A Colônia de Rio Claro foi a de maior extensão, com 1.371 lotes, dos quais 79 formavam a sede, sendo os demais distribuídos por 9 linhas principais e 18 vicinais. Nesta Colônia os imigrantes que chegaram eram poloneses (ibid., 2002, p.07).

De acordo com dados do Iparde (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, disponível em: www.ipardes.com.br, acesso em 23/01/06) referentes ao ano de 2005, sabe-se que o Município de Mallet foi desmembrado do Município de São Mateus do Sul e teve sua instalação na data de 21/09/1912. Sieklicki e Grenteski (2002) destacam que o Distrito Administrativo de Rio Claro do Sul somente foi criado pela *Lei nº 7.573 de 20 de outubro de 1938*, fazendo parte do município de Mallet no centro sul do estado do Paraná, como se pode perceber na gravura seguinte:

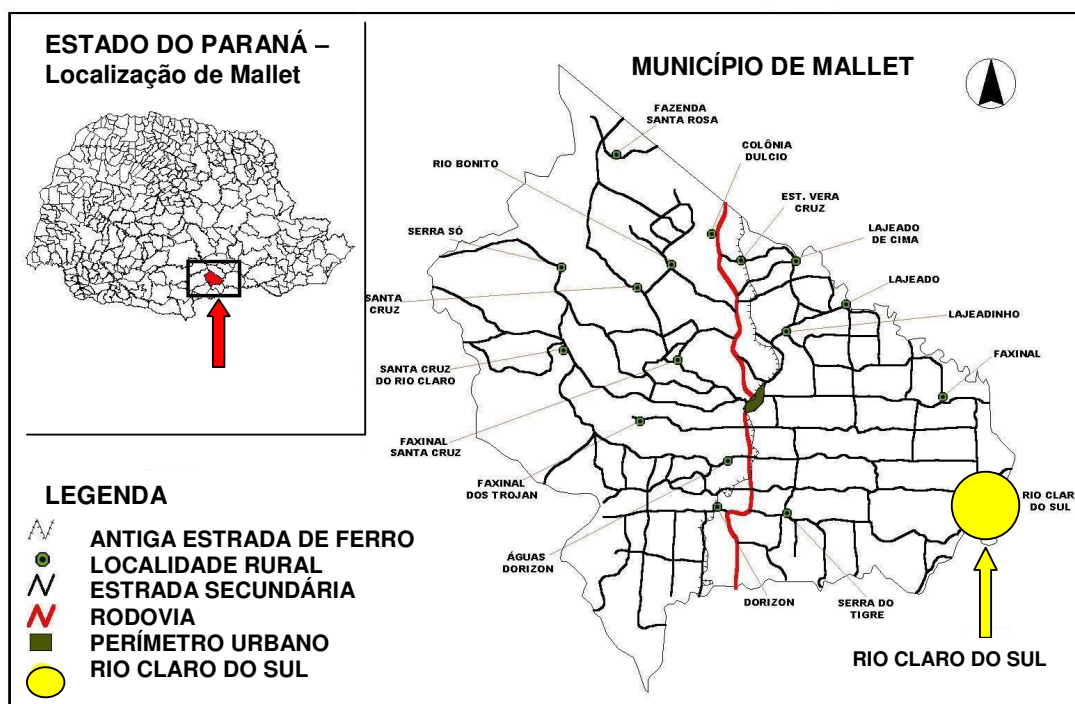


FIGURA 02: LOCALIZAÇÃO DE RIO CLARO DO SUL EM MALLET/PR

Fonte: Sieklicki e Grenteski, 2002.

Nesta pesquisa, Rio Claro do Sul será tratado como comunidade, ressaltando que as comunidades não são estáticas, uma vez que se modificam com as forças variáveis que sobre elas se exercem. Algumas crescem, atingem um ponto culminante, depois declinam, ao passo que outras continuam crescendo e podem finalmente converter-se numa cidade ou região composta por numerosas comunidades, assim sendo:

é a área local em que a maioria das pessoas atua do modo mais completo e direto. É aí que o nosso lar está localizado, que os nossos filhos nasceram, que freqüentamos a escola, que realizamos nossos negócios ou trabalhamos, que ocorre a nossa participação nas questões públicas e se manifestam os ideais primários da nossa sociedade. É também aí que obtemos as nossas maiores satisfações, graças à associação íntima com amigos e vizinhos (ANDERSON e PARKER, 1971, p.188).

O município de Mallet conta atualmente com uma área terrestre de 724,480 Km² e um total de 3.871 domicílios. Dista 209,15 Km da capital Curitiba e pertence à Mesorregião do Sudeste Paranaense. Possui uma população estimada⁵ pelo IBGE para o ano de 2006 de 13.099 habitantes, sendo que destes, 6.300 constituem a população economicamente ativa. Como se pode notar no Quadro 01, o distrito de Rio Claro do Sul possui 1.899 habitantes, 71,5% destes são moradores da área rural. O universo de análise deste trabalho focaliza somente a sede do distrito que compreende 543 habitantes, ou seja, 28,2% dos habitantes do distrito. Na sede existe um montante de 551 domicílios (dentre os quais os ocupados efetivamente como moradia, os vagos, e os de uso ocasional), além das 27 edificações não residências que compreendem os comércios, indústrias, igrejas e galpões, como se pode perceber no Quadro 04:

	ÁREA URBANA	ÁREA RURAL	TOTAL
Número de Habitantes	543	1356	1899
Domicílios ocupados	149	342	491
Domicílios vagos	04	09	13
Domicílios de uso ocasional	09	38	47
Domicílios não residenciais	27	80	107

QUADRO 04: HABITANTES E DOMICÍLIOS NO DISTRITO DE RIO CLARO DO SUL.
Org: FOETSCH (2006). Fonte: IBGE - Caderneta do Recenseador do Censo Demográfico de 2002.
(Consulta na Agência do IBGE de Irati – PR, na data de 05/05/06).

Quanto à hidrografia malletense, os rios que alimentam o município são: o Rio Braço do Potinga, o Rio Charqueada, o Rio Água Fria e o rio Rio Claro. O Rio Claro é o maior em extensão do município, nasce na localidade do Cerro Só, na propriedade do Sr. Ademar Lebelein, mas adiante recebe o entroncamento com outro rio que nasce na Fazenda Fuck, seguindo por uma distância não calculada, passando pelos distritos de Dorizon e Rio Claro

⁵ Ressalta-se que, os dados utilizados no trabalho referem-se à população “estimada” para o ano de 2006 pelo IBGE. Os dados do censo demográfico de 2002 revelam que 12.602 pessoas residiam no município. Fonte: www.ibge.gov.br, acesso em 23 de janeiro de 2006.

do Sul e desaguando no rio Iguazu. Convém ressaltar que foi às margens deste rio que os imigrantes poloneses fundaram o povoado, que hoje corresponde ao distrito político-administrativo de Rio Claro do Sul (SIEKLICKI e GRENTESKI, 2002).

Referente ao clima, o município de Mallet situa-se na zona de abrangência do clima Cfb, ou seja, um clima mesotérmico (temperatura média do mês mais frio abaixo de 18°C); subtropical úmido sem estação seca e com verões quentes (temperatura do mês mais quente abaixo de 22°C), com ocorrência de geadas severas e freqüentes, com índices de umidade relativa do ar variando entre 80% e 85% e uma média pluviométrica variando entre 1600 e 1700 mm/ano.

Quanto à vegetação, Mallet destaca-se pela presença da floresta ombrófila mista com a presença destacada do pinheiro (*Araucária Angustifolia*), erva-mate, imbuia, canela, bracinga, bromélias, dentre outras; bem como algumas espécies exóticas como o pinus e palmeiras. Na fauna, destaca-se a presença de tatus, pacas, cutias, capivaras, da gralha azul, tucanos, sabiás, pombos, dentre outros animais. (ibid., p.17).

Do ponto de vista da agricultura, Mallet dispõe de terras férteis e agricultáveis, destacando-se a produção de milho, feijão, soja, arroz, batata, fumo; e também da fruticultura: kiwi, uva, ameixa, pêssegos, laranja dentre os principais.

A mineração também já vem sendo desenvolvida, uma vez que no município já há vestígios da existência de petróleo na localidade da Colônia Uma, distante três quilômetros do distrito de Rio Claro do Sul, onde agricultores retiram uma substância pastosa para lubrificar implementos agrícolas de tração animal. A Petrobrás já perfurou e lacrou alguns desses poços. Além destas considerações, ressalta-se também a existência e exploração de fontes de Água Mineral Sulfurosa no município de Mallet, fontes tais que dotam de propriedades terapêuticas (ibid.).

Em Rio Claro do Sul, existe uma fonte de água sulfurosa, entretanto, atualmente encontra-se abandonada, servindo apenas para matar a sede dos animais que circundam o local. Sua proximidade com o cemitério faz com que algumas pessoas evitem o uso dessa água, por julgá-la contaminada e imprópria para o consumo.

2.2 A ETNICIDADE POLONESA EM RIO CLARO DO SUL

A etnicidade é fundamental para o entendimento da história, da linguagem, da cultura, enfim da identidade de um povo. Assim, acredita-se possível falar do reconhecimento desta a partir de um lugar, de uma história e de experiências comuns de uma cultura particular. Nesse sentido, todos os indivíduos são etnicamente situados e as identidades étnicas são cruciais para o despertar do senso subjetivo.

Na presente pesquisa, a etnia polonesa em Rio Claro do Sul se apresenta como foco de um estudo por valorizar a identidade étnica e as relações com a paisagem de um lugar carregado de simbolismo, onde a religiosidade, a paisagem e a língua se destacam entre os demais. Trata-se de uma comunidade que por muito tempo procurou segregar-se para preservar com maior facilidade sua forma de vida, se defendendo das intrusões externas, mas que gradativamente foi se inserindo, de uma maneira peculiar, numa dinâmica cultural.

Um povo, para ser reconhecido como tal, deve manter seu modo de ser, costumes, idiomas, música, comida, enfim, suas manifestações culturais, que são as atividades que o identificam. Mesmo sofrendo na Polônia, com todas as influências externas, o polaco não deixou de conservar e cultivar cotidianamente suas características. Nos países da América, onde foi acolhido, continuou a preservar sua identidade polono-eslava. Nestes países é reconhecido pelas suas características peculiares.

Wachowicz (1981) aponta que no processo de imigração o polonês “teve oportunidade de entrar em contato e concorrer com imigrantes alemães, italianos, espanhóis, etc. todos estes, mais adaptados às exigências da sociedade capitalista, venciam os poloneses na concorrência de atividades urbanas” (p.139), o que contribuiu para que os poloneses, em sua grande maioria, simplesmente optassem por continuar camponeses, modelando uma paisagem rural, como a encontrada em Rio Claro do Sul.

No caso das aglomerações polônicas, o interessante é, sobretudo, analisar quais dentre as soluções locais foram trazidas, juntamente com a bagagem dos emigrantes do país materno, quais foram apanhadas pelo caminho (principalmente, no caso das migrações por etapa), quais, por fim, na nova terra.

Ao se interessar pela determinante histórica da identidade do grupo, Kula (2000) acredita que vale indagar sobre os portadores da memória coletiva que funcionam em sua esfera. O passado encontra ressonância, literalmente, em tudo, a começar pelos nossos nomes e costumes, terminando nos textos e construções antigas (p.17).

Kersten (2000) ressalta que os imigrantes poloneses, que se acomodaram nos arredores das cidades em área de cultivo, “profundamente religiosos e católicos, marcaram a região com sua cultura cristã, seu idioma, usos, costumes e dedicação ao trabalho. Introduziram a carroça puxada por cavalos e o cultivo de diversos cereais, as casas de troncos e as de tábuas” (p.74).

Foi assim que ocorreu também a acomodação dos poloneses em Rio Claro do Sul. Preferiram ficar ao lado de um rio de águas claras, erguer uma capela no lugar mais alto para assim professar sua fé, conservaram e ainda conservam sua língua materna, usos e costumes, introduziram e ainda utilizam muito a carroça e o cultivo de cereais, e ainda encontram-se as casas construídas de troncos e tábuas. Aprenderam a conviver com os

caboclos, mantendo inicialmente certa distância, mas respeitando também seus modos de vida.

Sob o ponto de vista da identidade cultural, Anderson e Parker (1971) acreditam que o resultado final da experiência dos grupos de nacionalidades distintas geralmente “é uma assimilação pela cultura nativa. [...] O abandono das características nacionais e a adoção de novas se processa quase sempre de forma gradual, muito embora as acomodações normalmente se façam com razoável rapidez” (p.602). Entretanto, essa assimilação envolve a mudança de valores, sentimentos e lealdades, traz reflexos mais profundos, uma vez que as modificações destas atitudes é vagarosa, processa-se gradativamente e pode ser retratada por marcantes diferenças de idioma e fortes preconceitos recíprocos.

O que ocorreu em Rio Claro do Sul, todavia, foi uma mútua incorporação de traços culturais. Entretanto, embora tenha havido incorporação de traços da cultura dos caboclos pelos poloneses; a cultura polonesa se impôs. Os caboclos passaram, de forma mais marcante, a incorporar em suas práticas diárias características polonesas.

Gradativamente passaram a freqüentar a Igreja, causando inicialmente certa revolta nos poloneses pela julgada “falta de respeito” dos caboclos que permitiam que o cachorro os acompanhasse até as celebrações religiosas; depois passaram a sepultar seus mortos no cemitério da localidade; a freqüentar as festas, a catequese, os bailes, o “Junak”, a se envolver na banda musical e cantar, dançar e se divertir com os poloneses; valendo-se também da carroça, dos grãos, e da rica gastronomia polonesa.

Para que um grupo étnico possa sobreviver mantendo suas características, algumas comunidades buscam retornar a um passado através de narrativas de suas histórias distantes e ao mesmo tempo presentes, como forma de transmitir sua identidade, principalmente, através dos fatos que estão presentes na memória. Nota-se que cada grupo social herda o passado e é configurado, entre outras coisas, pelas reminiscências históricas. Inúmeros grupos, incluindo, sobretudo os grupos étnicos, referem-se, de certa maneira, à história (ibid., p.16).

Dembicz (2000) acredita que “no caso dos polono-brasileiros, assim como também da maior parte dos grupos étnicos que habitam a região sudeste do Brasil, observa-se claramente a tendência ao renascimento da identidade étnica” (p.34) e acrescenta que a identidade deve ser tratada em duas dimensões, de um lado valorizando “o sentimento de laço territorial polônico” que consiste no efeito da consciência das raízes polonesas ou da posse da identidade polonesa; e de outro lado, uma dimensão cultural mais plena, “enraizada na brasilidade ou em outra identidade nacional latino americana, constituindo nesse caso plano básico de referência” (p.35).

Bento Munhoz da Rocha Netto, em uma Conferência intitulada “Poloneses no Paraná” atesta que “a colônia polonesa faz parte da paisagem, com sua apresentação

típica. Com a igreja [...] a casa do vigário, centro não apenas religioso mas, também social de toda a vida comunitária” (s.p.), destacando que os alemães também vieram para o Paraná, mas em maior número foram para Santa Catarina e Rio Grande, houve, assim, uma identificação do polonês com nosso Estado, mantendo o Paraná o monopólio dessa imigração, e “de fato, o Paraná ficou dono do polaco. Podemos dizer aqui: o polaco é nosso” (s.p.) e acrescenta ainda que:

Por ser o Paraná, dos três Estados do sul, a região que atraiu, em maior número, o imigrante polonês, quando nosso estado amanhecia e se expandia, esboçando e fazendo adivinhar a realidade futura, ainda longínqua, a colônia polonesa plantou um marco em sua evolução. Não se pode pensar o Paraná, a sua paisagem, o seu passado, a sua explicação, sem a figura do imigrante polonês e as contribuições que ele trouxe (NETTO, 1971, s.p.).

Entretanto, o mesmo autor acredita ainda que o mundo dia-a-dia diminui de tamanho pelas comunicações e pela convivência dos descendentes de colono que buscam outras atividades em centros urbanos e trazem, de retorno, em visitas periódicas, outras normas e amostras dos comportamentos vigentes num meio de enorme mobilidade social, contribuindo para o descaracterizar da identidade local, trazendo uma importante preocupação sobre o polonês:

Um dia ele desaparecerá, como tipo característico, como tipo regional, engolido pela sociedade tecnicista, absorvido pela crescente unidade cultural de uma grande Nação, que, entretanto, não extinguirá o pluralismo brasileiro. E no pluralismo brasileiro o Paraná há de sempre valorizar a contribuição cultural do polonês (NETTO, 1971, s.p.).

Percebeu-se em Rio Claro do Sul, que os descendentes de imigrantes poloneses iniciaram, timidamente, uma busca por resgatar seus valores culturais e por perpetuar a língua de seus antepassados. Este grupo étnico está residindo na localidade desde 1890, mas só recentemente, está divulgando e resgatando sua cultura étnica através da gastronomia, das festas típicas, e dos ritos na Igreja, os quais vem sendo professados na língua materna, o polonês.

Na localidade de Rio Claro do Sul, alguns jovens buscam outras oportunidades em lugares maiores, ao passo que outros, já se casaram, estão empregados – seja na agricultura, seja na madeireira – e pretendem aí passar o resto de sua vida. Os mais idosos, na sua grande maioria, não pensam em abandonar o lugar, criaram para com ele um laço afetivo tão grande que não conseguem imaginar sua vida em uma outra localidade. Estes ainda reverenciam histórias dos “heróis” passados que vieram da Polônia e muito têm a contribuir para os estudos da história oral de Rio Claro do Sul.

Para a grande maioria, mais especificamente para os descendentes de poloneses, o distrito passou a ser visto como um pedaço da Polônia. Um lugar, onde todas as lembranças

podem ser reverenciadas com qualquer membro da sociedade, pois todos sabem da “Saga dos Polacos”.

O imaginário é alimentado pelo simbolismo, o rio de águas claras que deu o nome à localidade, o cemitério onde muitos dos antepassados encontram-se enterrados, a majestosa Czenstochowa no lugar mais alto do povoado, a língua conhecida e professada por grande parte da população como hábito comum, e os encontros religiosos nos quais os santos, tão importantes para o povo polonês, são exaltados, contribuem para dar ao lugar um ar tipicamente polonês.

Na paisagem, tais marcas são também perceptíveis, sobretudo nos conjuntos arquitetônicos que sobrevivem ao tempo e contribuem para manter viva a memória dos moradores, dentre estes se pode destacar o Colégio das Irmãs, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e a construção antiga pertencente ao Sr. Ervino Kowalski. Todas estas, habilmente arrematadas despertam nos poloneses um sentimento de nostalgia.

Ser polaco ou polonês parece significar morar no interior, longe da correria urbana, andar de carroça, plantar grãos, cuidar dos animais (como porcos, galinhas, vacas e cavalos), usar o arado, o *radnik*, ser cristão praticante, cantar cânticos poloneses, falar a língua polonesa, construir casas com tonalidades de cores diferentes, ornamentar as cercas imprimindo elementos decorativos e, sobretudo, manter vivo o imaginário alimentando-o pelo simbolismo material da paisagem.

2.3 UMA METODOLOGIA PARA A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo busca investigar como a sede do distrito de Rio Claro do Sul teve sua paisagem modificada em seus elementos. O objetivo é levantar como o espaço é percebido, apreendido e incorporado pelos moradores do lugar, com ênfase nos moradores de descendência polonesa, justamente por terem sido os primeiros a realmente colonizar o lugar e se dispor a fixar residência.

Optou-se pelos poloneses, por se objetivar o estabelecimento de uma possível e provável relação entre a identidade deste povo e a paisagem cultural deste distrito. Acredita-se que a dinâmica cultural contribui para o deslocamento e a fragmentação das identidades culturais, dessa maneira se torna viável entender de que forma o processo de dinâmica cultural afetou a identidade polonesa do distrito e se essa identidade foi descaracterizada ou apenas inserida em novos contextos.

2.2.1 Definindo a metodologia para estudo da dinâmica da paisagem cultural

Para descrever e analisar a forma física de um lugar pressupõe-se a existência de um instrumento que permita organizar os elementos através de um arranjo do ambiente estudado. Essa estrutura, obtida pela análise da obra de Mário Deina (1990), permite representar os elementos tipicamente de origem polonesa. A apreciação/observação da paisagem contemporânea permite definir quais foram os novos elementos incorporados. Busca-se apreender ambas estruturas, entretanto, não dicotomizando as relações entre poloneses e não poloneses, mas, pelo contrário, demonstrando a fluidez entre ambas.

Portanto, objetivando inicialmente o estudo dos elementos visíveis, a paisagem como produto da cultura passa a representar uma via de relação temporal por explicitar essa dinâmica através do traçado e, principalmente, da arquitetura. Neste contexto arquitetônico, Lamas (2000) contribui afirmando que a morfologia urbana como ciência, estuda as formas de uma maneira a interliga-las com os fenômenos que lhes deram origem e tais fenômenos podem ser de cunho cultural quando analisados sob a perspectiva de ocupação espacial por uma comunidade típica, de características próprias e que busca manter sua identidade.

Dessa forma, acredita-se que ao selecionar elementos da paisagem de uma dada porção do espaço se obtém um leque viável para avaliar o seu processo de ocupação e evolução com ênfase no aspecto cultural como modelador da paisagem e assim viabilizar uma discussão acerca da dinâmica cultural e da descaracterização de identidades locais.

Na primeira parte da pesquisa empírica, busca-se apreender a dinâmica da paisagem considerando a forma e a função dos elementos arquitetônicos que a compõem e como estes contribuem para geração do imaginário dos moradores. Tais elementos foram selecionados da obra de Mario Deina (1990) "Colônia Rio Claro. Esta Terra tem História", publicada em 1990 e que retrata um lapso temporal de história deste lugar, mesmo que sinteticamente, no período compreendido entre 1891 e 1990.

A escolha por esta obra se justifica no fato de que a documentação de Rio Claro do Sul, em termos fotográficos e escritos, perdeu-se. Estas fontes foram agrupadas e pertenciam ao grupo de Irmãs Vicentinas que residiam neste distrito e que ao irem embora as levaram consigo. Apesar de todos os esforços para recuperação destas não se têm notícias quanto ao paradeiro. Por isso, torna-se difícil encontrar alguma fonte segura da qual se considere veracidade nos dados. A obra de Mario Deina se destaca como a mais seqüencial e apresenta uma lógica coerente entre acontecimentos, datas e personagens.

Mario Sérgio Deina era escritor, poeta, contabilista e comerciante. Filho de Pedro e Iracema Deina, neto de Miguel Deina e bisneto de Wawrzyniec Dejna, que foi um dos primeiros imigrantes a chegar da Polônia, tendo se estabelecido na localidade de Barra Feia, que naquela época pertencia ao núcleo de Rio Claro do Sul e atualmente pertence ao

município de São Mateus do Sul. O relato de Mário Deina foi incentivado pelo vigário Estanislau Gogulski, publicado pela diretoria da Braspol⁶ legando assim para a comunidade um livro que retrata a história da antiga colônia, hoje distrito de Mallet/PR.

Em Rio Claro do Sul, alguns elementos se destacam na paisagem e na arquitetura possibilitando a contraposição com elementos do passado. Estes foram agrupados de modo a contribuir para uma análise do processo de dinâmica cultural e/ou descaracterização da identidade com vistas na imagem do lugar, além de viabilizar o tecer de algumas considerações acerca da relação entre paisagem e identidade cultural. A paisagem neste caso é de extrema importância uma vez que se trata de elementos representáveis e visíveis cotidianamente.

Da obra de Mário Deina (1990) foram retirados alguns elementos religiosos de origem polonesa. Também foram retirados elementos como: hospital, biblioteca, escola e clube. Os elementos mais recentes foram delimitados a partir do particular propósito da dissertação e considerando o seu aparecimento após a publicação da obra de Deina (1990); são eles: os bares e lanchonetes, o conjunto habitacional, o posto de gasolina e mercados. Destaque se dá a uma construção datada de 1928 que vem sendo ampliada pelo proprietário, descendente de poloneses, com o objetivo de manter, na medida do possível as características da arquitetura original.

2.2.2 Sociedade, Tempo e Contexto: elementos para a análise da relação dos habitantes com seu lugar

Potencialmente, qualquer lugar é em si o símbolo poderoso de uma sociedade complexa. O que se percebe, é que nos lugares persistem elementos de vários tempos, onde as edificações e configurações de seu assentamento primitivo convivem com elementos de um passado mais ou menos próximo e construções contemporâneas, refletindo a história dos grupos sociais que sucessivamente emolduraram essa porção do espaço.

Nesta modelagem, as questões étnicas contribuem para construir um aspecto peculiar, ou seja, cada grupo social, cada etnia procura expressar – entre outras formas – visualmente suas características. A etnia polonesa simpatizante dos lambrequins, casas

⁶ Representação central da comunidade brasileiro-polonesa no Brasil. Compare: www.braspol.com.br, acesso em 23 de janeiro de 2006. Rizio Wachowicz (2000) apresenta um breve comentário sobre a BRASPOL: Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil. Criada no dia 27 de janeiro de 1990, tem por objetivo máximo criar maiores laços de solidariedade entre as Comunidades Polônicas em nosso país; preservar tradições e costumes, bem como todo o acervo cultural dos seus antepassados; incentivar o intercâmbio cultural e científico com a Polônia e promover a valorização dos descendentes em todas as formas (p.122).

com varandas, tonalidades de cores vibrantes e contrastantes, busca também expor suas peculiaridades na paisagem de Rio Claro do Sul, onde além da arquitetura, o simbolismo das construções erigidas contribui para tornar o espaço em lugar para esta comunidade.

Sob o ponto de vista da arquitetura, com o intuito de avaliar o papel dos elementos construídos na sociedade, Kevin Lynch (1997) em sua obra "A imagem da cidade", apesar de apresentar uma perspectiva urbana, contribui para o estudo dos lugares na medida em que acredita que o lugar não é apenas um objeto percebido e desfrutado, mas é também produto de muitos construtores que nunca deixam de modificar a sua estrutura.

Esta estrutura pode ser estável por algum tempo, mas está sempre se modificando nos detalhes, assim, não há um resultado final, apenas uma contínua sucessão de fases, onde os cidadãos (ou seja, a comunidade) têm vastas associações com alguma parte de seu lugar e a percepção subjetiva de cada um está impregnada de lembranças e significados. Os cidadãos são os elementos dinâmicos de um local, não apenas meros observadores do espetáculo, mas parte dele, onde quase todos os sentidos estão em operação e a imagem é uma combinação destes.

Da mesma forma Lamas (2000) enuncia a questão da morfologia e do desenho da cidade sob a perspectiva da arquitetura para definir e explicar a paisagem e sua estrutura. Propõe e se utiliza de um objeto: a forma e suas correlações com o contexto, a função, dentre outros aspectos. Também aqui pode-se fazer uma transposição do urbano para o estudo dos lugares. Nesta perspectiva, a forma física, que abrange as construções, bem como, a forma natural de um lugar, é a materialização no espaço da resposta a um contexto preciso, onde os cidadãos ao pertencerem a uma dada etnia buscarão expressar suas características.

Este contexto se exprime em um conjunto de critérios funcionais e estéticos, onde sua variação origina diferentes propostas de desenho espacial, mesmo utilizando elementos morfológicos idênticos, uma vez que as diferenças resultam do modo como esses elementos se posicionam, se organizam e se articulam frente a uma identidade étnica.

Assim, dependendo do contexto e das necessidades socioeconômicas de um lugar, sua paisagem se modifica e entre os critérios do contexto, as funções têm uma importância particular, pois a forma terá ou não uma relação direta com a função. Portanto, os elementos da paisagem revelam as relações existentes entre forma e função, contribuindo também para uma desmistificação do simbolismo que estes elementos portam, cujas alterações, incorporações e desaparecimento despertam nos moradores os mais variados sentimentos de nostalgia.

Retratadas as questões arquitetônicas da paisagem cultural, toma-se emprestado de Giddens (2005) uma metodologia para a etnografia, ou seja, para o estudo de pessoas e de

grupos, durante certo período de tempo, utilizando a observação participante ou entrevistas para desvendar o comportamento social.

Tal tipo de pesquisa procura revelar os significados que sustentam as ações sociais e, quando bem sucedida, oferece uma riqueza maior de informações a respeito da vida social. Trata-se de um tipo de pesquisa qualitativa, se interessando mais por interpretações subjetivas culturais do que por dados numéricos. No entanto, apresenta a limitação de que “apenas grupos ou comunidades razoavelmente pequenas podem ser estudadas” (p.515).

Giddens (2005) acredita que como os estudos etnográficos envolvem um pequeno número de pessoas não se pode ter a certeza de que o que for descoberto em um contexto específico também se aplicará a outras situações, ou ainda que outros pesquisadores chegariam às mesmas conclusões ao estudar o mesmo grupo.

Nesta perspectiva, uma óptica baseada nos estudos etnográficos de Giddens aplicada à comunidade de Rio Claro do Sul pode trazer um grande número de informações acerca da vida social valorizando os aspectos de ordem cultural da sociedade em questão, não batendo de frente com a limitação espacial uma vez que a comunidade é pequena, ou seja, em torno de seiscentos habitantes sendo possível seu enfoque através desta metodologia.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Para estas, contribuíram 25 moradores da localidade de Rio Claro do Sul, todos com residência de no mínimo de dez anos, com idade superior a 55 anos e que possuem o pai ou a mãe com sobrenome polonês. A pesquisa foi realizada num período de dois meses (27/02/06 a 28/04/06) nos domicílios, no posto de saúde, no grupo da terceira idade e em encontros de visitas ocasionais.

O objetivo consistiu em buscar compreender de que maneira a dinâmica dos elementos da paisagem interfere na percepção dos moradores do local. Para tanto, alguns elementos da paisagem cultural foram salientados com vistas a obter os dados satisfatórios para a pesquisa, porém de uma forma a não direcionar as respostas, deixando os entrevistados livres para responderem de acordo com o que realmente percebem. Esse contato inicial contribuiu para a delimitação do horizonte da pesquisa, mas ao mesmo tempo se percebeu que somente esta metodologia não daria conta de responder aos questionamentos instigados pelo trabalho.

Como era a Polônia no período da imigração? Qual era a visão dos poloneses sobre o Brasil naquela época e por que decidiram imigrar? Que tipo de adversidades aqui encontraram? Como e quando chegaram a Rio Claro do Sul, como foi essa chegada e o que encontraram? Quais são os aspectos de ordem cultural que procuram manter nos dias atuais? Qual a relação da paisagem com a identidade cultural dos poloneses? Como

ocorreram inicialmente as relações entre os caboclos e os poloneses? É possível definir uma identidade cultural polonesa atualmente no distrito?

Em busca destas respostas, outras metodologias foram empregadas na pesquisa de campo. Nos estudos etnográficos foram utilizados os *levantamentos*, que tem por objetivo a coleta de dados que possam ser analisados estatisticamente para revelar padrões ou regularidades próprias do grupo, porém tendem a gerar informações menos detalhadas. Os *questionários*, com conjuntos fechados – com séries definidas de respostas possíveis – ou abertos de questões – onde os entrevistados têm mais oportunidades de expressarem seus pontos de vista. A *amostragem* que surge como solução na impossibilidade de se estudar todas as pessoas diretamente, uma vez que seleciona uma porção do grupo total, podendo-se ter a segurança de que os resultados da amostragem populacional podem ser generalizados para a população total desde que escolhidos adequadamente (GIDDENS, 2005, p.516).

Na pesquisa em Rio Claro do Sul, os levantamentos de dados puderam contribuir no sentido de que se necessita conhecer o número preciso dos habitantes atuais, os aspectos históricos relatados precisam de uma comprovação de veracidade. Da mesma forma, a documentação fotográfica mais antiga necessita ser levantada para que seja comparada com as imagens ambientais atuais, possibilitando um maior entendimento da dinâmica cultural dos elementos. Nesta mesma perspectiva, os questionários – tanto abertos quanto fechados – contribuirão para o direcionamento e delimitação das informações que se necessita para o presente trabalho, impedindo uma fuga da problemática central bem como viabilizando o acesso a dados fundamentais para o trabalho, somente conseguidos com o direcionamento das questões.

Mesmo considerando o universo estudado – núcleo central do distrito de Rio Claro do Sul – uma porção do espaço razoavelmente pequena, se depara com a impossibilidade de aplicação dos levantamentos, questionários e entrevistas a todos os moradores. No entanto, tal fato não ofusca o mérito do trabalho, uma vez que se pode delimitar para a aplicação dos métodos de pesquisa somente os indivíduos que possam realmente contribuir para o desenrolar do mesmo, ou seja, os mais idosos, os que são descendentes das primeiras famílias, o pároco e a fonte de consulta encontrada na Igreja bem como a Prefeitura Municipal de Mallet/PR.

Além disso, Giddens (2005) complementa destacando a importância do que chama de “*histórias de vida*”, as quais consistem em “um material biográfico reunido sobre indivíduos específicos – geralmente na forma de lembranças dos próprios indivíduos” (p.517). Nesta metodologia se destacam as crenças e as atitudes ao longo do tempo, de onde fontes como cartas, informações e descrições são também utilizadas para um maior

detalhamento, bem como, em alguns casos, para verificar a validade científica daquilo que os indivíduos informam.

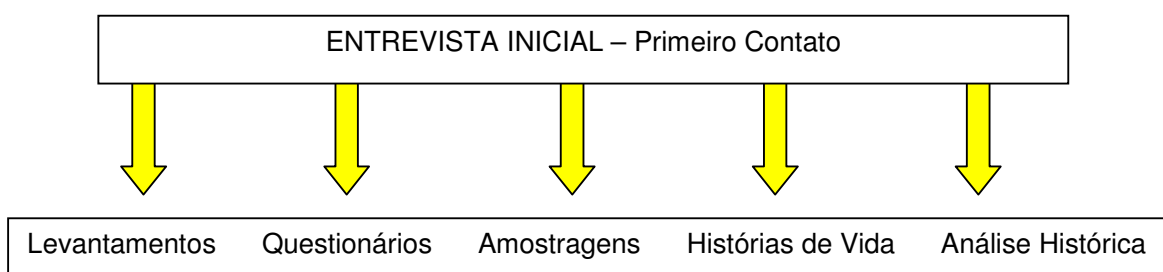
Por último, Giddens destaca a relevância de uma *análise histórica*, ou seja, o considerar de um panorama histórico frente à necessidade de uma perspectiva temporal para dar sentido e cronologia ao material coletado; assim, pesquisar a história oral significa entrevistar pessoas a respeito dos acontecimentos que testemunharam em algum momento de seu passado.

Ressaltando que, a tradição oral constitui um patrimônio predominante junto ao seio de qualquer comunidade, uma vez que permite conhecer melhor o conjunto de valores sociais, religiosos e educacionais veiculados por ela, os dados significativos da trajetória histórica, bem como, a sua cadeia de transmissão, e principalmente como esse patrimônio foi bem utilizado para construir, manter e ressignificar a identidade étnica.

Portanto, valorizar as histórias de vida dos moradores de Rio Claro do Sul, significa enriquecer a pesquisa e sanar algumas dúvidas quanto a datas. São também partes da história, são narrativas carregadas de nostalgia, um sentimento de ligação com o passado, de recordação dos antepassados, um retorno às raízes onde a referência ao passado vem a se apresentar como exaltação aos imigrantes.

Ao passo que as histórias de vida enriquecem as pesquisas, é necessário o cuidado com a validade científica das informações colhidas, exigindo do pesquisador certa perspicácia para identificar se os “contos” são realmente verídicos ou fruto da imaginação dos que o alimentam. Neste sentido, a análise histórica se torna fundamental. Se apresenta como forma de gerar uma perspectiva temporal com um sentido cronológico e fundamentado.

A riqueza de dados que se pode obter na coleta das histórias de vida em Rio Claro do Sul, portanto, na mesma medida que pode contribuir para o esclarecer de pontos chave no trabalho, pode também gerar um impasse na veracidade dos dados, porém, procurar-se-á se valer de uma análise histórica para tentar, na medida do possível, comprovar e situar numa escala temporal as histórias coletadas.



ESQUEMA 01: METODOLOGIA ADOTADA PARA ANÁLISE EMPÍRICA EM RIO CLARO DO SUL.

Fonte de consulta: GIDDENS (2005). Adaptado por FOETSCH (2006).

Dessa forma, através de levantamentos, questionários, amostragens, histórias de vida e análise histórica, acredita-se que se possa analisar um lugar – enquanto porção do espaço – que apresenta características étnicas marcantes, um simbolismo próprio do grupo social que o habita e uma identidade cultural que vem se inserindo na dinâmica cultural, enfatizando o papel da paisagem como espelho de cultura, geradora de sentimentos de apego ou aversão e que contribui para o imaginário dos que ali residem.

**Capítulo III – RIO CLARO DO SUL:
ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL E SUA DINÂMICA**

"A forma terá de se relacionar com a função de modo a permitir o desenvolvimento eficaz das actividades que nela se processam"
(LAMAS, 2000, p.48).



Imagem de uma casa que por muito tempo serviu de Cartório de Registro Civil de Rio Claro do Sul, hoje inexistente. Em seu lugar foi construído um Posto de Gasolina. Fonte: Acervo particular de Nereu Stasiak.

Capítulo III – RIO CLARO DO SUL: ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL E SUA DINÂMICA

Valendo-se da caracterização da área de estudo, parte-se para o resgate e a definição dos elementos a serem utilizados para analisar a paisagem cultural e sua dinâmica. Ressalta-se que a reflexão parte inicialmente de um relato descritivo dos elementos para uma posterior análise discursiva sobre as relações entre forma e função, valorizando os aspectos étnicos que contribuem para a geração do imaginário.

3.1 A DINÂMICA DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA PAISAGEM

Tendo em vista a religiosidade da comunidade de Rio Claro do Sul em todos os seus mais de cem anos (1896-1996 – Centenário da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul), se torna relevante examinar a evolução do aspecto religioso católico para avaliar se houve um processo de perda, alteração ou retomada das características do mesmo com o passar do tempo.

Para tanto, inicialmente retrata-se a Paróquia de Rio Claro do Sul, um elemento de considerável abrangência territorial, uma vez que envolve todo o distrito foco desta pesquisa. Atualmente, além deste distrito, a **Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul** atende mais dezesseis comunidades de Mallet e São Mateus do Sul – município vizinho – podendo ser considerado, portanto, o maior elemento representável espacialmente, mas que por sua vez apresenta a condicionante de ser específico por retratar a religião católica, a mais professada pelos poloneses.

Pertencente à Diocese de União da Vitória, a Paróquia de Rio Claro do Sul é uma das mais antigas da região. Em se tratando de sua história, sabe-se que em 1896, o pequeno povoado existente já exercia sua função religiosa; no entanto, foi somente em 16 de dezembro de 1911 que o bispo diocesano de Curitiba, João Francisco Braga, assinou o decreto da criação do Curato de Rio Claro, como consta no Livro Tombo I da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul (p. 91, verso): "*Determinamos que desmembrado fique do Curato de São João do Triunpho todo este território que até o presente a elle pertenceu, e elevado a curato independente, tendo por sede o núcleo principal de Rio Claro*".

A criação desta instituição religiosa proporcionou aos moradores do local a possibilidade de exercer sua índole católica amplamente pelas missas, grupos de reflexões, novenas, catequese, organização de eventos, entre outros.

Desde a sua reconhecida criação em 1911, este elemento religioso tem despertado nos moradores a necessidade de preservá-lo (e se possível amplia-lo), tanto no sentido da profecia da fé quanto no sentido territorial (espacial) de abrangência. A assistência espiritual é dada pelo padre Zdislaw Nabialczyk⁷ encarregado de organizar as celebrações religiosas, ensaiar o coral e difundir o catolicismo.

Percebe-se na comunidade uma busca incessante pela Igreja Católica, apesar de atualmente existirem também templos de outras religiões e seitas. Grande parte das pessoas frequenta a tradicional Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pertencendo assim à Paróquia. Dessa maneira, acredita-se que apesar de outras religiões e ritos terem se instalado na localidade com o passar dos anos, a comunidade católica sempre se manteve muito forte e ativa, participando das solenidades de caráter religioso celebradas.

De grande destaque na Paróquia, é a **Igreja de Nossa Senhora do Rosário**. De índole católica, os primeiros poloneses preocupados em manter os ritos religiosos próprios de sua cultura construíram inicialmente uma capela no lugar mais alto da localidade. A data desta construção segundo os arquivos paroquiais é 12 de dezembro de 1886 (LIVRO TOMBO I, p.8).

Com uma torre de aproximadamente 50 metros de altura e toda de madeira edificaram uma cópia da famosa "*Czestochowa*"⁸ do Santuário Nacional da Polônia Católica para que pudessem se reunir para orar e reverenciar Nossa Senhora do Rosário.

Clarificando que, no alto de uma das colinas da Polônia, encontra-se a cidade de *Czestochowa* com o célebre Santuário (ou mosteiro) de *Jasna Gora* (que significa Monte Claro) no qual se venera a Virgem Negra. É o lugar mais santo da Polônia e um dos centros de peregrinação mais importantes do mundo, destacando que em 1382, foi fundado por Wladyslaw Opalczyk, o mosteiro de *Jasna Góra* recebeu dois anos depois a pintura da Mãe Santificada e o Jesus Criança. A pintura, foi obra de São Lucas, ficou conhecida como Madona Preta (IAROCHINSKI, 2000, p.49).

⁷ Compare: <http://www.tchr.org/braz/rioclaro/rioclaro.htm> , acesso em 23 de janeiro de 2006.

⁸ Acredita-se que o evangelista São Lucas pintou a imagem da Virgem Negra sobre uma tábua da mesa usada por Maria de Nazaré, encontrada por Santa Helena, em Jerusalém, foi ofertada ao imperador Constantino. Depois de muito tempo, a imagem chegou ao Castelo de Belz e em 1382, o príncipe Wladyslaw de Opole foi obrigado a deixá-lo em Czestochowa pela impossibilidade de transportá-lo ao seu Castelo. Este é o primeiro mito que cerca a Virgem Negra da Polônia. O segundo surgiu em 1430, quando ladrões tentaram destruir o quadro, o chefe dos Hussitas ao desferir sua espada no rosto da Santa, caiu fulminado por um raio no terceiro golpe, irritados os ladrões cortaram o quadro e os cortes começaram a sangrar. Os fiéis então, enviaram a pintura para conserto em Cracóvia, mas apesar de muitos retoques, as cicatrizes não sumiram. Outro mito refere-se ao século XVII, quando o cerco sueco chegou à Polônia, nesta ocasião, as fortificações e os muros da cidade foram destruídos pelo exército inimigo e a batalha travou dentro dos muros. A benção da Santa teria ajudado cerca de 200 soldados polacos a derrotar 17 mil soldados suecos. Era o dia 18 de novembro de 1655. Como reconhecimento, o rei Jan Kazimierz coroou em Lwów, a Virgem como Rainha da Polônia. Ressalta-se que a ascensão de Karol Wojtyła (Papa polonês) ao trono de São Pedro tornou mundial sua adoração (IAROCHINSKI, 2000, p.49).

Na comunidade de Rio Claro do Sul em homenagem à Virgem Negra, foi nomeada a **Escola** Municipal Nossa Senhora de Monte Claro – E.I.E.F., no início do ano letivo de 1992. Percebe-se, a intensidade da religiosidade no distrito e os traços trazidos da Polônia.

Outra imagem existente no altar principal da Igreja do distrito, ou seja, a de Nossa Senhora do Rosário, têm um significado importante para os poloneses. Acredita-se que enquanto se travava a batalha dos cristãos contra os turcos em águas de Lepanto, o Papa São Pio V rogava o auxílio da Rainha do Santíssimo Rosário. Em memória da estupenda intervenção de Maria Santíssima, o Papa dirigiu-se em procissão à Basílica de São Pedro, onde cantou o “*Te Deum Laudamus*” e introduziu a invocação *Auxílio dos Cristãos* na Ladainha de Nossa Senhora. E para perpetuar essa extraordinária vitória da Cristandade, foi instituída a festa de Nossa Senhora da Vitória, que, mais tarde, tomou a denominação de festa de Nossa Senhora do Rosário⁹, comemorada pela Igreja católica no dia 7 de outubro de cada ano (IAROCINSKI, 2000).

Logo abaixo, na imagem 01 podem-se notar as características do quadro de Nossa Senhora de Monte Claro, a Virgem Negra, encontrada no altar lateral da Igreja; e na imagem 02 evidencia-se o altar principal da Igreja, logo ao centro tem-se a Imagem de Nossa Senhora do Rosário com o menino Jesus no colo:

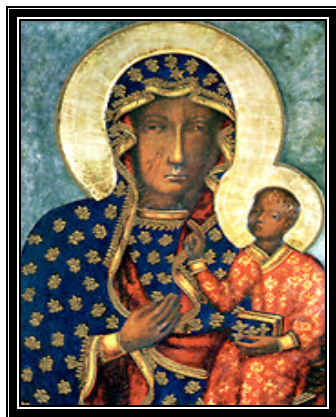


IMAGEM 01 – Nossa Senhora de Monte Claro.
 Fonte: www.czestochowa.us, acesso 28/09/06.
 *Note-se os cortes no rosto da Santa (face direita).



IMAGEM 02 – Altar principal da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Rio Claro do Sul
 Fonte: Arquivo particular da autora, 2006.

Referindo-se à arquitetura da Igreja, percebeu-se que com o passar dos anos surgiu a necessidade de reconstruir a fachada e o interior. A planta final foi elaborada pelo engenheiro José Kfliecinski, filho de imigrantes poloneses e residente em Curitiba, tendo esse trabalho se iniciado no ano de 1952 com o pároco José Grzelinski. Depois desta época

⁹ Com o mesmo objetivo, de deixar gravado para sempre na História que a Vitória de Lepanto se deveu à intercessão da Senhora do Rosário, o senado veneziano mandou pintar um quadro representando a batalha naval com a seguinte inscrição: “*Non virtus, non arma, non duces, sed Maria Rosarii victores nos fecit*”. (**Nem as tropas, nem as armas, nem os comandantes, mas a Virgem Maria do Rosário é que nos deu a vitória**) (IAROCINSKI, 2000).

foram realizados somente retoques na estrutura original, como pintura e reavivamento das cores (DEINA, 1990, p.52).

Algumas das alterações neste elemento podem ser visualizadas nas imagens 03 e 04, onde na primeira notam-se as características da Igreja em 1930 e na segunda um contraste com a imagem atual, em 2006:



IMAGEM 03 – Igreja Nossa Senhora do Rosário na década de 1930. Fonte: Acervo da Paróquia de Rio Claro do Sul.

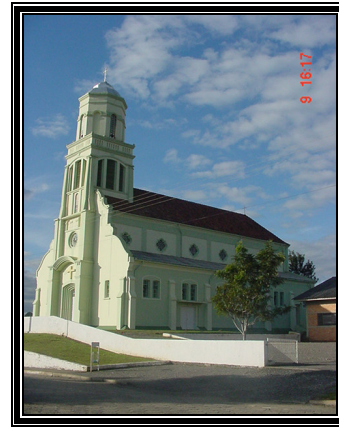


IMAGEM 04 – Igreja Nossa Senhora do Rosário no ano de 2006. Fonte: FOETSCH, 2006.

Neste elemento religioso, percebe-se claramente que a forma alterou-se com o passar do tempo e as condições da edificação, porém a Igreja de Nossa Senhora do Rosário sempre manteve a função de instituição religiosa, freqüentada por fiéis que buscam auxílio espiritual e também como um lugar para professar ritos católicos (por exemplo: o batismo e o casamento, entre outros).

Neste sentido, Lamas (2000, p.48) atesta que "A forma terá de se relacionar com a função de modo a permitir o desenvolvimento eficaz das actividades que nela se processam". Nestas considerações devem-se levar em conta as necessidades da função e as condições da forma de uma maneira integrada.

A estrutura original de madeira não suportou as intempéries do tempo e desgastou-se, porém a fé da comunidade urgia e a reconstrução da Igreja iniciou-se novamente, desta vez em alvenaria e valendo-se dos materiais mais modernos que os da época da colonização. Conclui-se que a atual forma da Igreja condiz com sua função, abriga os freqüentadores e oferece uma estrutura suficiente para os que a utilizam.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário pode também, de acordo com a classificação de Lynch (1997, p.88), ser considerada um "marco" para a comunidade, sendo que estes são vistos como "pontos de referência considerados externos ao observador, são apenas elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável". Seu uso implica na escolha de um

elemento num conjunto de possibilidades onde a característica principal é a singularidade, um aspecto que o torne único ou memorável no contexto.

Esta Igreja representa um contraste entre a figura e o pano de fundo pela proeminência em sua localização espacial, por sua forma e função únicas, e por possuir as características da reconhecibilidade e da importância simbólica.

A imagem deste elemento referencial desperta o imaginário, este último que “corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação dos significados, atribuir significados a significados” (FERRARA, 2000, p.118). Dessa maneira, a Igreja cuja função e forma são condizentes, é um marco diferencial na paisagem, cuja imagem desperta o imaginário dos moradores pelo simbolismo que este elemento porta.

Esta Igreja encontra-se catalogada no Inventário Turístico do Município de Mallet (2000) e faz parte do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”. Assim, a igreja passa a agregar também a função turística.

Menciona-se também a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, um local bastante freqüentado. Segundo a sabedoria popular, em tempo de seca foi encontrada pelo padre Estanislau Piasecki uma vertente próxima a Igreja. Aproveitando-se desta oferta natural e da ajuda da comunidade o vigário propôs a construção de uma gruta, todos apoiaram a iniciativa e a obra foi realizada. O pároco trouxe diretamente da França um vidro de água benta para benzer a nascente e no dia 13 de maio de 1940 foi inaugurada a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes (LIVRO TOMBO I - 1940).



IMAGEM 05 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes em 2006. Fonte: FOETSCH, 2006

Uma menina, uma fonte invisível e uma água milagrosa: com esses ingredientes criou-se a devoção a Nossa Senhora de Lourdes. Ela se apresentou a uma garota chamada Bernadete Soubirous, em Lourdes (França), em 1858. Numa das 18 vezes em que esteve com a garota, mandou-a beber da água de uma fonte que não existia. Depois de cavar com

os dedos o local indicado, Bernadete viu jorrar a água. Então, perguntou à mulher quem era ela e ouviu a seguinte resposta: "Eu sou a Imaculada Conceição".

No início, Bernardete foi considerada impostora e chegou a ser interrogada pela polícia, mas como a água da fonte que ela descobriu revelou-se milagrosa, as autoridades acabaram cedendo. Assim, a pequena vila de Lourdes virou uma cidade-santuário, visitada por doentes de todo o mundo. Oficialmente, a igreja já catalogou mais de 10 mil curas nesse lugar abençoado na região dos Pirineus. Essa crença é a aceita por todos os moradores de Rio Claro do Sul.

Em devoção à Imaculada Conceição, imagem da santa existente na gruta, são rezados terços, missas, procissões e romarias que atraem um grande número de pessoas de outras cidades interessadas em conhecer e solicitar milagres a Nossa Senhora. Em 1997 a gruta foi elevada à categoria de "Santuário Mariano Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes¹⁰" com a obrigação de acolher os peregrinos e romeiros, oferecendo um atendimento espiritual e pastoral.

A forma do local, de acordo com as proposições de Lamas (2000), pouco se alterou, com exceção do alastramento da cobertura vegetal e a construção de um fosso para canalizar a água que se origina na vertente. A função continua a mesma, a de ser uma gruta, tendo agora, porém uma maior obrigação para com os romeiros e turistas que a ela se destinam.

No entanto, uma grande preocupação tem tomado conta da comunidade. Um laudo da Universidade Federal de Ponta Grossa (Anexo 01), ao analisar a água que escoava da vertente acusou a presença de coliformes fecais, a caracterizando assim imprópria para o consumo, porém providências já estão sendo tomadas pela Administração da Paróquia, e mesmo assim, muitos ainda buscam água na Gruta todo fim de tarde.

Preocupados com a educação dos seus filhos os poloneses construíram um grande número de escolas às suas próprias custas, pagando inclusive os professores. Em Rio Claro do Sul foi criado um dos maiores colégios de língua polonesa no Brasil, o "*Kolegium Sw. Klary*" (Colégio Santa Clara).

Este era comandado pelas Irmãs de Caridade São Vicente, que ministravam as aulas e organizavam cursos de bordado, costura, culinária, entre outros. Possuía uma biblioteca rica e valiosa e funcionava também como hospital e internato masculino e feminino. Ainda hoje, ouvem-se relatos de pessoas que sentem a falta das Irmãs de Caridade que moravam no colégio, e também de pessoas que aprenderam a bordar, costurar, rezar, ler e escrever com as irmãs do colégio.

¹⁰ A Imagem da Santa existente na gruta em Rio Claro do Sul é Imaculada Conceição, mas a gruta possui o nome de Nossa Senhora de Lourdes, local, em que segundo a crença Nossa Senhora da Imaculada Conceição apareceu a Bernadete Soubirous, na França, em 1858.

Na década de 1920, aproximadamente, houve a mudança do *Kolegium* para o lado da Igreja, com uma apreciável arquitetura. Atualmente, o local onde era o hospital, a biblioteca e o primeiro colégio das Irmãs transformou-se em uma residência comum (Imagem 07).

O colégio que foi construído ao lado da Igreja ainda se encontra com sua estrutura original, abrigando atualmente encontros de catequese, da Terceira Idade, palestras e reuniões de cunho católico, não é habitado, mas apresenta uma estrutura razoável quanto a acomodações e instalações, como se pode perceber nas imagens 08 e 09:



IMAGEM 06 – Imagem do primeiro hospital de Rio Claro do Sul, hoje inexistente. Fonte: DEINA, 1990.



IMAGEM 07 – Imagem do local onde existia o primeiro hospital. Fonte: FOETSCH, 2006.



IMAGEM 08 – Imagem do atual Colégio das Irmãs. Fonte: FOETSCH, 2006.



IMAGEM 09 – Imagem dos fundos do Colégio, ao lado da Igreja. Fonte: FOETSCH, 2006.

Nestas colocações, percebe-se a mudança tanto da forma quanto das funções. O hospital, a biblioteca e o primeiro colégio cederam lugar a uma residência de madeira; mudou-se a forma e a função desapareceu.

A segunda construção do colégio se mantém em sua forma, mas a função também se modificou, as irmãs de caridade partiram e o local passou a ser utilizado com outros fins religiosos.

"Despolonizar" é o termo utilizado por Mario Deina para se referir a perda das características principais da cultura polonesa. Segundo ele, uma das principais formas de se manter o vínculo com as tradições polonesas é através do rito religioso, salienta ainda que "mesmo com a miscigenação aqui no Brasil, mesmo com a influência de outras culturas européias e dos próprios brasileiros, as principais celebrações e comemorações religiosas tradicionais foram preservadas através dos anos" (DEINA, 1990, p.31).

Percebe-se ainda hoje a forte tentativa de manter acesa a chama religiosa pelos ritos católicos. No entanto, com a chegada de habitantes de origens distintas da polonesa, pela "miscigenação" como chama Mario Deina (1990, p.31), torna difícil manter exclusivamente uma única vertente religiosa, isso se comprova com a instalação de novas igrejas e instituições não-católicas, como a Assembléia de Deus, que apesar de não contar com a adesão da maioria da população, mantém-se presente com duas estruturas físicas na comunidade, como se pode notar nas imagens 10 e 11:



IMAGEM 10 – Antiga venda, atual residência e sede dos Encontros da Igreja Assembléia de Deus, situada a rua Adolfo Rehbein, S/N. Fonte: FOETSCH, 2006



IMAGEM 11 – Antiga residência que serve atualmente de sede para Encontros de uma instituição não-católica, na avenida João Pessoa, S/N. Fonte: FOETSCH, 2006.

Trata-se praticamente de um elemento itinerante do ponto de vista de fixação a um determinado espaço, isso porque já ocupou diversas construções. Atualmente, uma das instalações está assentada em uma casa comum (Imagem 11), ou seja, a função da casa mudou para uma função de templo; e a outra ocupa as instalações de um antigo comércio, ou seja, a forma estrutural que era de comércio, cedeu lugar a função de templo (Imagem 10).

Pode-se notar que os elementos religiosos destacados na paisagem do local representam para a comunidade as vias necessárias para a construção de uma identificação com o lugar. A imagem do ambiente construído reforça e solidificação do imaginário onde a religiosidade é realmente considerada como uma das principais formas de se manter o vínculo com as tradições, caracterizando a identidade, e que apesar da chegada e influência de pessoas de outras etnias, as celebrações e comemorações religiosas tradicionais polonesas estão sendo preservadas.

3.2 A DINÂMICA DOS ELEMENTOS SOCIAIS NA PAISAGEM

Outros elementos importantes são aqueles que possuem íntima ligação com a sociedade do lugar. Nestas proposições apresentam-se para discussão as escolas que atenderam às necessidades educacionais dos alunos; as bibliotecas que serviram de auxílio teórico para os interessados; a “Casa do Povo” que representou uma instituição de entretenimento; as indústrias, que atenderam e empregaram uma parcela significativa dos moradores; e o hospital que, no pouco tempo que existiu, tratou das enfermidades que ocorreram.

A primeira escola da localidade era polonesa, o “*Kolegium Sw. Klary*” (mencionado anteriormente) comandado pelas Irmãs de Caridade São Vicente, fundado no ano letivo de 1912 contando com 150 alunos. Mudou-se na década de 1920 para o lado da Igreja, onde atualmente encontra-se o Colégio das Irmãs inabitado e sem funções educacionais (DEINA, 1990, p. 21). Nesta escola polonesa, que também funcionava como internato, os alunos estudavam o ensino regular e também tinham aulas extras de bordado, culinária, crochê, entre outros.

Em 15 de novembro de 1952 foi então inaugurado o “Grupo Escolar de Rio Claro do Sul” que oferecia todo o primeiro grau na época. Atualmente, abriga somente o ensino fundamental de 5ª a 8ª série sob a denominação de “Escola Estadual Adão Sobocinski”.

No ano letivo de 1992 foi municipalizado o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série com a criação da “Escola Municipal Nossa Senhora de Monte Claro - Educação Infantil e Ensino Fundamental”, utilizando a mesma edificação, que é cedida pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, e uma outra que pertence ao município, ou seja, duas estruturas físicas para a Escola municipal, uma do Estado do Paraná e outra do Município de Mallet, como se pode notar nas imagens 12, 13 e 14:



IMAGEM 12 – Inauguração do Grupo Escolar de Rio Claro do Sul, em 1952. Fonte: Escola Estadual Adão Sobocinski (Acervo Fotográfico).



IMAGEM 13 – Atual Escola Estadual Adão Sobocinski – 5ª a 8ª Séries, que abriga também algumas turmas de 1ª a 4ª Série. Fonte: FOETSCH, 2006.



IMAGEM 14 – Imagem da atual escola Municipal Nossa Senhora de Monte Claro - E.I.E.F.
Fonte: FOETSCH, 2006.

Como se pode notar, a educação sempre foi muito valorizada pelos colonos poloneses e se manteve com o passar dos anos. No entanto, a forma das escolas alterou-se algumas vezes. O primeiro Colégio na sua estrutura original não existe mais; o Colégio que funcionava ao lado da Igreja ainda encontra-se em sua arquitetura pioneira, porém sem manter sua função.

Atualmente existem duas instituições educacionais: o Colégio de 5ª a 8ª Séries que não apresenta características polonesas na sua forma, mas seu nome é uma homenagem ao polonês Adão Sobocinski¹¹, e a Escola Municipal de 1ª a 4ª Séries que foi denominada Nossa Senhora de Monte Claro em função da veneração desta Santa pelos moradores poloneses que buscam prestar a esta uma homenagem.

De acordo com Mário Deina (1990, p.51), três bibliotecas serviam a comunidade de Rio Claro do Sul, oferecendo lazer, cultura e informação: a do *Kolegium Sw. Klary*, a da Casa do Povo e a São Vicente e Paulo, de propriedade da Paróquia e que contava com mais de 3000 livros. Infelizmente, nos dias atuais, a comunidade não conta mais com nenhuma destas bibliotecas. A primeira, cujo acervo pertencia às Irmãs de Caridade foi levada com estas religiosas quando se deixaram a Paróquia e se mudaram para Curitiba e outras localidades.

Quanto à segunda, da Casa do Povo, nada se sabe quanto ao seu paradeiro, no entanto, há quem diga que foi repartido o acervo entre algumas das pessoas da comunidade. A biblioteca que pertencia à Paróquia encontra-se defasada, a atual administração da Paróquia de Rio Claro do Sul desconhece o paradeiro das obras antigas, dispõe somente de alguns livros e relatos, muitos em idioma polonês.

¹¹ O deputado Tadeu Sobocinski, filho de Adão Sobocinski, ao contribuir financeiramente com a construção do prédio da Escola Estadual, bem como com a implantação do Curso de Ensino Fundamental, em homenagem ao seu genitor assim definiu o nome da instituição: Escola Estadual Adão Sobocinski.

Trata-se, portanto, de um elemento que desapareceu na sua forma e função e que realmente fez falta na comunidade, que não pode contar com o rico acervo que estas continham quanto a fotos, relatos, livros e revistas.

Visando o entretenimento da comunidade foi criada a "Sociedade Casa do Povo" (Imagens 15 e 16) com o objetivo de propiciar lazer e diversão aos habitantes da comunidade, servindo como ponto de encontro e entretenimento das famílias polonesas. Trata-se de uma estrutura de madeira, com banheiros, salão de dança, mesas e um palco, onde eram e são também realizadas as peças teatrais para a comunidade.

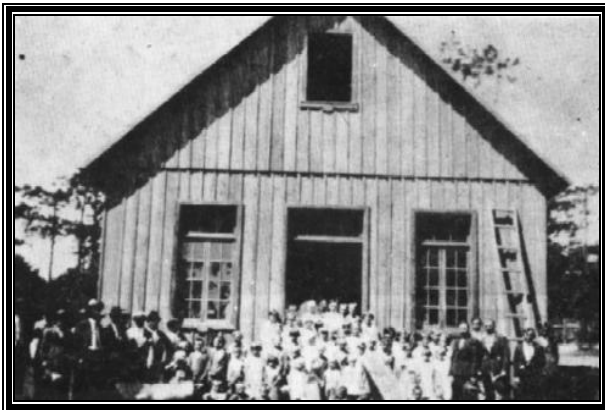


IMAGEM 15 – Inauguração da Casa do Povo (21 de junho de 1958). Fonte: DEINA, 1990.



IMAGEM 16 – Casa do povo atualmente. Fonte: FOETSCH, 2005.

Neste ponto de encontro, não só os jovens como toda a comunidade local e vizinha, reúnem-se para se divertir com bailes, exposições, apresentações e até reuniões. Sob a administração de membros da Paróquia, o clube é freqüentado e está sempre aberto a novas ocasiões, nas quais de certa maneira sempre se busca referenciar a imigração polonesa.

Um exemplo dessa menção pôde se perceber no Natal de 2005, quando uma cerimônia, que contou com a participação de autoridades e foi organizada pela Escola Municipal Nossa Senhora de Monte Claro, homenageou os imigrantes poloneses e demonstrou através de uma encenação que o Brasil recebeu os poloneses de braços abertos e da mesma forma hoje os poloneses recebem a todos de braços abertos.

Na Imagem 17 pode-se notar o Brasão da Polônia, os quadros de Nossa Senhora de Monte Claro – a Virgem Negra, considerada Rainha da Polônia –, a Imagem de Nossa Senhora Aparecida – Padroeira do Brasil –, as bandeiras: Polônia, Brasil e Paraná, e logo ao lado o casal: Lídia e Zigmund Koslowski representando os poloneses.

Na Imagem 17.1, apresentam-se um jovem e uma criança, com a bandeira do Brasil e a Imagem de Nossa Senhora Aparecida, que durante a encenação representavam a integração de outras etnias, que não a polonesa, à sociedade de Rio Claro do Sul.



IMAGEM 17 – Abertura do Natal, no Clube Casa do Povo, em Rio Claro do Sul. Note-se: o brasão da Polônia, as bandeiras do Brasil, da Polônia e do Paraná. Fonte: FOETSCH, 2006.



IMAGEM 17.1 – Abertura do Natal, no Clube Casa do Povo, em Rio Claro do Sul. Note-se: a nossa Senhora negra de *Czenstochowa* e a Nossa Senhora Aparecida. Fonte: FOETSCH, 2006.

Enfatizando que esta encenação procurou demonstrar que a comunidade polonesa de Rio Claro do Sul recebe de braços abertos todos os que chegam à localidade.

Nesta ocasião foram expostos objetos antigos de tecnologia da época da colonização. Houve também a repartição do "*Oplatek*", o pão celeste repartido entre as pessoas como forma de união mútua, de compromisso com o próximo.

Desde sua construção, pouco se modificou na estrutura da Casa do Povo. Foram reconstruídos os assoalhos apodrecidos, um pequeno aumento lateral na construção, realizada a pintura da fachada e do interior e também pequenos reparos nas instalações elétricas. Sua forma se manteve com o passar do tempo, mas à sua função foram acrescentadas inúmeras outras. O lugar serve também para a realização de eventos sociais, como bailes, reuniões e encontros de caridade.

Quanto às indústrias, sabe-se que os primeiros produtos que foram industrializados na localidade atendiam não só as necessidades primordiais dos habitantes, como também as supérfluas. Durante alguns anos funcionou uma cervejaria que atendia a região, porém atualmente nada de sua estrutura existe.

Fato curioso é que em virtude da utilização pela comunidade em larga escala da "carroça", sempre existiu em Rio Claro do Sul a atividade voltada para o curtume, na fabricação de arreios para os cavalos, e as ferrarias, para a construção de carroças e ferraduras, entre outras finalidades.

Estas atividades ainda encontram-se em evidência no distrito, justamente para atender a demanda que ainda é grande conta-se atualmente com duas ferrarias e com seis curtumes.

Na Imagem 18, percebe-se em amarelo, uma pequena construção na lateral da casa do proprietário que serve para curtir o couro:



IMAGEM 18 – Selaria: indústria doméstica para curtir o couro e confecção de arreios para cavalos.
Fonte: FOETSCH, 2006.

As madeireiras e ervateiras sempre tiveram papel fundamental na economia do local. Existem atualmente ainda três indústrias madeireiras, pertencentes a Alexandre Kovalski (distante três quilômetros da sede da localidade, mas que emprega muitos trabalhadores do local), a de Bruno Alberto Panek e a de Julio Wronski Sobrinho (*in memorian*) - esta última administrada pelo filho do dono: Wilson Wronski.

Existem também duas ervateiras pertencentes a Wilson Wronski e Alexandre Kovalski, indústrias estas que empregam quase que a totalidade dos moradores do distrito. Convém ressaltar que tanto as indústrias quanto as ervateiras pertencem a famílias de origem polonesa, que se destacaram na localidade pela administração e bom funcionamento destas. O primeiro hospital de Rio Claro do Sul funcionava no "*Kolegium Sw. Klary*". Era bem equipado para atender os casos de maior urgência da região. No entanto, com a construção do novo colégio ao lado da Igreja e a conseqüente mudança de endereço, o hospital acabou abandonado.

É um típico exemplo de um elemento que se fez presente no início da colonização, mas que acabou perdendo ao mesmo tempo a forma e a função, cedendo lugar a uma residência comum. Nos dias atuais, a comunidade de Rio Claro do Sul não conta com um hospital propriamente dito, o que existe é um Centro Social Rural, que atende as necessidades básicas e superficiais da população do local. Os casos mais urgentes necessitam ser encaminhados para o Hospital de Caridade São Pedro, na sede do Município, distante 24 quilômetros da localidade. Trata-se então de um elemento que desapareceu na sede do distrito e que realmente faz falta para a comunidade.

Todos estes elementos, por possuírem uma íntima ligação com os moradores, são fundamentais para o despertar do imaginário e sua configuração espacial, uma vez alterada, causa um impacto visual exigindo do observador uma nova adequação à paisagem.

3.3 A INTEGRAÇÃO DOS NOVOS ELEMENTOS NA PAISAGEM

Cabe apontar também os novos elementos que foram sendo incorporados na paisagem, ocupando o lugar de antigas construções ou ainda, que serviram para alargar espacialmente a sede do distrito. Neste caso, destacam-se os bares e lanchonetes, o posto de gasolina, o conjunto habitacional, o mercado e uma construção típica restaurada e ampliada, que merece ser considerada não apenas pela beleza, mas também por poder apontar uma nova tendência no espaço de Rio Claro do Sul que retoma elementos do passado num processo de releitura.

Para atender as necessidades materiais do povoado sempre existiram bares para comercializar produtos industrializados e/ou diferentes daqueles que os moradores dispunham. Estes, com o passar dos anos foram surgindo, se desenvolvendo e até desaparecendo.

Desconhecem-se as datas precisas, mas sabe-se que as primeiras “vendas” eram de propriedade da Senhora Tecla Tyski e do Sr. Júlio Wronski Sobrinho; destes, nenhuma mais se encontra em atividade, restando do primeiro somente a antiga construção pertencente à família, que apesar da forma de bar tem hoje a função de depósito; e do último também resta a construção que hoje serve para abrigar o escritório da madeireira da família, ambos localizados na rua Adolfo Rehbein, da sede da localidade.

Além destes, outros foram sendo instalados, como o “Bar do Nentio”, anexo à casa do proprietário, que ainda encontra-se em funcionamento; o Bar do Edgar; a loja da Balbina; o Bar do Zarichen (que atualmente encontra-se desativado, servindo o espaço de moradia para a família); e duas lojinhas de R\$ 1,99 pertencentes a Dirce Dolennei e Ivo Kozlowski, ambas instaladas na residência das proprietárias.

Como se pode ver, o desejo de se tornar proprietário de uma loja vai além da falta de espaço físico, uma vez que algumas lojas são instaladas na própria residência das pessoas, gerando uma grande disparidade nas relações entre forma e função.

Um impacto diferenciado na paisagem da localidade foi percebido com a construção de uma lanchonete “*Charrete's Lanches*”, na qual o proprietário buscou uma arquitetura e uma decoração “*country*”, fugindo totalmente da cultura do local. Trata-se de uma estrutura aprazível sob o ponto de vista dos moradores, mas que em nada retrata a cultura polonesa, muito pelo contrário, ocupa hoje um local que antigamente era o de uma construção para habitação tipicamente polonesa.

No interior da construção, se encontra um museu particular, com alguns objetos antigos, muitos deles de características polonesas, como os “morcegos” (antigos lampiões utilizados quando não se tinha energia elétrica), ferros antigos de passar roupa, dividindo

espaço com objetos como rodas de carroça, lampiões, roupas de couro, enfim, objetos de decoração “country”. Na Imagem 19, pode-se perceber a arquitetura da construção:



IMAGEM 19 – Bar e lanchonete “Charrete’s lanches”, na rua Adolfo Rehbein, S/N. Fonte: FOETSCH, 2006.

Por incentivo e auxílio da Cohapar (Companhia de Habitação do Paraná), foram construídas na sede da localidade de Rio Claro do Sul, um conjunto de casas conhecidas como “populares” e que recebem a denominação de Conjunto Habitacional Vila Feliz, também conhecidas popularmente por “Casas Populares Padre Zigmund”. Tal construção modificou consideravelmente a paisagem do distrito, uma vez que passou a ocupar um local que antes era ocupado por uma cobertura vegetal bastante densa, causando um impacto nas pessoas que se deparam pela primeira vez com este conjunto.

A Imagem 20 retrata a placa principal do Conjunto Habitacional e algumas casas:



IMAGEM 20 – Conjunto Habitacional “Vila Feliz”, também conhecido como Padre Zigmund, na rua Adolfo Rehbein, S/N. Fonte: FOETSCH, 2006.

Com a construção desta obra inúmeras famílias foram, de certa forma, privilegiadas com uma moradia mais digna. Muitos deixaram suas propriedades ou casas alugadas em outro local e mudaram-se para o distrito, aumentando assim o número de moradores. O

estilo “industrial” das construções “em série”, entretanto, foge totalmente ao das características habitacionais encontradas no local.

O Conjunto Habitacional foi denominado “Vila Feliz” pela construtora, no entanto, ficou também conhecido como “Casas Populares Padre Zigmund” – padre polonês que durante muito tempo atendeu à localidade – nomenclatura dada pelos moradores do local.

Um elemento bastante significativo, atualmente presente na paisagem da localidade, é o Posto de Gasolina pertencente ao Sr. Nereu Stasiak. Este foi construído na rua principal da localidade, e passou a ocupar um espaço que anteriormente era ocupado por uma construção de madeira com lambrequins, que durante muito tempo serviu de moradia e sede do Cartório de Registro Civil, até sua demolição para construção do Posto. Percebe-se nas imagens 21 e 21.1 a diferença entre as duas construções:



IMAGEM 21 – Antigo Cartório de Registro Civil, hoje inexistente. Fonte: NEREU STASIAK (Acervo particular).



IMAGEM 21.1 – Posto de Gasolina construído no lugar do antigo Cartório de Registro Civil. Fonte: FOETSCH, 2006.

Inegavelmente, as características modernas desta última edificação alteraram a paisagem do lugar. A primeira construção em madeira, rica em detalhes, de coloração suave cedeu lugar a uma outra que pelo seu caráter mercadológico chama atenção para si pelas suas características arquitetônicas e coloração forte.

A população local, que outrora utilizava como meio de transporte a carroça, adquire uma nova necessidade, combustível para abastecer os veículos automotores. Na paisagem atual é comum a coexistência de meios de transporte do passado, que se mantêm ainda hoje em uso, com veículos modernos. Carroças, carros, tratores agrícolas dividem o mesmo espaço transitando pelas ruas do distrito.

Outra grande disfunção entre forma e função pode ser visualizada nas imagens seguintes. Na Imagem 22, percebe-se um dos bares que atende a comunidade, que funciona na casa do proprietário; e na Imagem 23, uma antiga mercearia, hoje servindo de depósito de mercadorias:



IMAGEM 22 – Bar situado na Rua Adolfo Rehbein, S/N. Moradia e bar conjugados. Fonte: FOETSCH, 2000.



IMAGEM 23 – Antigo Comércio na Rua Adolfo Rehbein, S/N. Fonte: FOETSCH, 2000.

Nos dias atuais, o distrito de Rio Claro do Sul conta com três mercados em sua sede: o mercado Stasiak, o mercado Wronski e o mercado São José. É interessante notar a trajetória espacial destas construções.

O primeiro – Mercado Stasiak – que hoje ocupa um lugar próprio e com mais espaço mostra o crescimento do investimento dos proprietários. Antigamente contava com uma pequena construção de alvenaria que mais parecia um bar do que um mercado em si.

O segundo – Mercado Wronski – é mais recente, no entanto, construído numa localização que anteriormente dava espaço para uma moradia muito antiga. Da mesma maneira que o posto de gasolina foi construído para atender as necessidades da população ao preço da demolição de uma estrutura em madeira antiga e de muito valor arquitetônico.

O terceiro e último – Mercado São José – construído também mais recentemente, já foi projetado para este fim, estando a casa da proprietária localizada no segundo piso do mesmo. A construção em dois pisos, combinando funções, destaca-se na paisagem. Convém destacar que todos estes mercados são de propriedade de poloneses radicados há muito tempo na localidade.

Além das construções mencionadas, uma merece destaque especial. Trata-se de uma obra datada de 1928 pertencente ao Sr. Ervino Kovalski e localizada na Rua Adolfo Rehbein esquina com a Rua Ladislau Kasprzak. Foi construída em alvenaria pelo avô do dono atual para servir de venda.

Atualmente, possui várias funções, a parte superior da construção antiga serve de depósito e a parte inferior mantém a função comercial, mas ao invés de venda de produtos primários é hoje uma “Agropecuária”. Quanto à ampliação da construção, ainda se desconhece sua futura função, no entanto, em virtude dos detalhes arquitetônicos e da disposição das portas e janelas, acredita-se que será também utilizada para a função comercial.

Sua estrutura original ainda é mantida e mesmo maltratada pelas intempéries do

tempo, sua fachada continua a mesma, rica em detalhes arquitetônicos. O que merece destaque nesta construção de esquina é a manifestação de seu proprietário em ampliar esta construção mantendo as mesmas características do núcleo original, logicamente dispondo de materiais e tecnologias mais modernas do que as da época, mas com o intuito de chegar a uma proximidade máxima entre as duas.



IMAGEM 24 – Antiga construção, datada de 1928.
Fonte: FOETSCH, 2006.



IMAGEM 25 – Ampliação da construção anterior.
Fonte: FOETSCH, 2006.

Tal manifestação revela materialmente o desejo de algumas pessoas em manter, através da arquitetura, uma ligação com os antepassados. Com estas considerações, percebeu-se a importância de destacar alguns lugares que representam os pontos ou elementos centrais da paisagem percebida pelos moradores, uma vez que para a formação e afirmação da identidade dos lugares, a relação entre a comunidade e o meio é fundamental e são os laços de afetividade que ligam o homem – abstrata ou concretamente – ao lugar vivido, que despertam os sentimentos e constroem o imaginário, considerado como construtor e revelador de identidades.

Esta relação das pessoas da comunidade com seu ambiente vivido transborda afeição e sentimento de apego, de enraizamento. Dentre os inúmeros elementos que compõe a paisagem da sede do distrito, muitos infelizmente não puderam ser destacados neste trabalho por não apresentarem a mesma relevância dos que foram abordados visando o objetivo desta pesquisa.

Assim após a apresentação dos elementos e de uma caracterização de sua dinâmica, parte-se para uma abordagem acerca das relações dos moradores para com estes elementos físicos da paisagem, bem como uma discussão acerca da maneira com que estes elementos influem no imaginário dos habitantes do lugar, sejam eles poloneses ou não.

**Capítulo IV – RIO CLARO DO SUL:
A PERCEPÇÃO LOCAL DA DINÂMICA DA PAISAGEM**

“cabe ao historiador oral obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de memórias, se não forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente” (CORRÊA, 1978, p.15)



Imagem da Gruta Nossa Senhora de Lourdes de Rio Claro do Sul.
Fonte: FOETSCH, 2006.

Capítulo IV – RIO CLARO DO SUL: A PERCEPÇÃO LOCAL DA DINÂMICA DA PAISAGEM

“Um povo é reconhecido como tal, através de suas manifestações culturais, do seu modo de ser, dos costumes, do idioma, da música, da comida e de outras tantas atividades que o identificam” (IAROCHISNKI, 2000, p.48).

Considerando a paisagem como um reflexo que inclui todas as modificações culturais modeladas pelo homem, esta pode explicitar tais marcas e receber assim uma identidade típica num conjunto único e indissociável. Acredita-se que este ambiente material modificado para atender as necessidades humanas possui uma íntima ligação com o imaginário dos habitantes – modeladores desta porção do espaço. Esta perspectiva material e física alimenta os fatores de ordem simbólica, uma vez que os ajustamentos do homem ao ambiente natural resultam na criação de ambientes físico-sociais.

A fenomenologia como aporte metodológico fornece um balizamento para os estudos de ordem cultural que valorizam o lugar como fruto de diferentes contextos em que a paisagem explicita também marcas identitárias. Essas marcas são reflexos da sociedade que habita esse lugar, uma vez que esta busca expressar também visualmente suas características culturais.

No sentido visual, a arquitetura contribuiu até o momento para uma análise da dinâmica dos elementos da paisagem cultural de Rio Claro do Sul, onde o arquiteto americano Kevin Lynch (1997) ao apresentar o lugar como fruto de muitos construtores, colaborou ressaltando que este lugar passa sempre por uma contínua sucessão de fases, não chegando a um resultado final.

Lynch (1997) destaca também a importância de se valorizar os cidadãos, uma vez que cada um destes possui várias associações com alguma parte do lugar e esta percepção subjetiva está impregnada de lembranças e significados, o que está diretamente ligado à paisagem, à imagem ambiental e à construção do imaginário.

Nesta perspectiva, realizou-se uma análise das edificações que desapareceram, das que surgiram e das que se alteraram no distrito, isso para que se pudesse apresentar o lugar justamente nesta sucessão de fases, estabelecendo uma cronologia espaço-temporal e dando sentido à pesquisa.

Dessa maneira, logo após retratar a dinâmica espacial dos elementos, se torna interessante avaliar de que maneira essa alteração é percebida pelos moradores de origem polonesa no local, bem como, de que maneira essa dinâmica da imagem ambiental se relaciona com o imaginário destes moradores, sobretudo os mais idosos (entenda-se: os

moradores mais antigos do local), que são aqueles que mais presenciaram efetivamente essas alterações na paisagem.

4.1 OS POLONESES DO LUGAR

Rio Claro do Sul passa a ser visto como uma porção do espaço, transformada em lugar para a comunidade de origem polonesa que neste reside. As formas de vida, a paisagem esculpida e o rico imaginário contribuem para um grato estudo das relações entre este povo e seu lugar.

Alguns depoimentos colhidos, juntamente com as entrevistas realizadas, retrataram como foi a chegada a Rio Claro do Sul, ressaltando que as histórias orais, ou as “histórias de vida” como nomeia Giddens (2005), se apresentam como parte da cultura de um povo, um legado transmitido, algo valorizado e que deve ser evidenciado. Acredita-se que a identidade tem uma história, e é também pelos atos narrativos que um grupo étnico se identifica.

Curiosamente, e contrariando o que se pensava inicialmente, percebeu-se pela busca de informações nos arquivos paroquiais, nos livros e, sobretudo na pesquisa de campo, pelas entrevistas e reconstrução de parte da história oral dos moradores, que os poloneses não foram os primeiros a chegar à atual localidade de Rio Claro do Sul. Anteriormente a esta chegada, viviam no local os índios e os caboclos.

Dos índios, pouco se sabe, apenas foram encontrados resquícios remanescentes de sua presença ou passagem, como pontas de lança, utensílios de barro, arcos e também descrições e relatos dos caboclos que chegaram à localidade antes dos poloneses.

Os poloneses¹² por sua vez, na Europa, tinham um contato muito íntimo com os ucranianos, por habitarem regiões vizinhas. Entre estes, na época da imigração existia certa sintonia, pois provinham de um continente onde o clima, o relevo e as condições sociais eram parecidas.

A presença de alguns ucranianos no distrito, por sua vez, se confirma no registro de óbitos da Paróquia de Rio Claro do Sul, onde nos Arquivos Paroquiais (Livro Tombo I, p.01) encontra-se que “a primeira leva dos imigrantes [poloneses e ucranianos] fixou-se na região a partir do ano de 1890”, além disso, sabe-se, de acordo com dados do Livro de Registro de Óbitos I da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em sua folha 001, rubricado pelo padre capelão Ludovico Przytarski na data de 08 de novembro de 1896, que foi sepultada no

¹² Por que partiram? Parte das respostas encontra-se na obra de Romão Wachowicz (1997), intitulada “Homens da Terra”, de onde se nota que eram impingidos pela injustiça social, pela falta de terra, pela pobreza. Eram atraídos pelas perspectivas de uma vida melhor, pela lenda de terras sem fim, pela liberdade: A utopia da América.

cemitério da localidade a Sr^a Elisabeth Kucharuk, de origem ucraniana. Interessante ressaltar e deixar registrado as primeiras famílias que chegaram ao distrito de Rio Claro do Sul. Os registros demonstram que as primeiras famílias (organizado a partir dos nomes dos chefes das famílias, em ordem alfabética) a chegarem foram:

001	Franciszek Selner	018	Stanislaw Kozminski
002	... Pietrasik	019	Antoni Socha
003	Elias Ribas	020	Piotr Czarny
004	Felix Baziewicz	021	Piotr Bialecki
005	Franciszek Dumanski	022	Roman Paul
006	Henryque Dugueme	023	Teodor Konart
007	Hieronim Baminski	024	Michal Trojan
008	Jan Buczek	025	Josef Grembecki
009	Jan Sadowski	026	Andrzej Cymbalista
010	João Manoel de Quadros	027	Bazyli Szymanski
011	Josef Przymus	028	Antoni Stefan
012	Julian Buczek	029	Michal Klosowski
013	Manoel José Miranda	030	Stanislaw Lesinski
014	Piotr Dumanski	031	Antoni Babisz
015	Tomasz Koslowski	032	Josef Gicre
016	Waclaw Muskala	033	Jersy Festenbury
017	Waclaw Muskala		

QUADRO 05 – PRIMEIRAS FAMÍLIAS A CHEGAREM EM RIO CLARO DO SUL.

Fonte: DEINA (1990, p. 81). Adaptado por FOETSCH (2006).

Importante destacar que nesta relação somente foram nomeadas as famílias que se fixaram no núcleo central da localidade de Rio Claro do Sul, outras famílias polonesas se dispersaram formando outros núcleos, denominados colônias, como por exemplo: Colônia I, II, III..., Colônia Iguazu, Estrada de Palmas, Barra Feia, entre outras.

No entanto, com o passar do tempo, algumas famílias do interior fixaram sua residência no núcleo central de Rio Claro, enquanto que algumas famílias de Rio Claro foram para o interior. A listagem completa das famílias polonesas que inicialmente fixaram residência no município de Mallet pode ser encontrada no livro de Mario Deina.

Em virtude da necessidade de comparar as famílias que chegaram inicialmente em Rio Claro do Sul, já apresentadas no Quadro 05, realizou-se um levantamento com o objetivo de comprovar quantas famílias polonesas se encontram atualmente residindo na localidade, destacando os sobrenomes poloneses encontrados no local. Os dados encontram-se no Quadro 06 sendo fundamentais para a compreensão da escolha dos que contribuíram para a presente pesquisa, comprovando realmente que a comunidade de Rio Claro do Sul é composta na sua grande maioria por poloneses.

001	Augusto Tarniowicz	044	Paulo César Guimarães
	Maria Kovalczuk	045	Valdir Zwierzykowski
003	Natália Kosloski	046	Vicente Boroski
004	Alexandre Marczak	047	Ambrósio Kozlowski
005	Roberto Marczak	048	Edvirges Daczkowski
006	Hélio Fonseca	049	Zigundo Kozlowski
007	Lauro Gonçalves	050	Eva de Lima Vitacki
008	Carlos Sniadowski	051	Venceslau Koslowski
009	Ezilina Marczak	052	Ana de Paula
010	Juares Scolari	053	Vitor Kurzydowski
011	José Maia Bruz	054	Júlio de Paula
012	João Maria Fonseca	055	Helena Correa de Mello
013	Eurico Dolizeti Baranek	056	Sebastião do Rosário
014	Damiano Koslovski	057	Maria Drewnowski
015	Osmir Szymkowiak	058	José Rybarczak
016	Leopoldo Osinski	059	Clara Koslowski
017	Nelson Daczkoski	060	Valdomiro Soika
018	Sebastião Baranek	061	Miguel Kovalczuk
019	Sbigner Stasiak	062	Adão Kozlowski
020	Alberto Oliveira	063	Nelson Maernik
021	Isidoro Sniadowski	064	Estanislau Kozlowski
022	Darci Oliveira Lima	065	Alceu Foetsch
023	Antonio Guimarães	066	José Ivo Rodrigues
024	Jorge Cichocki	067	Milton Kazmierczak
025	Luis Fernando Myszynski	068	Tereza Panek
026	Florian Marczak	069	Florian Koslowski
027	Mauro Sérgio Guimarães	070	Paulo Loginski
028	Judith Guimarães	071	Benjamin Kurzydowski
029	Alexandre Zwierzykowski	072	Isidoro Zawadski
030	Antonio dos Santos	073	Marta Sobieranski
031	Tadeu Koslowski	074	Januário Schadai
032	Sonia de Candido	075	Olivir Gonçalves
033	Jorge Sniadowski	076	Pelágia Karvoski
034	José Jefferson Maernik	077	Júlio Adalberto Karvoski
035	Cláudio Sobieranski	078	Irio J. Kurzydowski
036	Ivo José Kozloski	079	Jorge Koslowski
037	Mariano Stadnik	080	João de Paula
038	Dirceu Kurzydowski	081	Pedro Skrzypa
039	Zeno Marciniak	082	Luis Guimarães
040	Tertuliano de Lima	083	Laura Foetsch
041	Janina Kruk	084	Mário João Drewnowski
042	Raimundo Koslovski	085	Jorge Borges
043	Paulo Osinski	086	Juvêncio Wolaniuk

087	Davi Zwierzykowski	125	Severo Wolaniuk
088	Marcos Wolaniuk	126	Constante Temcheszen
089	Wilson Zwierzykowski	127	Zenon Kasprzak
090	Mauro Ferreira de Lima	128	Noemia Hermes
091	Lídia Wardinski	129	Paulo Raimundo Tyski
092	Edvirges Blasczyk	130	Sérgio Stavicki
093	Aloise Kaczoroski	131	Victorio Argenta
094	Marcos José de Paula	132	Máurio Ferreira de Lima
095	Romualdo Kocinski	133	Tomas Stasiak
096	Paulo Borges	134	Julio Turquevicz
097	João Luiz Rutkowski	135	Gilberto Gural
098	Paulo Blasczuk	136	Roberto Guraleski
099	Daniel Wolaniuk	137	Valter Luis Foetsch
100	Emilia Stavicki	138	Eva Kurzydowski
101	Catarina Kasczuk	139	Carlos Daczkowski
102	Amilton Perussi	140	Luis Stavicki
103	Lino Mário Zarichen	141	Luis Rusinek
104	Mário Dolennei	142	Roberto Stanczyk
105	Dionisio Loginski	143	Julia Royko
106	Jair Adrianczyk	144	Edgar Von Gilsa
107	Fernando Zwierzykowski	145	Gabriel Drewnowski
108	Luis Jaczkowski	146	Irio Vitor Stasiak
109	Eugenia Jaczkowski	147	Darci Wronski
110	Acir de Oliveira Lima	148	João Nereu Stasiak
111	Odair José Boroski	149	Florian Panek
112	Aloise Cieslak	150	Margarida Zaboroski
113	Sebastião Cieslak	151	Eugenia Kozlowski
114	Adão Drewnowski	152	Rosa Stasiak
115	Valdir Elias Mendrzycki	153	Edvino Glus
116	Vanda Panek	154	Verônica Skreczkowski
117	Edvirges Schadai	155	Walter Baranek
118	Gerson Hermes	156	Marta Kolassa
119	Edvino Panek	157	Osni Gonçalves Batista
120	Jaime Panek	158	Helio Franco Ferreira
121	Regina Myrzynski	159	Valdomiro Diduch
122	João Novakoski	160	Valdomiro Zadereski
123	Romão Stanczyk	161	Renato Stanczyk
124	Sérgio Zielinski	162	Dirceu Gibowski

LEGENDA:

	Famílias com sobrenome polonês
	Famílias não-polonesas
	Famílias com a esposa ou marido de origem polonesa

QUADRO 06 – RELAÇÃO ATUAL DAS FAMÍLIAS MORADORAS DO NÚCLEO CENTRAL DE RIO CLARO DO SUL.
Fonte: PSF – Programa Saúde da Família, Secretaria Municipal de Saúde de Mallet/PR, 2001. Org: FOETSCH, 2006.

Interpretando o Quadro 06, pode-se perceber que, das 162 famílias moradoras do núcleo central do distrito de Rio Claro do Sul, apenas 32 famílias não possuem nenhuma ligação direta com os poloneses. Assim sendo, evidencia-se claramente que a localidade se apresenta como um lugar onde as marcas identitárias são moldadas pelos poloneses. A maior parte das famílias que não são de origem polonesa encontram-se no Conjunto Habitacional Vila Feliz.

A cultura, como modo característico de vida de um povo numa sociedade, é construída por intervenção e descoberta, acumulação, seleção e difusão. Para analisar uma porção do espaço, a amostragem surge como solução na impossibilidade de se estudar todas as pessoas diretamente. Sendo assim, foram realizadas entrevistas qualitativas (ver Formulário no Anexo 03) com 25 moradores da localidade de Rio Claro do Sul, todos com residência de no mínimo de dez anos, com idade superior a 55 anos e que possuem o pai ou a mãe com sobrenome polonês.

As entrevistas foram realizadas num período de dois meses (27/02 a 28/04/2006) nos domicílios, no posto de saúde, no grupo da terceira idade e em encontros de visitas ocasionais. Contou-se com o auxílio de fotos antigas e atuais (já destacadas no capítulo anterior), utensílios antigos, com o objetivo de envolver e despertar o imaginário, contrapondo visivelmente, o antes e o depois da paisagem, o que se utilizava e o que foi sendo abandonado.

Deparou-se com ricos depoimentos orais, os quais também foram destacados, isso porque, de acordo com Corrêa (1978) é importante “obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de memórias, se não forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente” (p.15). Acredita-se que a valorização da memória e do imaginário deve ser constante, para que tais “documentos” não acabem por se perderem.

Os objetivos das entrevistas realizadas em Rio Claro do Sul, constituíram em buscar compreender de que maneira as dinâmicas dos elementos da paisagem cultural interferem nas relações dos moradores do local, bem como, valorizar as histórias de vida dos moradores.

Para tanto, os elementos da paisagem cultural, já definidos anteriormente no trabalho de campo, foram salientados, com vistas a obter os dados satisfatórios para a pesquisa, porém de uma forma a não direcionar as respostas, deixando os entrevistados livres para contribuir de acordo com o que realmente percebem.

A coleta de informações se deu num primeiro contato informalmente, justamente para que o universo de entrevistados pudesse ser escolhido de uma maneira satisfatória e condizente, e as entrevistas e coletas de depoimentos ocorreram através de conversas

particulares, com o auxílio de fotos antigas e atuais, com o objetivo de despertar o interesse na conversa e também direcionar os temas.

Portanto, a escolha das pessoas que contribuíram com relatos foi dirigida, partindo do particular propósito da dissertação, que visa o estabelecer de relações entre a identidade étnica polonesa, a paisagem construída e o imaginário.

Assim sendo, apresenta-se neste momento os dados colhidos e algumas considerações acerca da percepção dos moradores de Rio Claro do Sul, sobretudo os mais idosos, quanto aos elementos religiosos, sociais e também aos novos elementos que foram sendo incorporados na paisagem do local.

4.2 A PERCEPÇÃO DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA PAISAGEM

Os elementos religiosos são aqueles que possuem uma íntima ligação com a vida cotidiana dos moradores sob o ponto de vista espiritual. São edificações presentes na paisagem, que pelo simples contato visual dos moradores despertam o imaginário pelo simbolismo que portam. São estes os mais referenciados: a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e o Colégio Santa Clara.

Com relação a estes elementos religiosos da localidade e baseando-se na entrevista, na história oral dos moradores e nos depoimentos colhidos, percebe-se claramente a relevante índole católica dos moradores de origem polonesa. Os mesmos ressaltam que desde o início da colonização do distrito a religiosidade teve papel fundamental.

Em unanimidade, afirmam que a Igreja é o elemento mais destacável, vista como objeto material, palpável e visível, relembram fatos que ouviram quanto à sua construção e reformas. Esta Igreja Nossa Senhora do Rosário é o local onde os moradores da localidade – e isso não exclui os de origem não polonesa – se encontram atualmente para professar o catolicismo.

Sobre esta, sabe-se que logo na chegada dos imigrantes à localidade, no ponto mais alto do povoado iniciou-se sua construção, que ao longo do tempo foi sendo remodelada, mas sua localização permaneceu. Mário Deina (1990) retrata um pouco de sua história:

...a importante e majestosa “Czestochowa Paranska” tinha uma torre de cinquenta metros de altura e era uma cópia da famosa “Czestochowa” (Santuário Nacional da Polônia Católica). Foi construída pelo lendário Pe. Ludovico Przytarski e deu lugar a atual igreja matriz, toda em alvenaria e habilmente arrematada pelo Pe. Wenderlin Swierczek (DEINA, 1990, p.52).

A imagem da Igreja na década de 1930 em contraponto com a imagem da Igreja atualmente, afirma o simbolismo que esta porta. Percebe-se que sua forma é de extrema importância para os poloneses.

Nota-se também uma grande referência ao cerimonial religioso da missa, a forma como o coral – composto por pessoas da comunidade, maior parte poloneses – anima e atrai as pessoas para a celebração (também com cantos poloneses):

“O que mais me atrai durante a missa é o coral, principalmente quando cantam cantos em polonês” (WRONSKI, 2006),

Um grande destaque é dado as romarias que freqüentemente ocorrem no Santuário Mariano Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes:

“Gosto muito de ir nas romarias, rezar e agradecer a Nossa Senhora da Imaculada Conceição” (TYSKI, 2006).

As imagens expostas no altar da Igreja também são muito relatadas, sendo portadoras de muito simbolismo.

Certamente, a religiosidade do povo polonês é uma característica marcante, os centros religiosos foram sempre a defesa espiritual. Na Polônia, o mosteiro de *Jasna Gora* (Monte Claro), que recebeu em 1384 a pintura da Mãe Santificada e o Jesus Criança é um dos locais mais santos para os poloneses. A imagem, conhecida como Madona Preta foi obra de São Lucas, a esta Santa, os polacos¹³ sempre recorreram como auxílio divino para resolver seus problemas.

Na Igreja Nossa Senhora do Rosário, no altar lateral, encontra-se o quadro da Nossa Senhora de Monte Claro - Madona Preta. Toda quarta-feira a comunidade se reúne às três horas da tarde para uma novena dedicada a esta santa. No altar principal, encontra-se a imagem de Santo Antônio. Ambos são muito reverenciados pelos moradores da comunidade. Mário Deina retrata que:

Em Rio Claro encontra-se a milagrosa estampa de Nossa Senhora de Monte Claro (Matka Boska Czestochowska). Foi pintada pelo “Kustosz” (conservador, tador) de Czestochowa, senhor Pisarek, que a ofereceu de presente ao Pe. Sigmunt Kilijanek (DEINA, 1990, p.55).

Nos depoimentos, percebeu-se que a devoção aos santos é algo muito antigo. Os Anais da Comunidade Brasileiro polonesa trazem uma carta de um missivista de Florianópolis à esposa e filhos que ficaram na Polônia, escrevia ele: “Leve consigo [...] os quadros de Nossa Senhora do Monte Claro, Sto. Antônio e coloque-os no meio dos pertences para não se quebrarem” (CARTA Nº24, p.97). Esses fragmentos de carta são fundamentais para definir uma identidade polonesa, uma vez que retratam a religiosidade e o simbolismo, muitos dos moradores poloneses de Rio Claro do Sul, possuem entre seus

¹³ Referente à discussão sobre as nomenclaturas “polonês” e “polaco”, Iarochinski (2003) ao escrever um livro sobre a imigração polonesa no Brasil, percebendo que ao pronunciar o termo polaco causava profundo mal-estar entre os descendentes mais idosos desta etnia, decidiu investigar por que, quando e quem começou a mudar o significado do termo “polaco” no Brasil, as considerações encontram-se em seu livro: “Saga dos Polacos”.

pertences imagens de Nossa Senhora de Monte Claro e Santo Antônio trazidos da Polônia por seus antepassados.

“Tenho bem guardadinho em casa, quadros de Nossa Senhora de Monte Claro, que minha avó trouxe escondido da Polônia” (STASIAK, 2006).

Cultos religiosos também foram mencionados, como a benção dos alimentos e a Semana Pascal; a celebração do Nascimento de Jesus quando ocorre a partilha do pão celeste entre os presentes, simbolizando a fraternidade; a procissão de Corpus Christi nas casas dos moradores, entre outros.

Cultivando um costume que provém dos antepassados, praticamente em todas as casas polonesas, são encontradas as letras “K M B” (abreviaturas dos reis magos), acompanhadas do ano corrente: “KMB 2006” inscritas na parte de dentro e superior da porta principal da casa simboliza a acolhida aos três magos e uma referência ao Nascimento de Jesus Cristo no ano de 2006.

Wachowicz (1981) acredita que o vínculo demonstrado entre religião e a polonidade representa um vínculo entre fé e patriotismo onde as conotações históricas da nação polonesa levariam a uma compreensão do que chama de *fé polonesa*, ou seja, a linguagem, o rito, os dias santificados existentes na terra natal e que continuam a ser respeitados (p.95). Neste sentido, é importante destacar os ritos e rituais religiosos ainda presentes em Rio Claro do Sul, de acordo com Mário Deina (1990), pode-se citar:

TABELA 02 – PRINCIPAIS COMEMORAÇÕES E CELEBRAÇÕES POLONESAS EM RIO CLARO DO SUL, MALLET/PR

No.	Data	Comemoração	Tradução
01	06 de janeiro	Trzech Króli	(giz e incenso)
02	02 de fevereiro	M. B. Gromnicznej	(velas)
03	*	Piatek	(Via-sacra sexta-feira/Quaresma)
04	*	Rezurekcja	(Páscoa dos Cristãos)
05	*	Dwa dni Swiat Wielkanocnych	(2º Dia da Páscoa)
06	19 de março	Swiety Józef	(São José)
07	25 de março	Zwiastowanie N. M. Panny	(Anunciação de N. Srª)
08	03 de maio	Królowei Polski	(N. Srª Rainha da Polônia)
09	29 de junho	Swietego Piotra i Pawla	(São Pedro e São Paulo)
10	06 de agosto	Przemienienie Panskie	(Transfiguração do Senhor)
11	15 de agosto	M. B. Zielnej	(N. Srª das Flores e Plantas)
12	08 de setembro	Narodzenie N. M. Panny	(Natividade de N. Srª)
13	07 de outubro	M. B. Rozancowej	(N. Srª do Rosário)
14	01 de novembro	Wszystkich Swietych	(Todos os Santos)
15	08 de dezembro	N. Poczecie N. M. Panny	(Imaculada Conceição)
16	*	Pasterka	(Missa do Galo)
17	*	Dwa dni Swiat Bozego Narodzenia	(2º dia do Natal)

* Datas variáveis no calendário.

Fonte: DEINA (1990, p.33-34). Adaptado por FOETSCH (2006).

Todas essas considerações tomam vida no momento em que passam a ser lembradas pelos moradores do local. Estes hábitos contribuem para a afirmação de uma identidade polonesa e os simbolismos provenientes destes ritos alimentam o imaginário, fazendo com que o simples observar da Igreja traga à memória todas estas lembranças.

Percebe-se que a comunidade atribuí à forma física visível da Igreja a função de ponto de encontro onde a fé é processada, havendo, portanto, uma relação direta e coerente entre forma e função. A forma da Igreja, majestosa e localizada no ponto mais alto do povoado, possui uma estrutura capaz de satisfazer as necessidades dos que a procuram para manifestar sua religião.

Os moradores, por sua vez, criaram com esta forma um laço de afetividade baseado no apego construído com o passar do tempo, nos batizados, casamentos, cultos religiosos em geral, sendo, portanto, um elemento peculiar e extremamente simbólico para a comunidade. Mesmo com as variações sofridas pela forma física da Igreja, esta sempre se manteve ligada à função religiosa, como se pode perceber quanto discutido sobre o elemento religioso que mais chama a atenção em Rio Claro do Sul:

“Igreja. Por ser o local de encontro dos habitantes daqui. Também por trazer muitas lembranças: batismo, casamento, batismo dos filhos e netos”.(KOSLOWSKI, 2006).

A elevação da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes à categoria de Santuário Mariano Diocesano de Rio Claro do Sul, afirmou ainda mais o simbolismo deste elemento religioso para os moradores da comunidade. Durante a pesquisa de campo, no íntimo contato com os poloneses mais idosos, pôde-se notar que este elemento também é de extrema importância espiritual:

“Gosto muito de ir na Gruta, tomar água e rezar, me sinto muito bem naquele lugar, a floresta verde e os passarinhos cantando, é muito bom” (WITASKI, 2006).

Nota-se assim, o quanto um elemento físico pode através da sua edificação material e do simbolismo particular que porta, despertar os mais variados sentimentos nas pessoas. Cullen (1974) acredita que “... la visión resulta no solamente útil, sino que, ademais, tiene la virtud de evocar nuestros recuerdos y experiencias, todas aquellas emociones intimas que tienen el poder de conturbar la mente encuan to se manifiestan” (p.9). Essa “perturbação da mente” como trata Cullen, pelo menos no que diz respeito aos elementos materiais da paisagem cultural de Rio Claro do Sul é uma referência ao simbolismo e ao imaginário dos poloneses.

O Colégio Santa Clara, ou Colégio das Irmãs, como também é conhecido pelos moradores, também é muito referenciado. De apreciável e destacável arquitetura, o Colégio

chama a atenção dos que passam por perto. Mas para os poloneses, o Colégio traz também lembranças. Era o lugar onde muitos destes estudaram, aprenderam a bordar, a fazer crochê, a cozinhar, alguns até moraram por muito tempo, entre tantas outras coisas, como se pode perceber no seguinte depoimento:

“Parei por algum tempo no Colégio com as irmãs, lá estudei parte do primário. Nós ajudávamos na limpeza, cozinávamos, aprendíamos a bordar, fazer crochê, e íamos também na missa. Sinto muitas saudades das irmãs que foram embora, sempre que passo na frente do Colégio me lembro delas” (KOZLOWSKI DOS SANTOS, 2006).

E assim, considerando a imagem como resultado de um processo bilateral entre o observador e o ambiente e todas as entrevistas realizadas, pode-se apontar - baseando-se na imagem pública, que é a sobreposição de muitas imagens individuais -, que a Igreja é a que mais se destaca em Rio Claro do Sul do ponto de vista religioso e na perspectiva dos entrevistados.

É a imagem deste elemento a responsável pelo imaginário religioso e afetivo dos moradores, em seus cultos, crenças, no coral, na arquitetura majestosa, na figura dos padres, enfim, é um elemento material, cuja imagem destaca-se, consideravelmente, na paisagem a ponto de gerar um sentimento de apego e afetividade para com o lugar vivido.

Assim, novamente se recai sobre a importância da religião.

4.3 A PERCEPÇÃO DOS ELEMENTOS SOCIAIS NA PAISAGEM

Os elementos sociais são aqueles que materialmente dão suporte e abrigo, servindo como pontos de encontro para a comunidade, são neles que as pessoas da localidade se divertem, conversam, trabalham, enfim se socializam. Entre eles se destaca a Sociedade Casa do Povo, como um local para encontros dos mais variados fins, sejam eles religiosos, culturais, ecumênicos; as escolas que atenderam às necessidades educacionais dos alunos; as bibliotecas que serviram auxílio teórico para os interessados; as indústrias que apesar de não serem públicas atendem e empregam uma parcela significativa dos moradores; e o hospital que, no pouco tempo que existiu, tratou das enfermidades que ocorreram.

A “Sociedade Casa do Povo”, criada com o objetivo de proporcionar lazer e diversão, é bastante destacada entre os entrevistados, no entanto, estes ressaltam o estado físico da construção, que se encontra um tanto quanto abandonada, mas que mesmo assim é utilizada com frequência para atividades comunitárias. São os elementos que, presentes na paisagem, representam um envolvimento com os moradores gerando sentimentos.

Um ponto relevante nessa construção é a arquitetura rica em detalhes e projetada para fins teatrais e de apresentações artísticas, fato este que desperta nos moradores, sobretudo os poloneses (ou descendentes) que a fundaram, um sentimento de afeição e carinho para com este elemento pelo simbolismo subjetivo que porta. Nas respostas quando indagados sobre o elemento sócio-cultural que mais impressiona na paisagem do distrito esta aparece com frequência:

“A Casa do Povo que está abandonada, pois foi construída pelos nossos pais e avós e deveria ser conservada” (KOVALSKI, 2006)

Como se pode perceber nas imagens anteriormente apresentadas e nas entrevistas, a arquitetura é bastante rica e apesar de não se apresentar bem mantida, a construção em si, sua localização e arredores são: *“um colírio para os olhos”* (idem).

Um elemento que desapareceu da paisagem e que faz muita falta, segundo os entrevistados, é o hospital, que funcionava no antigo colégio das Irmãs (que atualmente inexistente) e era o modelo da região, mas que com a mudança das Irmãs de Caridade para o lado da Igreja perdeu sua sede e sua função. Desde então, a mais de setenta anos a localidade não dispõe de serviços hospitalares. No local deste antigo colégio hoje se encontra uma moradia comum.

Além destes dois últimos elementos – a Casa do Povo, ainda em funcionamento, e do hospital, que deixou de existir – outras considerações foram feitas pelos entrevistados, considerações estas que permeiam o imaginário e que os ligam ao seu lugar de uma forma especial. Um exemplo é o apego aos falecidos enterrados no cemitério, principalmente as figuras dos sacerdotes religiosos católicos que já faleceram, da antiga banda musical¹⁴ composta por jovens e que se desfez, das reuniões do grupo de jovens “Junak¹⁵”. Pode-se perceber, por com tudo isso, que os elementos materiais realmente alimentam o imaginário dos moradores e mesmo com sua dissolução no espaço, sempre se fazem presentes na memória dos moradores.

Quanto às escolas na localidade, ainda se percebe uma grande referência dos moradores poloneses mais antigos ao Colégio Santa Clara, por ter sido o primeiro colégio

¹⁴ De acordo com Deina (1990, p.50) a Banda Musical cuidava da preservação dos valores musicais, se apresentava em festas, procissões e recepções, era composta em média por quinze ou vinte pessoas e os ensaios eram realizados uma vez por semana na Casa do Povo. No entanto, segundo Mário Deina “com o passar do tempo, foram surgindo os meios de comunicação de massas, como o rádio e a televisão, e com isso o grupo foi se desligando até desaparecer” (1990, p.50).

¹⁵ O “JUNAK” ou Sociedade de Educação Física Juventus, era uma associação esportiva resultante da transformação do Comitê Provisório das Entidades Polonesas no Brasil. Tinha a finalidade de educar através do esporte e eliminar do seu meio as intrigas e as dissensões que há muito tempo existiam entre as várias organizações polonesas no Brasil. Em 1937, somente no Paraná, já existiam sessenta filiais do JUNAK, em Rio Claro do Sul, a primeira reunião realizou-se no dia 28 de agosto de 1931, criando a entidade “JUNAK de número 23” (DEINA, 1990, p. 49-50).

da localidade e por ter sido onde muitos destes estudaram. Neste Colégio existia a mais rica e valiosa biblioteca da localidade, mas com a mudança das Irmãs que atendiam o local, acredita-se que alguns livros foram distribuídos entre os moradores e outros foram levados pelas irmãs.

“Eu estudei no Santa Clara, fiz lá algumas das séries iniciais. As irmãs eram as professoras, tínhamos boletins e tudo. Mas muitos dos livros e documentos as irmãs levaram quando foram embora de Rio Claro. (WRONSKI, 2006).

Nesta escola polonesa ensinava-se a ler e escrever a língua portuguesa, no entanto, sem abandonar por completo o polonês. Isto porque, o contato com a população de língua portuguesa exigia certa adaptação para que atividades como o comércio, a convocação para o serviço militar ou a profissão, quando exercidos fora da colônia, pudessem ocorrer.

A adaptação à escola brasileira e aos moldes educacionais do governo do Brasil forçaram as escolas polonesas a utilizarem cada vez mais o português no cotidiano, abandonando gradativamente o idioma polonês. A expansão do rádio e da televisão também contribuiu para uma maior assimilação da língua portuguesa.

Kawka (2000) atenta para o fato de que nas últimas décadas “têm sido tomadas algumas iniciativas para a promoção do ensino do polonês no Brasil. Um grande problema tem sido a falta de pessoas habilitadas e de recursos didáticos” (p.113).

Em Rio Claro do Sul, algumas iniciativas neste sentido são notáveis. Os alunos das Escolas da localidade contam com aulas de polonês ministradas pela Sr^a Guizélia Wronski pelo menos uma vez por semana em contra-turno escolar. A comunidade em geral pode contar com o coral da Igreja, o qual anima as missas com muitos cantos e rituais na língua polonesa, muito incentivados pelo Padre Zdislaw Nabialczyk.

O Colégio Santa Clara não exerce mais a função educacional, apenas alguns encontros de catequese. Atualmente a localidade conta com a Escola Municipal Nossa Senhora de Monte Claro – Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1^a a 4^a Série, e com a Escola Estadual Adão Sobocinski – Ensino Fundamental de 5^a a 8^a Série.

Muitos dos entrevistados relatam que foi no Colégio Santa Clara que aprenderam a maioria dos cantos poloneses que não foram abandonados. Ao se passar pelo lado da Igreja, e se apreciar tanto esta última quanto o Colégio, parece ser como uma volta ao passado, onde o elemento material visível “perturba a mente” e traz a tona lembranças de acontecimentos que envolvem esta estrutura.

Muitas pessoas na comunidade, entre elas principalmente as crianças e adolescentes, conhecem e cantam com facilidade o Hino Nacional da Polônia o “*Polski Hymn Narodowy*”, segue um pequeno trecho com tradução:

**QUADRO 07 – TRECHO DO HINO NACIONAL DA POLÔNIA
("POLSKI HYMN NARODOWY")**

MAZUREK DABROWSKIEGO	MAZURCA DE DOMBRÓVISKI
<i>Jeszcze Polska nie zginęła Kiedy my żyjemy Co nam obca przemoc wzięła, Szablą odbierzemy. Marsz, marsz, Dąbrowski, Z ziemi włoskiej do Polski! Za twoim przewodem Złączym się narodem.</i>	A Polônia não desaparecerá Enquanto nós estivermos vivos. O que os estrangeiros nos tiraram Com sabre reaveremos. Marche, Marche Dąbrówski Das terras italianas para a Polônia! Sob teu comando Nós nos uniremos com a nação.

Fonte: IAROCHINSKI (2000, p.52).

Outra maneira, encontrada pela comunidade de Rio Claro do Sul para preservar a língua cotidianamente, foi através da substituição do canto "Parabéns a você" pelo canto sinônimo polonês do "Sto lat":

QUADRO 08 – LETRA DO CANTO PARABENS A VOCÊ ("STO LAT")

STO LAT	CEM ANOS
Sto lat sto lat Niech żyje żyje nam Sto lat sto lat Niech żyje żyje nam Jeszcze raz jeszcze raz Niech żyje nam	Cem anos cem anos Que viva que viva para nós Cem anos cem anos Que viva que viva para nós Mais uma vez mais uma vez Que viva viva para nós

Fonte: IAROCHINSKI (2000, p.50).

Em se tratando de empresas, atualmente se destacam em Rio Claro do Sul as madeireiras e ervateiras que sempre desempenharam papel fundamental na economia do local. Conta-se com três indústrias madeireiras, pertencentes a Alexandre Kovalski (distante três quilômetros da sede da localidade, mas que emprega muitos trabalhadores do local), a Bruno Alberto Panek e a Wilson Wronski. Conta também com duas ervateiras, pertencentes a Wilson Wronski e Alexandre Kovalski, indústrias estas que empregam quase que a totalidade dos moradores do distrito.

Convém ressaltar que tanto as indústrias madeireiras quanto as ervateiras pertencem a famílias de origem polonesa, que se destacaram na localidade pela administração e bom funcionamento.

Entre os aspectos de ordem religiosa e cultural até agora destacados, a perspectiva dos moradores poloneses prevaleceu, uma vez que se trata de elementos antigos e destacados da obra de Mário Deina (1990), sendo interessante notar que apesar da mudança da forma física e espacial, o imaginário construído pela apreciação da paisagem em união com a identidade cultural dos que a habitam prevalece.

À medida que se muda o contexto histórico e surgem novas tecnologias, a paisagem se modifica em seus elementos e revela características mais modernas e condizentes com a

contemporaneidade concomitantemente com elementos remanescentes de um passado mais ou menos remoto.

4.4 A PERCEPÇÃO DOS NOVOS ELEMENTOS NA PAISAGEM

À medida que se muda o contexto histórico e surgem novas tecnologias, a paisagem se modifica em seus elementos e revela características mais modernas, condizentes com a contemporaneidade, dividindo espaço concomitantemente com elementos remanescentes de um passado mais ou menos remoto.

Neta de imigrantes poloneses, Ana Kovalski Panek relata que seu avô faleceu ainda em Curitiba logo após ter chegado ao Brasil, seu corpo foi sepultado lá mesmo e sua avó veio com a filha (mãe de Ana) até Rio Claro juntamente com o engenheiro Sebastian Edmund Wós-Zaporski que foi quem demarcou e dividiu os lotes entre as famílias polonesas, ainda segundo ela, em Rio Claro do Sul:

“as primeiras casas era de barro e bracatinga, se plantava pés de fruta e sementes trazidas da Polônia, logo depois de tirar a mata, o que era muito difícil” (PANEK, 2006).

Nota-se pelo depoimento que realmente as condições, durante a instalação dos imigrantes em Rio Claro do Sul, não foram muito favoráveis e também que as casas que existem hoje diferem muito das casas da época da colonização. Inicialmente eram poucas as famílias polonesas que colonizaram Rio Claro. Acredita-se que na atual sede do distrito na época (por volta de 1890) viviam apenas quinze famílias, juntamente com alguns caboclos.

Tempiski (1971) ao fazer uma avaliação do que vem a ser o polonês, relaciona sua identidade com a paisagem, destacando algumas características e peculiaridades deste povo que podem ser visualizadas numa porção do espaço. Entre elas:

- Celeiro (*Stodola*) – “sua edificação se realizava comumente em uma área própria, e o seu estilo arquitetônico seguia o modelo da habitação do camponês” (p.338). Destaca também que no seu interior o calor era prejudicial e a ventilação era necessária, quase sempre tinha a forma quadrangular e servia para guardar grãos.
- Chiqueiro (*Chlew*) – “a sua construção e o material empregado para tal fim era muito simples [...] se abrigavam na maioria das vezes os porcos de engorda” (338-339), no entanto, também servia para o carneiro, o bezerro, as aves domésticas, etc.

- Estrebarias (*Stajnia*) – “se situavam em áreas próprias, eram separadas, em seu conjunto, com a residência do camponês” (339). Era delimitado um pátio de forma quadrangular, cercado – em algumas vezes – de tábuas ou arame.
- Cercado (*Plot*) – “a habitação e as demais edificações geralmente eram emolduradas por uma cerca” (340), confeccionada de tábuas, ripões, ou ripas mais delicadas, estas graciosamente recortadas em sua extremidade superior, imprimindo ao conjunto singelos elementos decorativos.
- Poço (*Studnia*) – “Cada estabelecimento dispunha de seu poço de água” (340). A água era retirada de maneira diversa: com o auxílio de uma longa vara ou ainda pela roldana, munida de uma corda ou corrente, em cuja extremidade era amarrado o balde.
- Mobiliário – Interessante característica polonesa são os bancos, mesas e cadeiras feitos de tronco de árvore ou tábuas habilmente confeccionados e comumente encontrados principalmente na cozinha ou na varanda das casas.

Todas estas características apontadas por Tempski (1971) podem ser encontradas em Rio Claro do Sul, principalmente nas edificações mais antigas. Por se tratar de uma localidade de características rurais, o celeiro, o chiqueiro e as estrebarias se fazem muito presente. Estas características são comuns a outros povos, mas foram consideradas tipicamente polonesas pelo fato de que este povo, desde sua chegada ao Brasil, passou a ser visto como camponês, e o é até os dias que correm.

Marcante em Rio Claro do Sul é a ornamentação das cercas. Feitas de tábuas, elas são recortadas na parte superior dando graça à habitação. Os lambrequins também se fazem muito presente, em grande parte das casas são encontrados e dão um ar especial à construção.

Considerando, entretanto, que a paisagem não é estática, está sempre em evolução, devem-se avaliar também os elementos que nela foram sendo gradativamente incorporados, bem como, de que maneira esta incorporação vem sendo percebida pelos moradores poloneses mais antigos de Rio Claro do Sul. Entre as novas edificações que passaram a fazer parte da paisagem do distrito estão: bares e lanchonetes, conjunto habitacional, posto de gasolina, mercados e a ampliação de uma construção datada de 1928.

Um elemento da paisagem que foi bastante destacado é o Conjunto Habitacional Vila Feliz, localizado na Rua Adolfo Rehbein e que abriga um grande número de famílias. Os entrevistados destacaram a importância deste elemento pelo fato de proporcionar às pessoas de baixa renda uma moradia mais digna apesar dos problemas de proximidade entre as casas.

“Eu acho que as casas são muito pequenas, mas todos têm direito a uma moradia digna, muita gente veio do interior para morar agora em Rio Claro” (PANEK, 2006).

Este conjunto habitacional também foi denominado popularmente como Vila Padre Zigmund, o que despertou nas pessoas um sentimento de satisfação e reconhecimento a um religioso que, segundo os entrevistados, muito fez pelo distrito. Isto pode ser notado no depoimento referente ao elemento material novo incorporado a paisagem:

“As casas populares com o nome do Pe. Zigmund que foi vigário durante 14 anos aqui em Rio Claro” (KOZLOWSKI, 2006).

Os bares, lanchonetes e mercados também foram mencionados, no entanto, apenas como construções para satisfazer as necessidades materiais e alimentares das pessoas. O posto de gasolina foi apresentado como elemento necessário, mas que tomou o lugar de uma construção residencial, que também exerceu a função de Cartório, da qual se destaca a qualidade da pintura e dos lambrequins, bem como as camélias e características polonesas:

“Eu gostava mais do antigo Cartório, era rosa e bonito, tinha flores e madeira recortada no beiral, era bem agradável. Agora é estranho passar pela rua e ver o posto de gasolina” (KASPRZAK, 2006).

Interessante é notar como essas características da modernidade vêm sendo aceitas e incorporadas pelos moradores. Na entrevista realizada, um elemento físico e material que se destaca é a ampliação da construção que servia de moradia e venda, datada de 1928, pertencente ao Sr. Ervino Kovalski, polonês de origem, o qual atualmente está buscando, através de uma nova construção, anexa a antiga, a preservação das características arquitetônicas originais, logicamente dispondo de materiais de construção bem mais sofisticados. A relevância repousa no fato da busca pela preservação de sua identidade étnica através da arquitetura.

Tal iniciativa vem sendo muito bem aceita pelos descendentes de poloneses da localidade, como se pode perceber na resposta à indagação sobre qual o elemento arquitetônico contemporâneo de Rio Claro do Sul que mais lhe chama a atenção:

“A construção da agropecuária do Sr. Ervino Kovalski, por ele conservar o estilo dos imigrantes, [...] que está na memória do povo de Rio Claro” (TYSKI, 2006).

Novamente se percebe a íntima relação da paisagem com o imaginário das pessoas e com as memórias do passado que geram um sentimento topofílico. Os lambrequins, tão presentes na paisagem do distrito também foram ressaltados. Kersten (2000) clarifica que

os lambrequins, ou “pingadeiras de polaco” como também são conhecidos, são “elementos recortados em madeira que dão um acabamento rendado aos beirais, são encontrados em habitações de diferentes grupos étnicos, mas constantemente nas casas polonesas” (p.74).

Percebe-se em Rio Claro do Sul que os valores topofílicos são muito mais numerosos e mais fáceis de se identificar do que os topofóbicos. Na relação das pessoas da comunidade com seu ambiente vivido transborda afeição e sentimento de apego, de enraizamento. Dentre os inúmeros elementos que compõe a paisagem da sede do distrito muitos infelizmente não puderam ser destacados neste trabalho por não representarem a mesma relevância dos que foram abordados visando o objetivo central do trabalho, o que não vem de forma alguma desmerecer sua importância para alguns habitantes.

Como se pode perceber, a população se insere em uma dinâmica cultural dos elementos da paisagem de uma maneira suave, com um sentimento de saudosismo por algumas edificações significativas, e recebem as novas com certa parcimônia, sempre tendo vivo no imaginário as antigas construções e guardando consigo todas as significâncias traçadas com o lugar pelo decorrer da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem aérea da localidade de Rio Claro do Sul, Mallet/PR.
Fonte: Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez uma das maiores controvérsias na busca por definições de padrões sociais comuns está na tentativa de estabelecer modelos culturais teóricos aplicáveis a todas as sociedades pluralistas existentes no mundo. As peculiaridades encontradas em cada uma destas sociedades as fazem únicas e sua herança cultural se apresenta moldada historicamente e diretamente ligada ao lugar geográfico no qual está inserida. Assim sendo, a relevância nesses estudos repousa nas análises das identidades locais, onde se percebe um gênero de identidade uniforme, onde se professam os mesmos princípios e se observam os mesmos valores culturais.

Neste sentido, utilizando-se de um aporte fenomenológico depara-se com a possibilidade de encontrar um caminho para a compreensão de uma sociedade portadora de valores comuns, em uma análise do mundo vivido, com uma metodologia voltada para o estudo dos significados das experiências pretéritas e de como estas podem influenciar e modelar o presente, resultando numa abordagem das ações do homem tais como ele as entende e não através de teorias e modelos abstratos.

Nesta óptica, a paisagem surge como um conjunto indissociável e em perpétua evolução, como fruto dos construtores sociais que a vem moldando, estabelecendo assim uma relação visual entre o grupo social étnico e o lugar em que este habita. Essas interligações sugerem o fato de que na paisagem o sujeito e o objeto são inseparáveis, portanto, a paisagem deve ser considerada não somente em função de onde ela é observada, pois se chegaria a uma definição simplista de que “é tudo o que se vê” e incompleta e falha por se limitar ao espaço que “os olhos podem perceber”. Nesta perspectiva, a paisagem deve emergir como resultado de uma dada cultura que a modelou, expressando-a em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos.

Tendo considerado toda dimensão teórico-conceitual, delimitou-se o distrito de Rio Claro do Sul, no município de Mallet/PR para um estudo enfatizando a discussão entre paisagem e identidade cultural, tendo como pano de fundo os conceitos de raça, etnicidade, povo e nação. A escolha do lugar se justifica no fato de que até hoje a maior parte da população do local é composta por poloneses; além disso, o lugar apresenta uma paisagem peculiar, com características materiais polonesas ainda fortemente preservadas, embora famílias não-polonesas partilhem o mesmo espaço. Tudo isto possibilitou uma rica discussão sobre os aspectos de ordem identitária e étnica.

No Brasil, em geral, as comunidades polonesas que se formaram tentaram permanecer fechadas a influências externas, em virtude da busca por manter as tradições; porém outras perderam seu caráter polônico assimilando outros modos de vida onde a dispersão populacional enfrentada por algumas dessas comunidades contribuiu para a

limitação dos laços étnicos. Para estes, a Polônia é um país bem distante, não só geograficamente.

Dessa maneira, percebe-se que vivendo no interior, em condições de certo isolamento, é mais fácil conservar os costumes, preservar a língua, a consciência de sua origem, enfim sua identidade étnica. Acredita-se que foi isso que ocorreu com a colônia de poloneses em Rio Claro do Sul.

Sabe-se que não foram os poloneses os primeiros a chegar à localidade. Antes destes, existiam os caboclos, com os quais os imigrantes teriam que aprender a se relacionar. Os primeiros poloneses chegaram a Rio Claro do Sul por volta de 1884, provindos de Campo Largo da Piedade (PR) e Ponta Grossa (PR) seguindo antigos caminhos de tropeiros, fixaram residência próximo a um rio de águas claras e límpidas, que deu nome à localidade: Rio Claro do Sul, tornado distrito político administrativo em 1938, fazendo parte do município de Mallet no centro sul do estado do Paraná.

O objetivo central deste trabalho foi levantar como o espaço vivenciado é percebido, apreendido e incorporado pelos moradores do lugar, com ênfase nos moradores de descendência polonesa, justamente por terem sido os primeiros a realmente colonizar o lugar e se dispor a fixar residência.

Frente a todas estas considerações, pode-se concluir que a identidade étnica polonesa não se manifesta apenas na paisagem, embora tenha sido este o recorte estabelecido nesta pesquisa, e sim que em Rio Claro do Sul a identidade polonesa se caracteriza por três elementos fundamentais: a paisagem, a religião e a língua.

A etnia polonesa simpatizante dos lambrequins, casas com varandas, tonalidades de cores vibrantes, busca também expor suas peculiaridades na paisagem de Rio Claro do Sul, onde além da arquitetura, o simbolismo das construções erigidas contribuem para tornar o espaço em “lugar” para esta comunidade.

Analizou-se num primeiro momento, utilizando-se da arquitetura para focar a paisagem, a forma e suas correlações com o contexto e a função, onde a forma física é a materialização no espaço da resposta a um contexto preciso, isto considerando que os cidadãos ao pertencerem a uma dada etnia buscam expressar suas características visualmente.

Evidenciou-se que os elementos da paisagem revelam as relações existentes entre forma e função, contribuindo para uma desmistificação do simbolismo que estes elementos portam, cujas alterações, incorporações e desaparecimento despertam nos moradores os mais variados sentimentos de nostalgia.

No sentido das relações entre forma e função com vistas na paisagem, destacou-se a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul como um elemento de considerável abrangência territorial e de extrema importância para os poloneses católicos do

lugar e também a Igreja Nossa Senhora do Rosário como cópia da famosa "Czestochowa" do Santuário Nacional da Polônia Católica, um marco para toda comunidade.

Ainda sob o ponto de vista religioso católico, destacou-se a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, inaugurada em 1940, atual Santuário Mariano Diocesano de Rio Claro do Sul, fundada por religiosos poloneses e grande orgulho da comunidade. Este lugar, visto como milagroso, pelos moradores conta com inúmeras histórias santas, é visto como um lugar santo, onde o imaginário religioso é alimentado.

Ressaltou-se também o "Kolegium Sw. Klary" (Colégio Santa Clara), que inicialmente funcionava onde atualmente é a residência do Sr. Sebastião do Rosário, e que na década de 1920 foi mudado para o lado da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Muitos são os relatos sobre este colégio, nele se ministravam as aulas e organizavam cursos de bordado, costura, culinária, entre outros.

A construção da década de 1920 ainda faz parte da paisagem e é muito reverenciada pelos moradores, pois neste local funcionava uma biblioteca rica e valiosa, um hospital e um internato masculino e feminino; atualmente abriga encontros de catequese, da Terceira Idade, palestras e reuniões de cunho católico, não é habitado, mas apresenta uma estrutura razoável quanto a acomodações e instalações.

Pode-se notar que os elementos religiosos destacados na paisagem do local representam para a comunidade as vias necessárias para a construção de uma identificação com o lugar, onde a imagem do ambiente construído reforça a solidificação do imaginário onde a religiosidade é realmente considerada como uma das principais formas de se manter o vínculo com as tradições caracterizando a identidade.

Discutiu-se também o papel das escolas que atenderam às necessidades educacionais dos alunos; as bibliotecas que serviram de fonte de consulta para os interessados e que hoje inexistem no local; a "Casa do Povo" que representa uma instituição de entretenimento e que atualmente ainda procura divulgar as características polonesas; as indústrias que apesar de não serem públicas como os outros elementos, atendem e empregam uma parcela significativa dos moradores desempenhando seu papel econômico; e o hospital que, no pouco tempo que existiu, tratou das enfermidades que ocorreram, e que hoje faz muita falta na localidade.

Dessa maneira, procurou-se demonstrar a realidade das alterações que a paisagem cultural do local sofreu e vem sofrendo, destacando as construções de origem polonesa que fizeram e fazem parte da paisagem, por acreditar que estas contribuem para o despertar do imaginário dos que ali residem, sendo este imaginário intimamente ligado com a caracterização da sua própria identidade étnica polonesa.

Abordou-se somente alguns dos elementos que compõe a paisagem do distrito, isso porque os que foram destacados são os que mais possuem relevância para o trabalho

respondendo o objetivo central. Após a abordagem espacial destes elementos, partiu-se para uma reflexão sobre as relações dos moradores para com estes elementos físicos da paisagem, bem como uma discussão acerca da maneira com que estes elementos influem na formação de uma identidade étnica polonesa no distrito.

A fim de se analisar a atual paisagem e formação identitária em Rio Claro do Sul, fez-se necessário se reportar às características que os poloneses trouxeram de seu lugar de origem, as quais buscam preservar na localidade onde residem. Percebeu-se que os imigrantes viviam na Europa em condições semi-feudais de vida, cultivavam a terra e criavam animais em um sistema rural, não estavam acostumados ao comércio e a opressão sofrida fez com que temessem o urbano e buscassem continuar a viver como camponeses, fato este que contribui para que o polaco seja logo associado com o rural.

Ao se ouvir as histórias de vida dos moradores, coletar depoimentos e entrevistar pessoas, sobretudo os mais idosos, foi possível reconstruir parte da história da localidade. No processo de integração com o novo lugar, os modos de vida trazidos da Polônia foram preservados. Na agricultura, instrumentos como o arado, a grade, a gadanha, o picador de palha, o mongoyal, o radnik, a alfange, e, sobretudo a carroça polonesa inda são largamente utilizados. Encontram-se ainda os lampiões “morcegos”, os “carijos”, os “barbaquás”, celeiros, chiqueiros, estrebarias, cercados artesanalmente recortados, bancos e mesas de troncos de árvores, entre outros. Todos estes elementos contribuem para fazer de Rio Claro do Sul, um lugar onde se preserva a identidade polonesa na paisagem e também no imaginário dos moradores.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário, o cerimonial religioso, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes (Santuário Mariano Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes), a “Sociedade Casa do Povo”, as casas com lambrequins, a ampliação das construções, são os elementos que mais se destacam na paisagem de Rio Claro, sob o ponto de vista dos moradores poloneses. Tais elementos contribuem para uma relação de afeição com o lugar, não visto como um pedaço da Polônia no Brasil, mas evidenciado como uma “porção do espaço” no qual foram preservadas características de grande significado emocional, uma identidade única diretamente ligada à etnia polonesa.

Quanto à religiosidade, a igreja era um centro espiritual onde o camponês satisfazia sua necessidade de comunicação com o próximo e com uma entidade superior, professando o catolicismo. No Brasil e em Rio Claro do Sul, essa necessidade acentuava-se ainda mais, devido ao isolamento em que passavam a viver. Logo na chegada à localidade de Rio Claro do Sul, os polacos escolheram o lugar mais alto do povoado para construir uma capela que ficou conhecida como “Czestochowa Paranska” e tinha uma torre de cinquenta metros de altura e era uma cópia da famosa “Czestochowa” do Santuário Nacional da Polônia Católica.

Concluiu-se que a religião é fundamental na formação da identidade cultural do polonês, pois se trata de um fenômeno cultural, um elemento estruturador da sociedade, o qual com o passar do tempo se manteve e vem sendo constantemente exaltado. Fato interessante foi perceber que os moradores que não são de origem polonesa participam das celebrações e fazem as mesmas reverências ao catolicismo que os polacos. Dessa forma, nota-se que a identidade polonesa católica não desapareceu, muito pelo contrário, se manteve viva ao ponto de fazer com que outros povos dela participassem.

Uma íntima relação com o interior, a carroça, os grãos, os animais, a religiosidade cristã, a língua polonesa as casas com tonalidades marcantes e os lambrequins, são marcas polonesas muito presentes em Rio Claro do Sul.

Essa consideração merece uma ressalva especial. Além dos poloneses de Rio Claro do Sul manter sua identidade étnica, estes acabam por conquistar a simpatia dos que vêm morar na localidade e não são de origem polonesa, construindo assim relações culturais íntimas de uma forma sutil para com os novos moradores. Essa atitude pode ser considerada relevante já que o polaco é bastante conservador, percebe-se uma abertura, já que a dinâmica cultural é inevitável, que pelo menos ela se processe de uma maneira a não descaracterizar ou desalojar os modos de vida poloneses, pelo contrário, que essa dinâmica contribua para reafirmar os hábitos culturais étnicos desta etnia em Rio Claro do Sul.

Finalmente, notou-se na localidade, que as características peculiares que conferem ao polonês sua identidade, nunca foram abandonadas, foram sim se adaptando à dinâmica cultural, ou seja, se modernizando, mas sempre referenciando suas características próprias, seja visualmente através da paisagem, seja socialmente através da língua, seja no imaginário através da religião.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMORIM FILHO, O. B. **Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais**. In: OLIVEIRA, L. e DEL RIO, V. (Org.) *Percepção Ambiental. A Experiência Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.139-152.

ANDERSON, W. A.; PARKER, F. B. **Uma introdução à Sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral e revisão técnica de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. 752p.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Cadernos de Ciências da Terra, São Paulo, n. 13, 1971.

BETTANINI, T. **Espaço e ciências humanas**. Tradução de Liliana Lananá Fernandes; revisão técnica de Moacyr Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Coleção Geografia e Sociedade; v.2. 157p.

BÍBLIA SAGRADA. **Livro do Êxodo (16, 2-4; 12-15)**. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Organizado sob a direção de Jesus Ruescas. São Paulo: Savadi Editorial Ltda, 1979. p. 47-83.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 6 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322p.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985. p.165-193.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 2.ed. Coleção: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol 2. São Paulo, Editora: Paz e Terra, 2000. 530p.

CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. 2. ed. Campinas: Papius, 1995.

_____. (2000) et. all.. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia E. Orth.. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (2001) **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim F. Alves. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

CLAVAL, P. A **Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

COLLOT, M. **Points de vue sur la representation des paysages**. In: L'Espace Géographique, n.3. Doin, 8, plce de l'Odéon, Paris-Vie, 1986

CORRÊA, C. H. P. **História Oral; teoria e técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 304p.

CULLEN, G. **El paisaje urbano**. Barcelona: Editora Blume, 1974.

DEINA, M. S. **Colônia Rio Claro: Esta Terra Tem História**. BRASPOL, Curitiba: Gráfica Vicentina, 1990.

DEMBICZ, A.; KIENIEWICZ, J. **Polônia e Polono-brasileiros: História e Identidades**. Tradução: Almir Gonçalves. Warszawa. Centro de Estudos Latino-Americanos: Universidade de Varsóvia: CESLA, 2001.

ENTRIKIN, J. N. **O Humanismo Contemporâneo em Geografia**. In: Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, 1980, v.10, nº 19, p.5-30.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Estudos Culturais: uma introdução**. In: SILVA, T. T. da. O que é, afinal, Estudos Culturais?. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.133-166.

_____. (2001) **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino americana**. Belo Horizonte: Autêntica.

FERRARA, L. D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

GERARDI, L. e SILVA, B. **Quantificação em geografia**. São Paulo: Difel, 1981. p.03-20;

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. (1991) A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora da UNESP – Biblioteca Básica.

_____. (1997) A. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP.

_____. (2002) **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (2005) **A Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed. 600 p.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. (2003) **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Tradução Adelaine La guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

IAROCHINSKI, U. **Saga dos polacos. A Polônia e seus emigrantes no Brasil**. 20.ed. Curitiba: [s.l.], 2000. 150p.: il., ret.; 23 cm.

JOHNSON, R. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In: SILVA, T. T. da. (Org) O que é, afinal, Estudos Culturais?. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.07-132.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed., [S.l.:s.n], 2000.

LEMINSKI, P. **Distraídos venceremos**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. 133p.

LANDIN, P. da C. **Desenho de paisagem urbana. As cidades do interior paulista**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004;

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução de Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. 344p.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

_____. (2001) **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas.

MELA, A. **A sociologia das cidades**. Tradução Eduardo Saló. Lisboa:Editorial Estampa, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Tópicos).

OLIVEIRA, L. e DEL RIO, V. (Org.) **Percepção Ambiental. A Experiência Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à Sociologia**. 22. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas. **Atlas do Estado do Paraná**. Curitiba, 1987, 73p. ilustr.;

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. In: Geografia, 4(7). Rio Claro: [s.n.], 1979.

SIEKLICKI, M. A.; GRENTESKI, F. **Inventário Turístico Municipal de Mallet**. Prefeitura Municipal de Mallet, 2002.

SPOSITO, E. S. **A questão do método e a crítica do conhecimento. Geografia e Filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004. p.23-72;

TEIXEIRA, S. K. **Imagens e linguagens do Geográfico**. Curitiba Capital Ecológica. São Paulo: FFLCH-USP. 2001 (Tese de doutorado).

TEMPSKI, E. D. **Quem é polonês**. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1971. (Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa do Paraná).

TUAN, Y. F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1980.

_____. (1982) **A Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel. Cap. 7, p. 143-164.

_____. (1983) **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel.

WACHOWICZ, R. **Homens da Terra**. Curitiba: [S.L.],1997. 337 p.

WACHOWICZ, R. C. **O camponês polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981. 152p.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

CARTA NÚMERO 24. Anais da Comunidade Brasileiro-polonesa. Superintendência do centenário da imigração polonesa ao Paraná. Vol III. Curitiba, 1977.

DEMBICZ, A. **Comunidade polônica latino-americana. Identidade continental, regional, local, perspectiva brasileira**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, nº1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.31-39.

DYLLA, Pe. Hugo. **Missões dos padres missionários poloneses no Brasil**. Anais da Comunidade brasileiro polonesa. Curitiba, 1971. Vol V. p.88-123.

IAROCHINSKI, U. **Porque Polaco!**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 5, nº2 (2003). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143.(p.111-124). p.111-124.

KAWKA, M. **A língua polonesa no Brasil: Estágio de uso e competência**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, nº1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p. 104-114.

_____. (2003) **Panorama histórico da língua e da literatura polonesa**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 5, nº2 (2003). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.37-55.

_____. (2005) **O polonês como língua estrangeira para os brasileiros**. In: Projeções: revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 7, n.1 (2005). – Curitiba: BRASPOL Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.64-81.

KERSTEN, M. S. de A. **Troncos, 'tabuinhas', tábuas, memória polonesa no Paraná.** In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, n°1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.72-82.

KULA, M. **Referências à História como uma das dimensões da identidade.** In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, n°1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p. 16-22.

NETTO, B. M. da R. **Poloneses no Paraná.** (Conferência). Publicado por: INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. Boletim Especial, Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa para o Paraná. Volume XIV. Curitiba, 1971.

WACHOWICZ, Rizio. **Histórico da BRASPOL.** In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, n°1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p. 122-125.

FONTES PRIMÁRIAS UTILIZADAS

ACERVO FOTOGRÁFICO DA ESCOLA ESTADUAL ADÃO SOBOCINSKI – Mallet/PR.

IBGE - Caderneta do Recenseador do Censo Demográfico de 2002. (Consulta da autora na Agência do IBGE de Irati – PR, na data de 05/05/06).

INVENTÁRIO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE MALLETT – PR. Prefeitura Municipal de Mallet/PR, 2000.

LIVRO DE REGISTRO DE ÓBITOS I. Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul, Mallet/PR.

LIVRO TOMBO I. Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul, Mallet/PR.

PSF. Programa Saúde da Família. Secretaria Municipal da Saúde de Mallet/PR. Caderneta do Agente Comunitário, 2006.

MEIOS ELETRÔNICOS DE CONSULTA

www.tchr.org/braz/socctba/br/histempo.htm, acesso em 09 de outubro de 2006.

www.ipardes.gov.br, acesso em 23 de janeiro de 2006.

www.ibge.gov.br, acesso em 23 de janeiro de 2006.

www.braspol.com.br , acesso em 23 de janeiro de 2006.

<http://www.tchr.org/braz/rioclaro/rioclaro.htm>, acesso em 23 de janeiro de 2006.

www.czestochowa.us, acesso em 28 de setembro de 2006.

ANEXOS

LISTAGEM DE ANEXOS

- ANEXO A** Cópia do laudo referente à análise da água da Gruta de Rio Claro do Sul.
- ANEXO B** Formulário da Entrevista semi-estruturada.
- ANEXO C** Decreto: Erigindo um Santuário Mariano Diocesano em Rio Claro do Sul.
- ANEXO D** Formulário da coleta de Depoimentos e Histórias de Vida

ANEXO A Cópia do laudo referente à análise da água da Gruta de Rio Claro do Sul.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
 SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA GERAL
Disciplina de Higiene Social

RESULTADO DE ANÁLISE DE ÁGUA

Análise n.º: 063/2006

Interessado (a): **PREFEITURA MUNICIPAL DE MALLET.**

Endereço: Av. Barão do Rio Branco, n.º. 649 – Centro Mallet/PR.

Ponto amostral: *Fonte Distrito de Rio Claro do Sul.*

Origem da amostra: **Fonte, "in natura".**

Data e hora da coleta: 13 de fevereiro de 2006 - 15 h e 40 min

Data e hora do exame: 14 de fevereiro de 2006 - 13 h e 30 min

Coleta realizada por: Wilson Surmacz, interessado.

Analisada por: Prof. Kloth e Técnico Edelor.

Os resultados da presente análise referem-se exclusivamente a amostra recebida no laboratório.

RESULTADO DO EXAME BACTERIOLÓGICO
--

Total de bactérias (UFC): 200/mL.

Coliformes totais (NMP): **435,2/100 mL.**

Coliformes fecais (NMP): **8,5/100 mL.**

Observação: A amostra, submetida à análise, revelou-se imprópria para o consumo humano, sem tratamento prévio e adequado, por não atender os parâmetros estabelecidos pela Resolução/Conama/357, de 17 março de 2005 e Portaria n.º 518, de 25 de março de 2004 do Ministério da Saúde. Por se tratar de sistema clandestino as fontes estão sujeitos as variações de sua composição bacteriológicas em razão das ocorrências de chuvas.

Metodologia: "Standard Methods for the Examination of Water and Wastewater, 20th Edition.

Ponta Grossa, 20 de fevereiro de 2006.


Prof. Dr. Alberto E. G. Kloth.

ANEXO B Formulário da Entrevista semi-estruturada.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Tema: Paisagem e Identidade Cultural.

1. Do ponto de vista religioso, o que mais lhe chama a atenção em Rio Claro do Sul, Mallet/PR. Por que escolheu esse elemento?

2. Do ponto de vista sócio-cultural, considerando elementos que existem ou que já desapareceram da paisagem, o que mais lhe impressiona ou impressionou em Rio Claro do Sul, Mallet/PR. Por que escolheu este elemento?

3. Considerando a arquitetura presente na paisagem da sede do distrito, como: os bares e lanchonetes, as “casas populares”, o posto de gasolina, os mercados, e as construções de arquitetura típica, o que mais lhe chama a atenção? Por quê?

4. Qual a sua relação com os imigrantes poloneses que colonizaram a localidade do atual distrito de Rio Claro do Sul, Mallet/PR e há quanto tempo mora na localidade?

5. O que mais aprecia na paisagem de Rio Claro do Sul, Mallet/PR e o que mais lhe incomoda na paisagem?

APRECIA: _____

NÃO APRECIA: _____

6. Que elemento componente da paisagem do distrito que desapareceu com o passar do tempo e mais lhe deixa saudades? Por quê?

7. Em sua opinião, o que falta na paisagem de Rio Claro do Sul, Mallet/PR? Por quê?

Nome ou ass. _____ Data: ____/____/____.

ANEXO C Decreto: Erigindo um Santuário Mariano Diocesano em Rio Claro do Sul.

DECRETO: ERIGINDO UM SANTUÁRIO MARIANO DIOCESANO EM RIO CLARO DO SUL

A Igreja Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertencemos pela fé operante e pelo batismo, se encontra implantada há vários séculos na região sul do Estado do Paraná. Entretanto, há muito tempo que os Pastores da Igreja no Paraná sentiram a necessidade premente de fomentar a manifesta unidade histórica, cultural, econômica e religiosa dos municípios que foram surgindo. Sua pertença, porém, a várias dioceses impediu o desenvolvimento de sua identidade religiosa, deixando marcas e lacunas que se fazem sentir até hoje.

Após vinte anos da criação e instalação da novel Diocese de União da Vitória, ainda não tínhamos um centro ou santuário mariano diocesano, para focalizar e dinamizar o ingente culto filial de nossos fiéis para com Maria, Mãe de Jesus.

Ressentindo-se dessa grave lacuna, os delegados das comunidades, durante a V Assembléia Diocesana e a VIII Assembléia Diocesana do Conselho dos Leigos de União da Vitória (CL-UV), como que por inspiração ou instinto divino, sugeriram a criação de um santuário mariano entre nós, como de um eixo irradiador de nossa filial devoção para com Maria de Nazaré, chamada por sua Santidade, o Papa João Paulo II, "a Estrela da primeira e da nova Evangelização" (Sto. Domingo, em 1992).

A reação favorável espontânea e entusiasta, comprovou o acerto e a urgência da medida adotada. A indicação do local e daquela Comunidade Centenária a ser elevada à categoria de "Santuário Mariano Diocesano", recebeu o aval de todos os delegados presentes.

Passados alguns meses, e após consultar o atual pároco da paróquia Nossa Senhora do Rosário, de Rio Claro do Sul, o Reverendíssimo Padre Gerard Pilich, da Sociedade de Cristo, e o Reverendíssimo Superior Provincial da Mesma Sociedade, Padre Zdzislaw Malczewski, ambos mostrando-se de acordo, havemos por bem proceder ao ato canônico da criação desse santuário mariano.

PORTANTO, EM VIRTUDE DE NOSSO OFÍCIO EPISCOPAL, E APÓS AMPLA CONSULTA E CONCORDÂNCIA EM PLENA ASSEMBLÉIA DIOCESANA, DECLARAMOS E PUBLICAMOS, QUE A IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SITA NA VILA DE RIO CLARO DO SUL, NO MUNICÍPIO DE MALLET, ESTADO DO PARANÁ, FICA, POR ESTE ATO PÚBLICO E PERPÉTUO, ERIGIDA. CANONICAMENTE EM SANTUÁRIO MARIANO DIOCESANO, SOB O MESMO TÍTULO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, GOZANDO DOS PRIVILÉGIOS E DAS OBRIGAÇÕES CONCOMITANTES A DIGNIDADE CONCEDIDA; EM NOME DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO. AMÉM!

Caberá ao Bispo Diocesano organizar, ao menos uma peregrinação diocesana por ano, e zelar pelo crescimento espiritual e missionário do povo fiel e devoto, para que Maria, Mãe do Redentor, seja "para os cristãos a caminho do grande Jubileu do terceiro milênio, a Estrela que lhes guia os passos com segurança ao encontro do Senhor" (TMA 59.3)_

Caberá ao pároco atual e a seus sucessores, proverem para que o novo Santuário seja acolhedor aos peregrinos e romeiros, propiciando-lhes, até com a colaboração das autoridades diocesanas e da própria família religiosa, um atendimento espiritual e pastoral à altura, por meio da partilha organizada da Palavra de Deus, da administração dos Sacramentos da Fé e do envolvente misticismo marial que leva mais facilmente a Jesus. E no conhecimento e no amor da Mãe de Jesus, que ficarão mais salientes os autênticos traços da humanidade salvadora de seu Filho, Jesus Cristo.

Enfim, caberá a todos fomentar peregrinações paroquiais, ou de outros grupos qualificados, ao novo Santuário Mariano Diocesano, incrementando a devoção do Santo Rosário, como instrumento de intercessão e de aprofundada meditação dos Mistérios Salvíficos da Encarnação e Redenção Pascal de Jesus Cristo: Aquele que é "a Luz verdadeira que todo homem ilumina" (Jo 1,9).

Outras disposições canônicas e Pastorais serão publicadas em tempo oportuno.

SALVE-MARIA

Dado e passado em nossa Cúria Diocesana, sob o nosso sinal e selo de armas, aos vinte e três do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e noventa e sete (23102197).

- União da Vitória. PR.

Walter Michael Ebejer, O.P. Padre José Chipanski Rose Maria Burzynski

(Decreto da criação do Santuário Mariano Diocesano. Fonte: Jornal Malletense, 17 de março de 1997)

